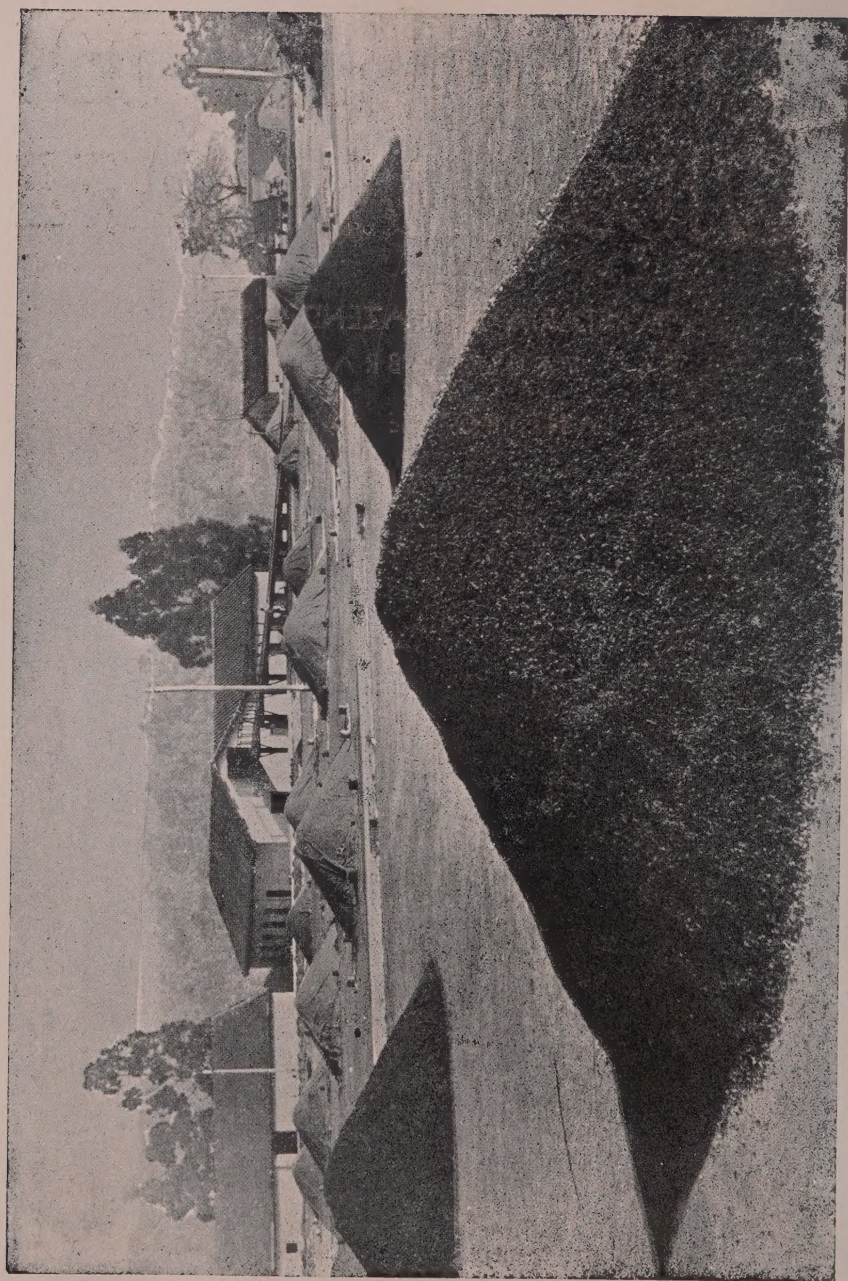
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA

SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXX • JANEIRO DE 1955 • N.º 335

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Sède: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXX | JANEIRO DE 1955 | Número 335

Sumário

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICAS:

NOSSA CAPA: "Cafèzais novos em terras velhas", eis um "slogan" que lançámos há muito tempo, por estas páginas. Plantado em **velhas** terras de Campinas ("Fazenda Cachoeira", do Sr. Dário Freire Meirelles), em curvas de nível, com adubação verde e semente selecionada, o cafèzal cuja foto ilustra nossa página de capa é bem uma prova de que não há terras **velhas** para lavradores de idéias **novas.**

Colaboração

TRAÇÃO

PNEUS

Firestone

CHAMPION

Barras abertas ou
Barras de centro
de Tração

para o máximo de
rendimento segundo
as condições de seu terreno

Alguns característicos que explicam
a GRANDE TRAÇÃO dêstes dois pneus **Firestone** CHAMPION

Barras curvas e cônicas

Êste desenho permite que as barras agarrem melhor no solo, dando ao pneu o máximo de tração.

Banda de rodagem mais larga e chata

Maior área de contacto com o solo maior tração e vida mais longa para o pneu, porque o desgaste é mais uniforme.

Barras maiores e mais profundas

Agarram firmemente o solo, eliminando derrapagens e assegurando o máximo rendimento.

O espaço é afunilado entre as barras

As barras abrem-se para fora, nos ombros. Êsse desenho impede o acúmulo de barro ou lama. O pneu limpa-se sòzinho, enquanto roda.

PRODUÇÃO E TRANSPORTE

J. TESTA

Mui difícil tarefa é governar o Brasil de nossos dias. E isso não tanto pelas injunções da política, pela vastidão territorial, ou, ainda, por questões oriundas da situação social, educacional ou racial dos brasileiros.

Não são essas as dificuldades principais, e sim a que provém do fato de que todos os nossos problemas se tornaram agudos a um só tempo, e, tendo que resolvê-los simultâneamente, cria-se tarefa verdadeiramente impossível, já pela sua magnitude já pelo entrelaçamento das questões, que mùtuamente se interpenetram e se atrapalham.

Temos, agora, um caso típico: o do aumento do preço dos combustíveis. Interessado em conter, por todos os meios, o inflacionismo, inclusive pela contenção das importações, entende o sr. Ministro da Fazenda que um maior ágio sôbre os combustíveis lhes reduzirá as aquisições, forçando, destarte, economia de divisas, ao mesmo tempo que aumentará as receitas do fisco. É tese que está por demonstrar-se. Ao mesmo tempo, querendo encarecer os benefícios dessa limitação, pretende o professor Gudin, como é compreensível, demonstrar que mui pequena influência terá o aumento do preço dos combustíveis sôbre o custo da vida, tese que, também, está por demonstrar-se, e com a qual não se pôs de acôrdo o General Pantaleão Pessoa, diretor da COFAP.

* * *

O assunto gerou, como era de esperar-se, acirrada polêmica, ainda não terminada. E vieram à baila todos os aspectos marginais do problema: competição entre o transporte rodoviário e ferroviário, em detrimento dêste último; deficiências de nossa organização ferroviária e da navegação costeira; opiniões sôbre a restrição das importações de veículos automotores; navegação fluvial; rêde de armazéns e de silos estratègicamente distribuídos.

Seria difícil, em reduzido espaço, discutir minudentemente todos os aspectos da questão. Pode-se, todavia, examiná-la em plano de conjunto, pois suas grandes linhas estão à vista para quem a tenha estudado.

Antes de mais nada, cumpre reconhecer que é enormemente mais caro o transporte por meio de caminhão, que só se justifica para pequenos percursos, o que não acontece no Brasil, onde existem linhas rodoviárias de tráfego permanente entre pontos tão distantes como, por exemplo, São Paulo e Rio Grande do Sul ou São Paulo e Recife. Absurdo econômico, evidentemente, e por dupla razão: enorme majoração de despesas (gasolina, peças de recâmbio, etc.) e asfixiamento das ferrovias, muitas delas pertencentes à União ou aos Estados, e que sofrem, destarte, permanentes deficits, pois apenas lhes sobeja a carga mais pesada e que paga menos frete.

Será, entretanto, do transporte rodoviário a culpa? Ou do deficiente, deficientíssimo aparelhamento da maior parte das nossas ferrovias, cheias de curvas (pois foram construídas à base de subvenção quilométrica), deficientes em material rodante e permanente, mal servidas de pessoal, sem horários, sem metodização?

E acresce ainda a deshonestidade muito comum do transporte ferroviário, onde é habitual o desfalque de mercadorias transportadas. E acresce a demora. Como, então, proscrever-se o serviço rodoviário, num país de distâncias imensas, onde até o próprio avião é, cada vez mais, um veículo de carga?

Não seria remédio nivelar por baixo. Nada resolveria piorar ou suprimir o transporte rodoviário para emparelhá-lo com o ferroviário. Cumpre é que seja êste melhorado, como acontece nos Estados Unidos e na Europa, onde as ferrovias suportam brilhantemente a concorrência, introduzindo a cada dia novos aperfeiçoamentos nos seus já modelares transportes ferroviários, apresentando comboios à média de 120 quilômetros, ar condicionado, cinema, e, o que é melhor, horários. Possuem os Estados Unidos 30 vêzes mais caminhões do que nós e uma rêde modelar de grandes rodovias. Deviam estar falidas e arrancadas as ferrovias, há muito tempo, se não aceitassem a luta e a concorrência.

Haveria que falar, também, da navegação de cabotagem e da fluvial. Pràticamente, não as temos. Reclama o Lloide Brasileiro, freqüentemente, que não se lhe dá preferência e não se lhe confia suficiente massa de transporte com que possa fazer movimento financeiro adequado. Todos gostariamos de fazê-lo, pois se trata de um próprio nacional. Mas como, se a demora fica além de qualquer espectativa, e, mais, chegam as mercadorias ao destino, frequentemente, com faltas e avarias?

Dentre os numerosos elos da cadeia de problemas a que nos referimos, linhas acima, o dos transportes é, por certo, dos mais importantes, pois interfere diretamente com o custo da vida. Não o resolveremos, todavia, com meias medidas. Sem um plano orgânico, a longo prazo e continuado, nunca chegaremos a uma solução positiva.

A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro

O. T. MENDES SOBRINHO
Engenheiro-Agrônomo
Subdivisão de Estações Experimentais,
Instituto Agronômico de Campinas.
Estado de São Paulo

(*Continuação*)

7 — ANGOLA

7.1 — *Roteiro da Viagem*

Procedentes de Leopoldovile, Congo Belga, chegamos a Luanda em 20 de Agôsto de 1950. O programa da nossa estada em Angola obedeceu a seguinte ordem, assinalada no mapa (figura 33), segundo datas e lugares visitados:

Dia 20-8-50 — Visita à estátua de Salvador de Sá, o brasileiro Libertador de Angola do jugo holandês; pernoite em Luanda.

Dia 21-8-50 — Organização do programa de visitas ao país, com assistência do Diretor dos Serviços da Agricultura, do Vice-Presidente da Junta de Exportação do Café Colonial e respectivos técnicos; pernoite em Luanda.

Dia 22-8-50 — Visita ao Pôsto de Ambriz, na Província do Congo; idem à usina rebeneficiadora de café, em construção; idem ao Colonato Indígena do Vale do Loge; pernoite no Uige.

Dia 23-8-50 — Visita à primeira usina beneficiadora de café, instalada pela Junta de Exportação, equipada com máquinas Blasi, fabricadas em Botucatú SP; idem à fazenda de café Alto Minho, do sr. Ernesto Vivo Penna; trânsito pela zona cafeeira do norte e pernoite em Vila Salazar.

Dia 24-8-50 — Visita à Estação Agrícola Central, pertencente aos Serviços de Agricultura da Colônia; idem à Brigada de Combate à Mosca do Sono; pernoite em Malange (zona algodoeira).

Dia 25-8-50 — Visita à Estação Experimental de Sunginge, pertencente à Cica (Centro de Investigação Científica do Algodão); idem à usina de algodão da Concessionária Cia. Geral do Algodão de Angola; pernoite em Malange.

Dia 26-8-50 — Trânsito para Quibala, Província de Benguela, via cachoeira do Cangandala no rio Quanza; pernoite em Quibala.

Dia 27-8-50 — Trânsito para a Gabela, a cafelândia angolana; visita ao Pôsto de Fomento da Junta do Café; pernoite na Gabela.

Dia 28-8-50 — Visita a "CADA" (Companhia Angolana de Agricultura), grande organização cafeeira; idem a Roça Monte Alegre, fazenda de café do sr. Carrolo; pernoite na Gabela.

Dia 29-8-50 — Trânsito para Nova Lisboa; visita ao acampamento da "BER" — Brigada de Estudos e Reconhecimento Agrológicos; pernoite em Nova Lisboa.

Dia 30-8-50 — Visita à Estação Experimental de Melhoramento de Plantas da Chianga; em trânsito para a Ganda (zona do milho) visita à Estação Zootécnica da Ganda; pernoite na Ganda.

Dia 31-8-50 — Trânsito para Caconda; visita à Fazenda São Miguel (exploração de sisal); idem ao Pôsto de Fomento da Ganda, da Junta do Café (zona do *C. arabica*); idem à fazenda de café da sra. Emmy Yaspert Ikas; pernoite em Caconda.

Dia 1-9-50 — Trânsito para Sá da Bandeira; visita às áreas de colonização indígena dos vales do Cué, Longuri, Cupacassa, Catape, Vionga e Uaba; pernoite em Sá da Bandeira.

Dia 2-9-50 — Regresso à Capital, por via aérea, com escalas por Mossâmedes e Lobito; pernoite em Luanda.

Dia 3-9-50 — Partida para a África Equatorial Francêsa, via Leopoldovile.

Em Angola cobrimos um percurso de 5.000 km, sendo 2.020 km aéreos e 2.980 em automóvel.

7.2 — *Descrição geográfica*

a) *Posição geográfica* — Angola é país marítimo da vertente Atlântica. Situa-se entre os paralelos de 4°55'S e 16°40'S e entre as longitudes 11°55' e 24° leste de "Greenwich". À faixa terrestre abrangida por Angola, correspondem os nossos Estados costeiros do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

b) *Limites* — São os seguintes os confrontantes com Angola: União Sul Africana ao sul; Congo Belga ao norte; Oceano Atlântico a oeste; Rodézia do Norte e Congo Belga a leste. Há ainda a considerar o Distrito de Cabinda (Província de Luanda) ao norte do Rio Zaire, separado do país pela testada oceânica do Congo Belga e confinada pelo Atlântico a oeste, África Equatorial Francêsa, ao norte e Congo Belga e leste. Os portuguêses dão o nome de Enclave de Cabinda a êste território ilhado em terras do Congo e África Francêsa.

c) *Extensão territorial* — As distâncias máximas norte-sul e leste-oeste, medem aproximadamente 1.400 km e 1.250 km; a linha costeira tem o comprimento de 2.100 km; a extensão territorial se traduz por uma área de 1.259.000 km^2.

d) *Topografia* — O território de Angola, encarado de um ponto de vista geral, é representado por uma sucessão de planos: *Zona Costeira* com altitude que vai do nível do mar até 400 metros, sendo que essa faixa costeira tem larguras variáveis de zero metros na região faleziana de Ambriz, distanciando-se, do mar, no sul, por mais de 200 km da costa ao sopé do contraforte do planalto de Mossâmedes. *Zona Subplanáltica,* constituída pela faixa de terra, que se estende de norte a sul, confinada pela zona litorânea e o grande planalto angolano; êste trato de território está delimitado entre as altitudes de 400 e 1.000 metros acima do mar e sofre diversas soluções de continuidade ao norte e ao sul do vale do rio Cuanza; é região ravinosa, voltada para o Atlântico, verdadeiro contraforte do grande planalto, que recebe as correntes aéreas do oceano carregados de umidade, contra o qual os vapores da atmosfera se condensam e se precipitam em forma de chuvas e nevoeiros; o clima e a floresta da região, constituem o habitat natural do *C. canephora* e a área de exploração econômica dêsse cafeeiro; *Zona do Grande Planalto,* com altitudes variáveis entre 1.000 e 1.500 metros; é bastante montanhosa na vertente da margem esquerda do rio Cuanza, amenizando para o oeste e sul, onde adquire feição semelhante à região limítrofe do Congo; sôbre êste altiplano, assenta uma

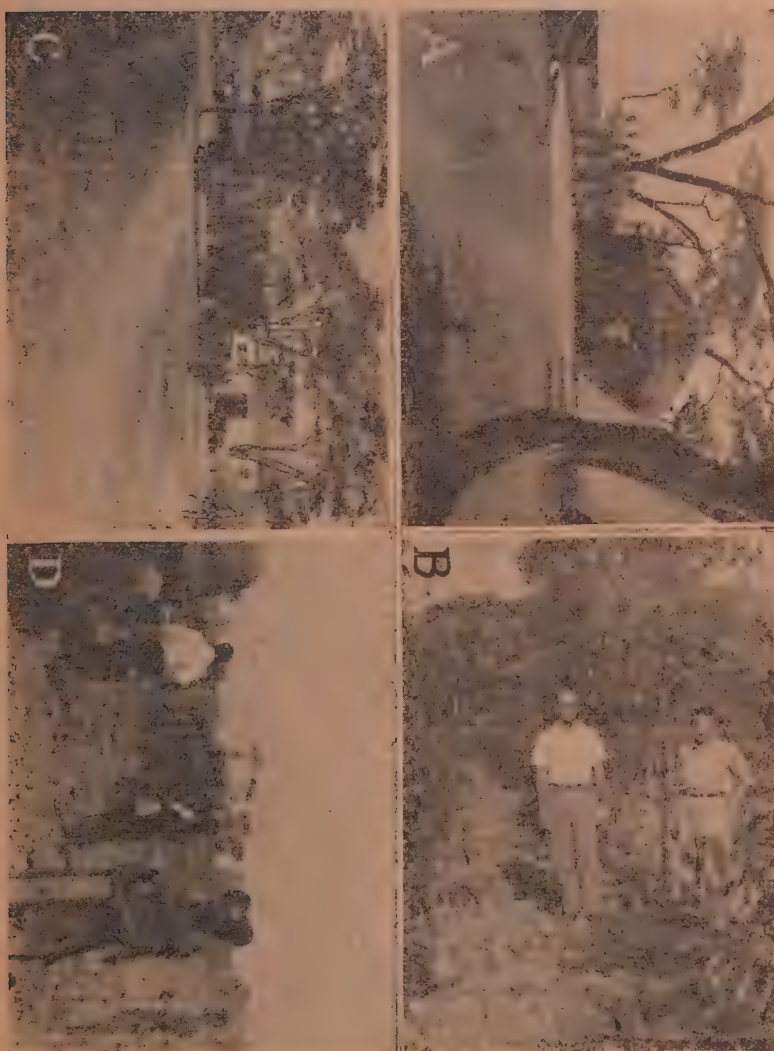



FIGURA 35. — Aspectos de Angola — "A", acampamento da BER (Brigada de Estudos e Reconhecimentos Agrológicos), Cela, Província de Benguela, 29-8-50; "B", Posto de Fomento da Ganda, pertencente à Junta de Exportação do Café Colonial, cafeeiros (*C. arabica*), irrigados, Província de Benguela, 31-8-50; "C",Colonato Indigina de Cupacassa, centro de operações, Caconda, Província de Huila, 1-9-50; "D", Colonato Indígena de Cué, agricultores preparando uma estrada, Caconda, Província de Huila, 1-9-50.

extensa planície mais elevada, acima de 1.500 metros, que toma as denominações do planalto de Benguela e de Mossâmedes, respectivamente em cada uma das áreas que têm êsses nomes.

e) *Hidrografia* — Angola constitui uma região intermediária, entre o intenso sistema hidrográfico do rio Congo e as terras áridas do sudoeste africano. O deserto de Mossâmedes já é a insinuação geofísica do Deserto do Kalahari, que se extende pela União Africana a dentro.

A três rios, dos quais dois de renome mundial, pertence o sistema hidrográfico de Angola; ao rio Zeire e Cuanza no norte e o Zambeze no sul; o divisor das duas águas maiores é o espigão sôbre o qual se desenvolve o *caminho de ferro* de Benguela, que partindo dessa localidade marítima, atinge a fronteira do Congo Belga com um comprimento de 1.350 km; ao norte da ferrovia as águas vertem para o Atlântico através do rio Zaire e do Cuanza; ao sul correm para o Oceano Índico, através do rio Zambeze.

O Cuanza possui rica rêde de afluentes; seu vale constitui precioso potencial hidroelétrico e é genuino rio angolano: — nasce e se lança no oceano sempre por terras de Angola.

Outros cursos dágua de menor importância, descem dos altiplanos e desaguam diretamente no Atlântico; o último dêles, na divisa do Sudoeste Africano, é o Cunene.

Angola não possui lagos como os países centro africanos.

Na zona litorânea os pequenos cursos d'água secam na estiagem e o aspecto da natureza não é menos desolador do que o da planície tanganicana; nem mesmo o baobá, despido de fôlhas, falta para entristecer o ambiente; mas a medida que se vai galgando a ribanceira para o interior, os córregos e ribeirões vão aparecendo e, no planalto, se multiplicam tornando densa a rêde hidrográfica.

7.2.1 — *Solos*

Quatro formações geológicas principais deram origem aos grandes tipos de solo de Angola:

Sistema das rochas básicas compreendendo a área sulina, voltada para o Atlântico, entre os rios Cuanza e Cunene.

Sistema oendolongo, abrangendo uma faixa que, partindo de Sá da Bandeira, contorna o maciço magmático e, progredindo para o norte, inflete à esquerda, se justapõe à costa em adelgaçada corrida que vai quase até a margem do Zaire; os conglomerados, xistos e quartzitos, representam os elementos estruturais dos solos que repousam sôbre esta formação.

Entre os sistemas descritos se desenvolve uma sucessão de reboleiras de solos originários do granito e, não obstante as soluções de continuidade, o conjunto tem a forma de uma cunha, cuja base constitui a região do Uige e a ponta, voltada para o sul, termina na altura de Nova Seles. Sôbre êste trato de território acha-se estabelecida a cafelândia angolana.

Sistema de "Karro", assim chamado pelos geólogos sul-africanos; a palavra "karro" é uma corrutela do vocábulo "karusa", que significa sêco ou estéril; esta formação ocorre no nordeste do altiplano angolense, na bacia do rio Congo.

Sistema "kalaari", abrange três quartas partes do território angolense, interessando a área confinante com o Congo Belga, Rodésia e Sudoeste Africano; os solos desta região derivam, sobretudo, da decomposição do granito e do gnaisse.

7.2.1.1 — *Uso do solo*

São três as formas principais de uso do solo em Angola: a) exploração de plantas perenes, como café, dendêzeiro e semi-vivases, como a cana de açúcar e sisal; b) lavouras de plantas alimentícias de ciclo anual; c) prática de pecuária extensiva. Exceção feita dos palmares, canaviais e piteirais, qualquer das três formas é praticada indistintamente, por europeus e indígenas.

A lavoura canavieira e os dendezais, ocupando terras baixas, úmidas e planas na faixa litorânea, acham-se naturalmente protegidas contra a erosão do solo; a preservação da terra nos cafèzais é uma resultante do sombreamento, imposto pelas condições locais; o bom uso da terra, pois, em Angola, na exploração das "culturas ricas", como ali as chamam, não resulta de política de proteção do solo, quer pelo govêrno quer por particulares.

A exploração das "culturas pobres" — milho, feijão e mandioca, praticadas mais pelos indígenas que europeus, é fator de empobrecimento progressivo do solo angolense. O nativo produtor de alimentos, criador ou caçador, se utiliza do fogo como instrumento básico ao sucesso da sua parca indústria extrativa. O cêrco à caça, a queimada dos campos para a apascentação dos rebanhos e a limpeza do chão para a "machamba" (roça) do prêto, feitos a fogo, degeneram nos incêndios que assolam o país na estiagem. Por falta de aceros ou outros cuidados comesinhos que limitem a ação da queimada, a limpeza de uma simples roça indígena provoca incêndios intermináveis que varrem as savanas angolenses calcinando-as severamente; só escapam as galerias florestais, permanentemente verdes, por causa do lençol d'água mais superficial nas depressões do terreno onde êsse tipo de vegetação arbórea aparece.

Os métodos tradicionais de agricultura do nativo de Angola, não diferem dos de outros rincões africanos, onde o prêto não foi compelido a evoluir; a extração de alimentos da terra continua a ser feita por meio de três operações apenas: limpeza do chão a fogo, semeadura e colheita.

As cabeceiras dos afluentes do rio Cuanza e as terras da bacia do Zaire, que fazem parte dos planaltos de Luanda e Malange conservam, nos grotões e vales, as reminiscências da "floresta umbrosa" que vestia aquelas regiões e foi destruída pelo fogo secular do negro.

O leste e norte angolenses, excetuados o maciço florestal da margem direita do rio Cuango, na fronteira congoleza e a Baixa do Cassange, constituem região de savanas recobertas de capins rasteiros e arbustos retorcidos; lembram os nossos campos de pau torto do glacial; a enorme região, varada anualmente pelo fogo do indígena, apresenta fitosociologia inteiramente diversa da original.

Na província de Luanda, mesmo em zonas cafeeiras, transitamos campos contaminados pela mosca do sono, onde não se via gente ou animais, mas a paisagem completamente devastada pelo incêndio; apenas as árvores das galerias florestais, com sua côr verde, quebravam a monotonia ambiente, contrastando com o tom pardo acinzentado da herva e arbustos esturricados.

A falta de compreensão do nativo e o regime pluvial de Angola, semelhante ao nosso, com estação sêca e chuvosa, favorecendo as queimadas na estiagem, são fatôres responsáveis pela degradação do solo; a terra despida pelo fogo fica exposta aos primeiros aguaceiros da estação e o arrastamento da camada superficial será conseqüência inevitável.

FIGURA 34. — Aspectos de Angola — "A", Colonato Indigina do Vale do Loge, seca do café Robusta ao sol, em terreiro de terra, prática típica do nativo preparar o produto, província de Malange, 22-8-50; "B", Estação Experimental de Sunginge, do Centro de Investigação Científica do Algodão, residência do Encarregado, Baixa do Cassange, Província de Malange, 28-8-50; "C", Estação Experimental de Algodão de Sunginge, campo de linhagem de algodão 052, 25-8-50; "D", Posto de Fomento do Amboim, pertencente à Junta de Exportação do Café Colonial, cafeeiros (*C. arabica*, var. *Caturra*) introduzidos do I. A. de Campinas S.P., Gabela, Província de Benguela, 27-8-50.

7.2.1.2 — *Zoneamento agro-econômico*

Correlacionando solo, clima e altitude, o território angolano pode ser dividido em quatro zonas geo-econômicas, ou melhor, agro-econômicas, já que a atividade fabril em Angola é quase inexpressiva.

. *Zona baixa ou litorânea*, na qual se desenvolvem as seguintes explorações: *algodão* — de Sá da Bandeira para o norte, ocupando as áreas mais sêcas, adensando-se a cotonicultura ao redor de Vila Salazar, no Médio Cuanza; *cana de açúcar* e *dendêzeiro* — as lavouras principiam ao redor de Novo Redondo, no sul e progridem para o norte até o Enclave de Cabinda em forma de reboleiras esparsas; estas duas culturas ocupam as depressões do terreno, úmidas e frescas, onde a água do solo, e não a das chuvas, garante-lhes o sucesso econômico; *pecuária* — o gado grande e rebanhos de pequenos animais acham-se pràticamente ausentes da faixa costeira — ao sul por causa da escassêz d'água, e, do Lobito para o norte, a tsê-tsê aparece como fator limitante das atividades criatórias.

Zona das florestas (Subplanáltica) — é a faixa do café que, no sul, acompanha o tôpo da ribanceira marítima, interessando também a margem esquerda do rio Cuango, na fronteira congolense.

Zona alta ou das gramíneas — nela se localizam as lavouras de milho, nas cabeceiras dos rios Cuanza e Cubango, e bem assim, as de sisal; e a pecuária impedida de se desenvolver ao norte, sobretudo, no vale do Cuanza por causa da mosca do sono, tem significação econômica no norte.

Zona da borracha — a leste e de ambos os lados do espigão divisor das águas grandes do Zaire e Zambeze, medram espontâneamente a *Carpodina* sp, a *Landolphia owariensis* Beauv. e *L. Chylorrhisa*, gomíferas africanas que dão o nome à região; a primeira é uma planta sarmentosa, enquanto que as da outra espécie são árvores de majestoso porte.

A mandioca aparece cultivada por tôda parte, onde quer que haja nativos, mas é sobretudo, no vale do Cuanza que seu uso está intensificado, não apenas como alimento, mas até como matéria prima de uma nascente indústria de amidonaria.

7.2.2. — *Geo-botânica*

O fogo que antecede a agricultura predatória do prêto, e o incêndio como expediente de cêrco à caça, calcinando a matéria orgânica e expondo a terra à erosão, alteraram, sensìvelmente, a sociologia florística primária dos altiplanos angolenses, em sua quase totalidade.

Na faixa litorânea, para o norte do 13° paralelo, a semi-aridez é denunciada, pela presença do boabá, euforbias e acacias espinhosas ("espinheiras"), enquanto que para o sul dessa linha a escassêz d'água é mais acentuada ainda, emprestando à paisagem a feição de *deserto de sêca*. As associações florísticas do tipo *Litorideserta* e *Mobilideserta* refletem com fidelidade o tipo climático. A topografia é boa, o chão arenoso claro é friável, mas os rios que se extinguem na estiagem e a tsê-tsê impelem o homem, e sobretudo o boi, para paragens menos adversas. Contudo, roças de algodão e de mandioca denunciam a presença do indígena nas áreas não invadidas pela Glossina, bem como, a do homem branco ao pé dos canaviais e palmares de dendêzeiro das grandes emprêsas de europeus. Povoamentos típicos da região: norte — *Acacia detinens* Burch.,

A. etbaica, Del., *Euphorbia bellica* Hiern., *Adansonia digitata* Juss; sul (Mossâmedes) *Welwitschii mirabilis* Hook, *Dantonia mossamedensis* Rendle, *Aristida prodigiosa* Welw., *Hyphaene ventricosa* Kirk.

Paralela à zona baixa se desenvolve uma faixa que, no norte, atinge até 300 metros de altitude e progredindo para o sul vai perdendo altura até se abrir no Deserto de Mossâmedes; ao norte, a topografia ladeirenta favoreceu a descida das enxurradas do planalto, a água foi rasgando a terra e formando uma seqüência de grotões e cristas, vegetados os primeiros por associações não arbóreas, e os cabeços escassamente recobertos pelo sapé e relva baixa; nos pontos mais erodidos, uma extensa corrida de seixos rolados, de quartzo leitoso, está a mostra sem qualquer vegetação; nem mesmo essa paragem erma escapa à passagem do incêndio ateado algures.

A partir dos 400 metros, o terreno torna-se mais declivoso no sentido da costa, mas as elevações se amenisam, perdem o aspecto ravinoso, e, em conseqüência, as depressões se alargam e as galerias florestais, a princípio quase laminares, se ampliam a essa progressão da mata contra a relva se acentua à medida que se galga o contraforte do planalto de Angola; por fim, aparecem largos tratos de florestas, mas não logram revestir o tope dos morrotes, êstes permanecem aparentemente pelados por causa do contraste formado com a côr castanha dos capins que os reveste e da mata pujante, terminada bruscamente, como se fôra uma parede verde; mas, cristas rochosas e escalvadas, aparecem com freqüência, acentuando ainda mais a dissonância dos coloridos naturais; no nosso trajeto de Pôrto Ambriz a Uige, exemplares silvestres do cafeeiro Robusta (*C. canephora Pierre*) iam surgindo, cada vez mais amiudadamente.

No Uige, as áreas de cafèzais não se apresentam sob a forma de densos maciços florestais, envolvendo espigões e baixadas, como em São Paulo e Paraná; as sucessões de savanas e grotões florestados é que caracterizam aquela região cafeeira, numa proporção de 70% das primeiras sôbre os últimos. Povoamentos arbóreos típicos da comunidade *Laurilignosa* (florêsta cafeeira), *C. canephora* Pierre (cafeeiro bravo), *Albizias* sp., etc.

As savanas da zona cafeeira, favorecidas por regime pluvial adequado, prestam-se ao estabelecimento de culturas de plantas alimentícias ou a uma pecuária de corte, nas áreas livres da tsê-tsê; entretanto, nenhuma dessas formas de atividade logra desviar o interêsse do nativo e do europeu e ambos, obsecados pelos lucros do café, não produzem alimentos para a própria subsistência — os gêneros vêm de zonas distantes e seu abastecimento constitui séria preocupação para o govêrno.

Os terrenos para cafèzais no Uige, originam-se do granito, são vermelhos e, por vêzes, acinzentados, pastosos quando molhados, denunciando a presença de silicatos de ferro a alumina. Êstes fenômenos, que procuramos retratar, se reproduzem por tôda a cafelândia angolana.

A "floresta cafeeira" de Angola, segundo J. Gossweiler e F. A. Mendonça — "Carta Fitogeográfica de Angola", Edição do Govêrno Geral de Angola, 1939 — pode ser assim caracterizada, em linhas gerais: *Lignosa* (associações florestais constituídas por 3 ou mais andares de vegetação, em que os extratos de troncos altos e grandes frondes produzem sombra, e gerando condições adequadas às espécies inferiores; *Pluviilignosa* (floresta de clima equatorial chuvoso e úmido); *Laurilignosa* (floresta de chuvas e nevoeiros de clima tropical úmido); *Laurisilva* (floresta chuvosa das regiões subplanálticas acidentadas, constituída por 3 a 4 extratos de vegetação cerrada, com árvores de elevado porte, à cuja

sombra vive o cafeeiro bravo (*C. canephora* Pierre). O tipo florístico assim caracterizado ocorre nas seguintes regiões: florestas das vertentes do Seles; floresta cerrada da região acidentada do Amboim, a 800 m de altitude, oferecendo condições excepcionais ao cafeeiro espontâneo; floresta cerrada da região montanhosa do Cuanza Norte e das vertentes e ribanceiras abrigadas do rio Congo; floresta cerrada do rio Cuango (associações com cafeeiros espontâneos em produção); galerias das vertentes leste do planalto de Malange e de Maquela do Zombo; associações de cafeeiros espontâneos, de Qiurima, Mussolo, Tala Mugongo, Cabatuquila, Quela e Cuale; galerias com essências de elevado porte nas margens e cabeceiras dos rios Chifumage, Cassai, Lungue Bungo, Zambeze e Cuanza Norte.

A Comunidade *Laurisilva* ocorre na zona subplanáltica em pequenas áreas, onde a temperatura anual acusa médias das máximas entre 22°C a 23°C e das mínimas ao redor de 20°C; o regime pluvial se caracteriza por uma distribuição de chuvas durante dez meses, resultante da condensação do vapor d'água arrastado pelos ventos marinhos que atingem os contrafortes do planalto angolano; a coluna média anual é de 1.200 mm; na estiagem os nevoeiros constantes saturam o ambiente de umidade; a *Laurisilva* situa-se entre as latitudes de 7°5′ e 11°30′S, abrangendo os distritos de Cuanza Sul (Província de Benguela) e Cuanza Norte (Província de Luanda) e as ribanceiras florestais do Cuango (Província de Luanda) em altitudes de 500 a 900 metros.

Tôdas as "florestas cafeeiras" estão ao abrigo dos ventos secos do continente, que sopram do leste, em Junho, ressequindo a vegetação herbácea a êle exposta, predispondo-a ao incêndio.

Os cumes das elevações, de 900 a 1.200 metros, são revestidos por gramíneas do tipo *Duriherbosa* — *Hyparrhenia vulpina* Stapf., *H. diplandra* Stapf., *H. filipendula* Hochst., *H. spectabilis* Stapf., *Panicum juncifolium* Stapf., *Andropogon gayanus* Stapf., e outras — cujos caules e fôlhas secam no mês de Junho, transformando-se em faixos incendiáveis como nas savanas do planalto.

Cafeeiros espontâneos da flora angolense — Segundo os geobotânicos que organizaram a citada carta fitogeográfica de Angola, o extrato das Microfanerófitas (associação Laurisilva) é o habitat ideal do *C. canephora* Pierre, entretanto, as alterações provocadas pela exploração econômica do Robusta, impediu-os de levantar a população de cafeeiros por unidade de superfície; o senso foi executado no extrato das mesofanerófitas, formação de ambiente menos úmido e, mesmo assim, acusou a densidade média de 240 exemplares de *C. canephora* espontâneos de 1 a 3 metros de altura p/ha.

Coffea Welwitschii Pierre — Ocorre na região de Seles, na floresta cafeeira; o número de outras populações é variado, mas nenhuma aparece com freqüência maior, ao lado do cafeeiro bravo, que as da *Albizzia glabrescens* var. *angolensis* Back.

Coffea angolensis R. Good. — Ocorre nas chanas* da borracha, povoadas por gramíneas e por associações arbustivas do tipo Ericilignosa (agrupamentos de vegetação lenhosa arbustiva e subarbustiva de fôlhas pequenas).

---

* *"Chana"* ou *"Anhara"* são têrmos africanos que designam planícies arenosas revestidas de gramíneas, bastante comuns no extremo sul de Angola.

C. Afzelii Hiern, *C. hypoglauca* Welw., *C. melanocarpa* Welw., *Coffea* sp. Gossw (esta com fôlhas semelhantes às do *C. liberica*; êstes tipos ocorrem na "floresta cafeeira" do Amboim.

C. Gilgiana Froehn. — Aparece na floresta do Alto Maiombe, tipo Pluvisilva (floresta de clima equatorial pluvioso e úmido).

C. jasminoides Welw., ocorre nos extratos inferiores dos maciços das Serras dos Planaltos do Norte, e na "floresta cafeeira" do tipo *Laurifruticeta*.

C. lasiadelphis K. Schum. e Krause — Aparece ao lado do *C. canephora*, nas florestas das ribanceiras de leste do planalto de Malange, integrando povoamentos do tipo *Laurilignosa* (floresta cafeeira).

C. canephora Pierre ou "cafeeiro bravo" — Ocorre nos seguintes tipos de floresta congolense: *Laurilignosa* — *Laurisilva* (floresta chuvosa das regiões subplanálticas); floresta *Laurilignosa* do Baixo Congo; floresta das ribanceiras de leste do Planalto de Malange (*Lourilignosa*).

O altiplano angolense fitogeogràficamente é quase uma continuação do sudoeste congolense: monótonas matas, quase que exclusivamente povoadas de *Berlinia* sp e *Brachystejia* sp, *Monotes* sp., *Combretum* sp revesam-se, com claros tapisados de sapé e capins baixos, sôbre quase dois terços do país; zona hidrogràficamente rica, com regime pluvial razoável, está fadada ao estabelecimento de importante pecuária bovina de corte no dia em que for limpa da mosca do sono. O chão é de areia acinzentada, resultante da decomposição do xisto gasoso. A paizagem está cheia de blocos de granito arredondados, dispostos ao acaso, uns sôbre os outros, em interessantes e bizarras posições de equilíbrio. Povoamentos característicos: *Oxytenathera abyssinica* Munro, *Vellosia* sp., *Protea angolensis* Welw., *Aloe andogensis* Bak.

Uma extensa depressão no nordeste do Planalto de Angola, denominada Baixa do Cassange, constitui exceção ao quadro acima descrito e merece menção especial. É um trato de chão de conformação quase tabular, da bacia das águas grandes do rio Cuango, tributário do "Kassai" no Congo Belga; abrange uma superfície estimada em 100.000 km², área igual à de Portugal, aliás. A Baixa do Cassange está a 700 metros acima do mar e o planalto circundante a 1.000 metros de altitude. Cêrca de um quinto da Baixa é de terras pretas, resultantes da sedimentação secular das colmatagens do rio Sunginge. No sítio que toma êsse nome foi instalada, em 1946, uma estação experimental da CICA (Centro de Investigação Científica do Algodão), entidade autárquica, pertencente à Junta de Exportação do Algodão Colonial. A planície representa enorme potencial ao futuro de Angola, talvez mesmo de importância superior à da zona florestal do café: boa altitude, pluviosidade média de 1.200 mm anuais, topografia extremamente favorável à motomecanização, fácil preservação do solo contra a erosão e a notável feracidade da terra ,tornarão a Baixa do Cassange numa das zonas mais prósperas da África. Em possibilidades nada fica a dever ao delta do Zambeze em Moçambique. A Estação Experimental de Sunginge está a 140 km a leste de Malange que, por sua vez, se acha diretamente ligada ao mar pela estrada de ferro que vai ter à Luanda.

É interessante lembrar que nessa região, até há vinte anos o homem branco não era conhecido; datam dêsse tempo os combates de fôrças coloniais de ocupação com os prêtos. Em 1945, um ano antes do estabelecimento da estação

experimental, verificaram-se em Sunginge, casos de canibalismo entre os nativos. Não se pode deixar sem menção o esfôrço do govêrno português para a ocupação técnico-econômica de Angola: no sítio onde há um lustro, havia indígenas que se banqueteavam com a carne de seus semelhantes, acha-se instalada uma estação experimental, uma nascente lavoura de algodão e os negros, se entendem por meio do idioma luso, bem ou mal falado.

Na Estação Experimental vimos campos de algodão e de "caw pea" em que o desenvolvimento das plantas só pode ser comparado ao das melhores já vistas em São Paulo.

(A seguir, 7.2.3 — Clima)

ROTEIRO DA VIAGEM A ANGOLA
20-8-950 a 30-9-950
CONGO BELGA
OCEANO ATLÂNTICO
SUDOESTE AFRICANO
RHODÉSIA
Leopoldville
Tomboco
Toto
Songo
Uige
N'Gage
Ambriz
Luanda
Lucala
Vila Salazar
Malange
Cangandala
Mussende
Quibala
Pto Amboim
Gabela
Nova Redondo
Teixeira da Silva
Silva Porto
Cel. Machado
Luimbale
Nova Lisboa
Lobito
Benguela
Ganda
Caconda
Sá da Bandeira
Mossamedes
1000 mm
750 mm
FIG 33
CONVENÇÕES:
FRONTEIRA DE PAÍS
DIVISA DE PROVÍNCIA
ZONAS DE CAFÉ ROBUSTA
ZONA DE CAFÉ ARÁBICA
ROTEIRO DA VIAGEM
DIVISÃO ADMINISTRATIVA
Províncias
Cap. de Província
I – LUANDA
LUANDA
II – MALANGE
MALANGE
III – BENGUELA
BENGUELA
IV – HUILA
SÁ DA BANDEIRA
V – BIÉ
SILVA PORTO
VI – ENCLAVE DE CABINDA – Prov. de LUANDA
ZONAS CAFEEIRAS
1 – SELES
CAFÉ ROBUSTA
2 – AMBOIM
3 – LIBOLO
4 – CASSENGO
5 – ENCOGE
6 – AMBRIZ
7 – ZONA POTENCIAL
CAFÉ ARÁBICA
GANDA
LUIMBALE
Cel. MACHADO

Sôbre a estrutura microscópica do fruto do café

J. B. FERRAZ DE MENEZES JÚNIOR
Químico do Instituto Adolfo Lutz

JORDANO MANIERO
Biologista do Instituto Adolfo Lutz

Datam do século XVI as primeiras referências sôbre o café feitas por botânicos europeus. Nas primeiras citações, foi o café considerado fruto de diferentes famílias (*Celastracea, Rutaceæ, Oleaceæ*), até que, em 1753, Linneu, descrevendo a única espécie então conhecida, dá-lhe o nome de *Coffea arabica,* classificando-o na família *Rubiaceæ.* Depois desta data, foram sendo descritas novas espécies (CARVALHO, 1946).

A confusão reinante na nomenclatura das variedades de café introduzidas no Estado de São Paulo, desde o início da sua cultura, deu motivos a importantes estudos de reclassificação realizados no Instituto Agronômico de Campinas.

Apesar da vasta literatura sôbre o nosso principal produto, nos seus mais variados aspectos, sômos levados a crer, pela busca procedida neste sentido, de que faltam estudos mais recentes sôbre a histologia do fruto de *Coffea arabica* L.

Enquanto a estrutura microscópica da semente do café (endosperma) tem sido objeto de exaustivos estudos por parte de numerosos autores, quer seja em Bromatologia ou em Farmacognosia, a casca (pericarpo) não tem merecido o mesmo interêsse.

Talvez se deva isto ao fato de ser o café encontrado nos mercados mundiais sob a forma de sementes desprovidas da casca, o que torna esta de nenhum interêsse econômico-científico. Entretanto, para os países cafeicultores, a casca do café tem significativo valor e representa um problema muito sério no setor da fiscalização do produto industrializado, por ser a mesma utilizada, de preferência, para a fraude do café em pó (MENEZES, 1952).

O café torrado e moído tem sido, desde alguns anos, objeto de estudos por parte de um dos autores dêste trabalho, tendo o mesmo publicado, recentemente, um ''Método microscópico para contagem de cascas no café em pó'' (MENEZES, 1950). Nesse trabalho, o autor apresenta um desenho original de corte histológico do fruto de *Coffea arabica* L., no qual não exibe uma camada de células esclerenquimatosas em paliçada situada na parte superior do endocarpo e que é encontrada em desenhos de trabalhos anteriormente feitos por alguns autores (figs. 1 e 2).

Decidiu o autor publicar o desenho nas condições descritas por ter chegado à conclusão de que os cafés cultivados no território paulista não possuíam a estrutura microscópica do pericarpo semelhante à que vinha sendo apresentada por alguns tratadistas. Para tanto, de longa data, submetera a cortes histológicos numerosos frutos de café procedentes de várias regiões de nosso Estado e, em todos êsses cortes, obtidos não só de frutos maduros (cerejas), como de frutos sêcos (côcos), a estrutura da casca apresentou-se a mesma, **sem paliçada de esclerênquima na parte superior do endocarpo.**

O assunto não foi, então, abordado por haver interêsse de ser estudado, oportunamente, com maiores detalhes, o que hoje procuramos fazer neste ensaio, desejando contribuir com alguns esclarecimentos advindos de nossas observações.

FIG. 1 — Corte transversal de um fruto de café segundo Tschirch e Oesterle.

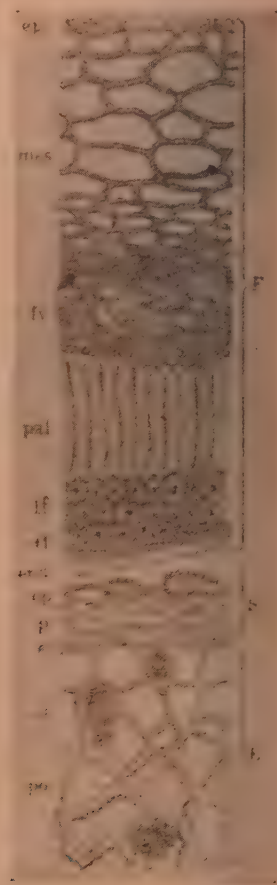



FIG. 2 — Corte transversal de um fruto de café seg. Winton.

Descrevendo a histologia do fruto do café, UKERS (1935), sem fazer referência sôbre a espécie, exibe um desenho de Tschirch e Oesterle, no qual é

encontrada uma camada de células paliçádicas esclerenquimatosas sôbre o endocarpo, conforme se observa na fig. 1, que é reprodução fotográfica do mesmo desenho.

WINTON (1939), ao tratar da parte referente ao café, apresenta um desenho semelhante ao de Tschirch e Oesterle, como se pode notar na foto n.º 2 e, em idênticas condições, menciona a referida camada de células paliçádicas esclerenquimatosas, sem, todavia, esclarecer a que espécie corresponde a descrição histológica feita.

A fig. 3 é a reprodução do desenho do corte histológico do fruto de *Coffea arabica* L., publicado pelo autor, sem o devido esclarecimento, no "Método microscópico para contagem de cascas no café em pó":

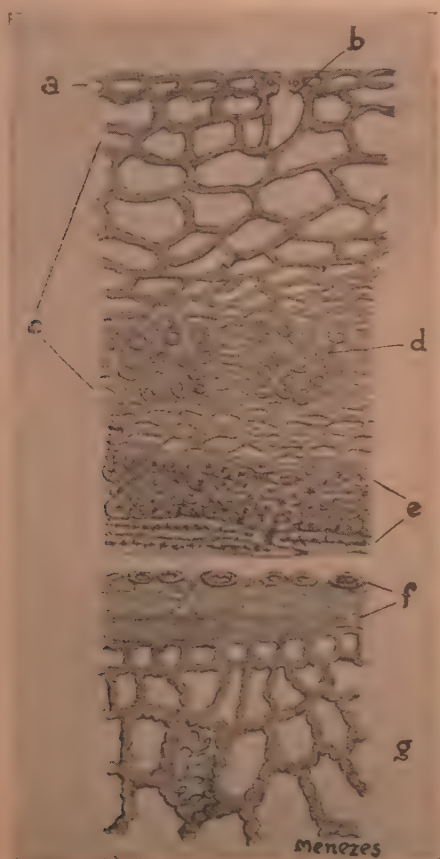



FIG. 3 — Corte transversal do fruto de *Coffea arabica* L.

Confrontando-se as três figuras aqui estampadas, notamos que falta, na última, a camada de células paliçádicas esclerenquimatosas, logo acima do endocarpo.

Acredita-se que a variedade *typica* do *arabica* deu origem à cultura existente na maioria dos países cafeicultores da América Central e do Sul e que, ainda, representa um coeficiente elevado no volume do produto atualmente consumido.

Desta forma, ao se fazer qualquer citação sôbre café, desde que não haja alusão a determinada espécie, subentende-se tratar de *Coffea arabica* L.

Os autores citados, como dissemos, não esclarecem a que espécie de café corresponde a histologia do pericarpo em questão e, ainda, como os demais autores que tratam do assunto, limitam-se a colocar logo abaixo do título — CAFÉ — o nome científico — *Coffea arabica* L., pondo em evidência que o assunto focalizado refere-se, exclusivamente, à espécie *arabica*.

Um hábito que vem do passado e perdura, ainda, até nossos dias, é o de se reproduzirem desenhos de trabalhos já publicados, sem o cuidado de uma nova revisão. Êste fato, que só se justifica por um grau de franca e inteira confiança nas citações de autoridades no assunto, é contrário ao espírito de pesquisa que requer revisão contínua, para não se fazer uma afirmativa estribada, muitas vêzes, em dados pouco seguros.

É, aliás, muito importante apresentar-se uma recente ilustração tôda vez que se deseja descrever ou documentar um assunto já tratado, pela simples razão de se poder confirmar a sua exatidão e verificar, ainda, algum detalhe que, em anteriores estudos, tenha passado despercebido.

Para se chegar à conclusão da não existência da camada de células paliçádicas esclerenquimatosas na parte superior do endocarpo dos frutos de *Coffea arabica* L. e variedades, procederam-se a cortes histológicos em 30 amostras de café, constituídas de grãos maduros e verdes, gentilmente cedidas pelo Instituto Agronômico de Campinas, por intermédio do agrônomo prof. J. E. Teixeira Mendes, a quem deixamos, aqui, consignados os nossos agradecimentos.

Estas amostras, representadas por diferentes espécies e variedades de frutos de café, cultivados e classificados por aquêle conceituado Instituto de pesquisas, são as seguintes:

VARIEDADES E FORMAS DE VALOR ECONÔMICO

1 — *Coffea arabica* L. var. *typica* Cramer (nacional ou comum)
2 — *Coffea arabica* L. var. Cramer forma *xanthocarpa* (Caminhoá) Krug
3 — *Coffea arabica* L. var. (*sumatra*) Cramer
4 — *Coffea arabica* L. var. *bourbon* (B. Rodrigues) Choussy

5 — *Coffea arabica* L. var. *bourbon* (B. Rodrigues) Choussy forma *xanthocarpa* Krug
6 — *Coffea arabica* L. var. *maragogipe* Hort e Froehner
7 — *Coffea arabica* L. var. *maragogipe* Hort e Froehner forma *xanthocarpa* Krug
8 — *Coffea arabica* L. var. *cera* K. M. C.
9 — *Coffea arabica* L. var. *semperflorens* K. M. C.
10 — *Coffea arabica* L. var. *caturra* (não está descrita).

VARIEDADES DE POUCO OU NENHUM INTERÊSSE ECONÔMICO

11 — *Coffea arabica* L. var. *angustifolia* (Roxb.) Miq.
12 — *Coffea arabica* L. var. *bullata* Cramer
13 — *Coffea arabica* L. var. *erecta* Ottolander
14 — *Coffea arabica* L. var. *goiaba* Taschdjian
15 — *Coffea arabica* L. var. *laurina* (Smeathman) D.C.
16 — *Coffea arabica* L. var. *mokka* Hort ex Cramer
17 — *Coffea arabica* L. var. *monosperma* Ottolander ex Cramer
18 — *Coffea arabica* L. var. *pendula* Cramer
19 — *Coffea arabica* L. var. *polysperma* Burck
20 — *Coffea arabica* L. var. *purpuracens* Cramer
21 — *Coffea arabica* L. var. *variegata* Cramer
22 — *Coffea arabica* L. var. *anomala* K. M. C.
23 — *Coffea arabica* L. var. *nana* K. M. C.
24 — *Coffea arabica* L. var. *pé de pato* (não está descrita)
25 — *Coffea arabica* L. var. *hybrida* (*laurina* e *maragogipe*).

OUTRAS ESPÉCIES

26 — *Coffea liberica* Hiern.
27 — *Coffea congensis* Froehner
28 — *Coffea canephora* Pierre ex Froehner (hoje *robusta*)
29 — *Coffea Dewevrei* De Wild. et Em. Dur. var. *excelsa* Chev.
30 — *Coffea Dewevrei* var. 387.

Na obtenção dos cortes histológicos, foram utilizados, de início, métodos usuais sem resultados satisfatórios. Incumbiu-se, então, um dos autores (MANIERO, 1951) de aplicar um processo próprio, ensaiado desde alguns anos e que consiste em estender, por meio de pincel, uma solução de goma-laca à superfície de parafina a ser cortada em micrótomo, cada vez que se obtém uma preparação, com o intuito de impregnar e impedir o esfacelamento do corte.

Dentre as numerosas lâminas feitas por êste processo, cêrca de 150 foram selecionadas para dar orientação aos nossos estudos, esclarecer e documentar nossas observações.

A finalidade principal dêste trabalho, como dissemos, foi a de rever as estruturas do pericarpo de algumas espécies e variedades de café, a fim de se constatar a existência ou não da paliçada de esclerênquima; entretanto, tivemos ocasião de estudar, também, os poros das células do endosperma (semente) e fazer outras interessantes observações.

A camada paliçádica encontrada nos compêndios é constituída de células de paredes largas, alongadas e uniformes e, ainda, de contextura esclerenquimatosa (figs. 1 e 2).

Com esta característica não encontramos nenhuma estrutura dentre o material examinado. Constatou-se, todavia, em cortes de algumas espécies e variedades de café, logo acima do endocarpo, a presença de uma "nova camada" paliçádica com células estreitas e de paredes finas (fig. 4), que se distingue fàcilmente da camada paliçádica esclerenquimatosa apresentada pelos citados autores.

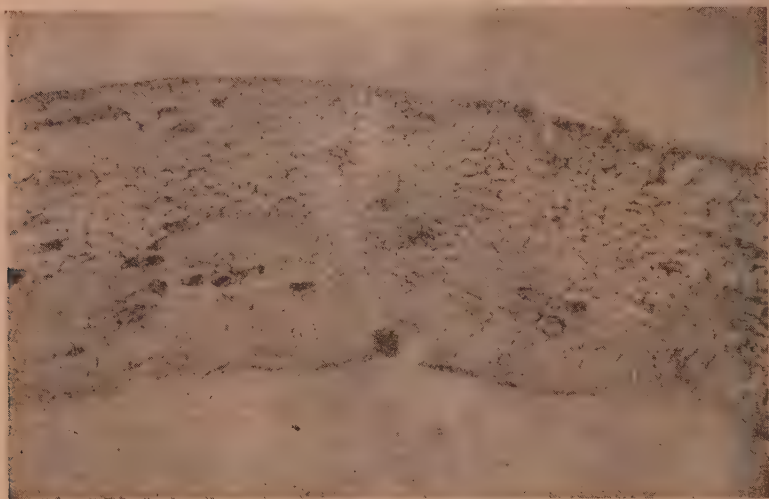



Fig. 4 — Microfoto de corte transversal do fruto de *Coffea congensis*, mostrando a "nova camada" paliçádica de paredes finas.

Êste tecido, talvez, seja responsável pela retenção de grande porcentagem de água nos frutos maduros.

Em cortes feitos de grãos de uma mesma árvore, em diferentes graus de maturação, só foi observada a "nova camada" nos frutos maduros. Esta camada foi notada nos cortes dos seguintes frutos de nossa coleção:

canephora — *typica* — *angustifolia* — *maragogipe* — *xanthocarpa* — *sumatra* — *purpuracens* e *anomala*.

Em nenhum dêles, todavia, se constatou a presença de paliçada de esclerênquima como as que são exibidas nas figuras 1 e 2.

É provável que a presença desta camada tenha sido dada por falsa interpretação de corte histológico defeituoso, obtido em condições pouco seguras e, no qual, as primeiras porções das fibras transversais do endocarpo tenham sido dobradas ao serem seccionadas ou, ainda, ter sido o corte feito em fruto de espécie ou variedade de café pouco conhecida e tida por *arabica*.

Não foi encontrada paliçada de esclerênquima nem a "nova camada" nos seguintes frutos de:

FIG. 5 — Microfoto de corte transversal no fruto de *Coffea arabica* L.

polysperma — *semperflorens* — *variegata* — *goiaba* — *congensis* — *laurina* — *maragogipe* — *mokka* — *bourbon* — *cera* — *monosperma* — *erecta* — *nana* — *angustifolia* — *pé de pato* — *Dewevrei* — *caturra* — *typica* — *bullata* — *pendula* e var. 387.

Êstes cortes apresentaram estrutura idêntica à que vemos na fig. 5 e de acôrdo com o desenho da fig. 3.

A espessura do pericarpo é variável. Entre as espécies e variedades de café, existe alguma diferença na grossura da casca; entretanto, na espécie *arabica*, há uma quase uniformidade das camadas, donde ser a espessura pouco variável.

Característica interessante apresenta a espécie *liberica*, cujo fruto é quase esférico, muito maior que o do *arabica* e tem a casca bastante espêssa, consistente e polpa desenvolvida. O pericarpo do fruto dessa espécie está constituído, na sua maior parte, pelo mesocarpo, exibindo várias camadas de células isodiamétricas que diminuem de tamanho à proporção que se aproximam do endocarpo. Êste, por sua vez, apresenta a singularidade de não ser formado por fibras ou células esclerenquimatosas, mas por células levemente alongadas, de paredes finas, paralelamente ajustadas umas às outras e dispostas em duas ou três camadas.

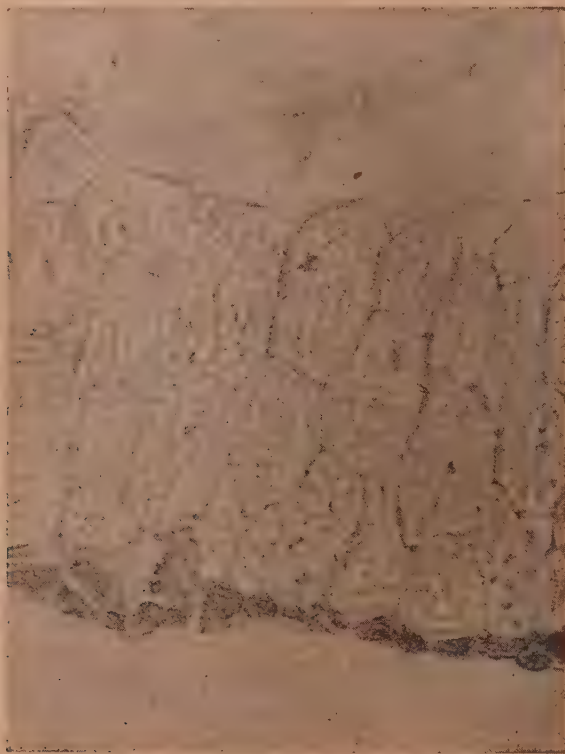



FIG. 6 — Microfoto de corte transversal do fruto de *Coffea arabica* L. var. *mokka*, mostrando as fibras do endocarpo, grandes e achatadas, e em posição tangencial.

Aqui, portanto, não existe a "nova camada" e o endocarpo não é esclerenquimatoso.

Nas outras espécies e variedades, as células do esclerênquima podem se apresentar em posição tangencial (fig. 6), radial ou cruzada. Nos compêndios, estas fibras figuram sempre cruzadas.

O pericarpo apresenta um grande número de células cheias de substância de aspecto resino-oleoso que reage bem à ação dos corantes, muito embora não se altere em presença do álcool e do xilol durante o tratamento para montagem. Não foram feitos estudos histoquímicos para a determinação da natureza dêsse conteúdo celular, por fugir um pouco ao assunto. Estas células de aspecto glandular, que poderão ser notadas na fig. 7, não foram citadas pelos autores consultados.

FIG. 7 — Microfoto de corte transversal do fruto de *Coffea congensis*, mostrando as células glandulares.

Em cortes de algumas variedades, verificamos a presença de cristais no endocarpo.

Observando os diversos caracteres do fruto de café, notamos, como fato provàvelmente inédito, a presença de pêlos no epicarpo de *Coffea congensis* Froehner, como nos mostra a fig. 8.

Fato importante, digno de nota, é a relação que existe entre as espécies e variedades *nana*, *congensis*, *laurina* e *polysperma*, quanto à presença de lojas

com sementes abortadas. Enquanto que na variedade *nana* encontramos uma loja com semente abortada ao lado de outra com semente desenvolvida, em *congensis* e *laurina* verificamos duas sementes abortadas e duas desenvolvidas e, finalmente, em *polysperma*, três sementes abortadas ao lado de três normais (fig. 9).

Sôbre êste assunto citaremos os trabalhos de Carvalho e colab. (1952), em que interessantes estudos são feitos com referência a lojas sem sementes em híbrido das variedades *laurina* e *mokka*.

Quanto à presença de poros do endosperma, citados nos compêndios, só foram, por nós constatados, nas seguintes variedades:

variegata, bourbon, cera, angustifolia, pé de pato e *xanthocarpa.*

Em algumas variedades onde êles se apresentam (fig. 10), não são visíveis em condições normais de iluminação, sendo necessário dar uma determinada inclinação ao espêlho para serem notados. O corante, ao contrário de tornar mais visível êste caráter, dificulta, em parte, a sua observação.

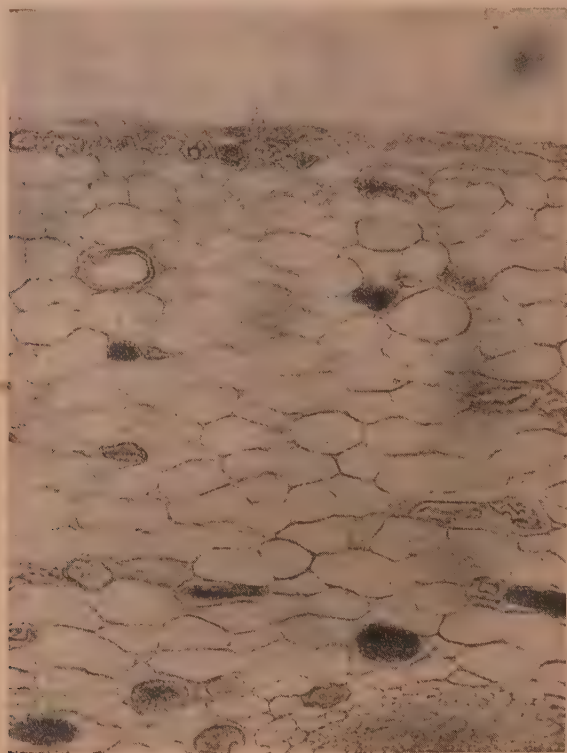



Fig. 8 — Microfoto de corte transversal do fruto de *Coffea congensis,* notando-se um pêlo implantado no epicarpo.

Por estas observações e, ainda, comparando as paredes das células, vistas de superfície e em cortes, não nos parece tratar-se de perfurações, como querem os autores, e sim de concavidades provenientes do adelgaçamento das paredes das células.

Muito embora, ao decidirmos realizar êste trabalho, não fôsse nossa intenção apresentar um estudo histológico minucioso do café, as observações que tivemos oportunidade de fazer nos levam a antever possibilidades de se estabelecerem relações genéticas entre as variedades por meio de um mais aprofundado estudo de suas estruturas.

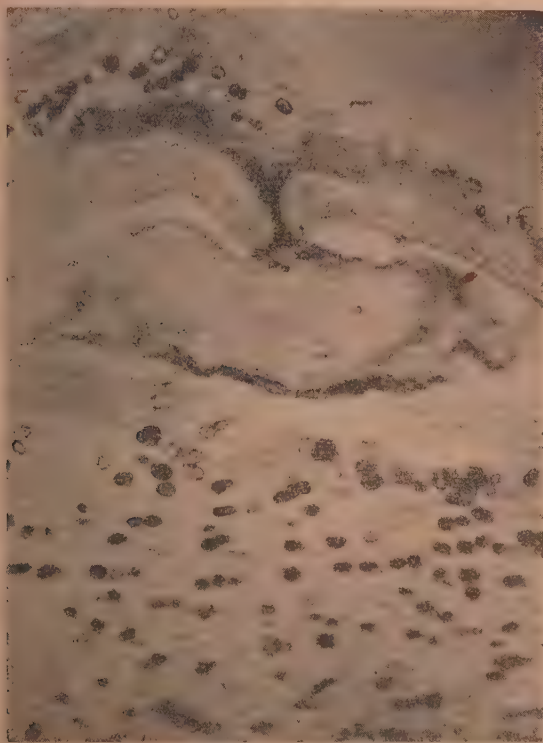



FIG. 9 — Microfoto de corte transversal de *Coffea arabica* L. var. *polysperma* Burck, mostrando o pericarpo com loja contendo semente abortada.

RESUMO

No presente trabalho os autores fazem um estudo sumário de diferentes espécies e variedades de café cultivadas no Estado de São Paulo, usando um novo método de cortes histológicos.

Baseados em observações próprias sôbre a histologia do pericarpo, notaram os autores a não concordância das estruturas estudadas com as descritas pelos autores consultados.

Os autores frisam, principalmente, a ausência de uma camada paliçádica esclerenquimatosa sôbre o endocarpo em tôdas as espécies e variedades estudadas (figs. 1, 2 e 3).

Por outro lado, fazem notar a presença, em algumas variedades, de uma "nova camada" paliçádica não esclerenquimatosa (fig. 4), cuja função seria a de reserva de água nos frutos maduros.

FIG. 10 — Microfoto de corte transversal onde são notados os poros do endosperma.

Verificaram, ainda, a presença de pêlos no epicarpo da espécie *congensis* (fig. 8), numerosas células glandulares no mesocarpo (fig. 7) e lojas com sementes abortadas ao lado de sementes desenvolvidas, na espécie *congensis* e nas variedades *nana, laurina* e *polysperma* (fig. 9).

Os autores documentam suas observações apresentando uma série de microfotos e desenhos originais.

SUMMARY

In the present paper the authors make a previous study of the different species and varieties of the coffee cultivated in the State of São Paulo, by using a new method of cross section.

Based on their own observation about the histology of the pericarp, the authors noticed the non-existence of any connection between the structures studied and those described by the authors who were consulted.

The authors emphasize the absence of a palisade layer of sclerenchyma on the endocarp in all the species and varieties studied by them (figs. 1, 2 and 3).

On the other hand, they inform of the presence of a new nonsclerenchymatous palisade layer in some varieties whose function would consist in a reserve of water in ripe fruit.

Besides, they verify the presence of hair on the epicarp of the *congensis* species (fig. 8), glandular cells in the mesocarp (fig. 7) and cavities with developed and non-developed seeds, in the *congensis* species and in the varieties *nana, laurina* and *polysperma* (fig. 9).

The authors confirm their observations by presenting a series of microphotos and original drawings.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, A. — 1945 — Distribuição geográfica e classificação botânica do gênero *Coffea* com referência especial à espécie *arabica*. *Bol. Sup. Serv. Café* (Secr. Fazenda) **20** (226): 1138-1146, **21**(227): 6-10, 1946, **21**(228): 69-73, 1946, **21**(229): 127-130, 1946, e **21**(230): 174-180, 1946.

CARVALHO, A. — 1952 — Taxonomia de *Coffea arabica* L.; v.— Algumas recombinações genéticas. *Bragantia* **12**(4-6): 171-178.

CARVALHO, A. e colab. — 1952 — Melhoramento do cafeeiro. *Bragantia* **12**(4-6): 98-129.

MANIERO, J. — 1944 — Contribuição ao estudo de plantas medicinais. *Rev. Inst. Adolfo Lutz* **4**(1): 210-211.

MANIERO, J. — 1949 — Método de cortes para carvão vegetal. *Rev. Ciência Cultura* **1**(4): 207-208.

MANIERO, J. — Novo recurso de técnica histológica. Comunicação à III Reunião da Sociedade Botânica do Brasil. Campinas, 1951.

MENEZES JR., J. B. F. e B. A. A. BICUDO — Sôbre um método microscópico para contagem de cascas no café em pó. São Paulo, Sup. Serv. Café, 1950. 31p.

MENEZES JR., J. B. F. e B. A. A. BICUDO — 1951 — Sôbre um método microscópico para contagem de cascas no café em pó. *Rev. Inst. Adolfo Lutz* **11**: 13-47.

MENEZES JR., J. B. F. — 1952 — Fraudes do café. *Rev. Inst. Adolfo Lutz* **12**: 111-144.

UKERS, W. H. — All about coffee. 2d ed. New York, The Tea & Coffee Trade Journal, 1935.

WINTON, A. L. e K. B. WINTON — The structure and composition of foods. New York, John Wiley, 1939, vol. 4.

Luz que orienta
Ao cruzar os ceus, ou palmilhando as ruas, os paulistas voltam o olhar para a luz que brilha no alto do Edifício do Banco do Estado, buscando localizar o centro da paulicéia. Coroando o magestoso bloco de cimento armado, a luz do Banco do Estado simboliza muito mais que simples ponto de referência. Significa a solidez de um estabelecimento de crédito, que há dezenas de anos fomenta o desenvolvimento da Indústria e do Comércio. A excelência de sua perfeita organização bancária, a rapidez com que se atende os correntistas, fazem aumentar dia a dia, a preferência geral pelo Banco do Estado de São Paulo.
• Depósitos
• Empréstimos
• Descontos
• Câmbio
• Cobranças
• Transferências
• Títulos
• Cofres de Aluguel
Agências em cidades do interior
Correspondentes nas principais praças do exterior
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A.
CAPITAL REALIZADO:
Cr.$ 100.000.000,00
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Resumos e Transcrições

Ressaltados, na Sociedade Rural Brasileira, os serviços estatísticos da SSC.

O sr. Luiz Piza Sobrinho abrindo os trabalhos da última reunião da Sociedade Rural Brasileira comunicou à casa que irá propor, no Conselho de Política da Agricultura onde representa a Sociedade Rural Brasileira, a extinção de órgãos encarregados de compilar e divulgar a estatística cafeeira, que se contradizem, dando ensejo a explorações prejudiciais por parte dos especuladores. Acrescentou o sr. Piza Sobrinho que irá sugerir a manutenção de um só serviço estatístico, a cargo do IBC, sendo que em São Paulo ficaria encarregada a *Superintendência dos Serviços do Café, da Secretaria da Fazenda, cujos dados cuidadosos têm sempre correspondido à realidade, mesmo na estimativa das safras.*

O presidente comunicou ainda ter recebido na entidade a visita de um representante das câmaras de comércio norte-americanas, o qual veio tratar de um conclave das classes produtoras, comerciais e industriais daquele país e do Brasil, que em março de 1955 se reunirão em Nova Orleans, para resolver especialmente a questão da aplicação de capitais privados norte-americanos no nosso país, notadamente em São Paulo, onde seriam convertidos em fábricas e outras iniciativas de vulto. As resoluções a serem tomadas pelas classes participantes deverão ter caráter particular, pois, não intervirão na conferência os govêrno dos dois países. O plano inclui a agricultura, sendo porisso solicitada a manifestação da lavoura paulista sôbre o assunto, que está sendo estudado pelas entidades agrícolas, a fim de se fazerem representar na citada reunião, cujos resultados poderão ser de alta importância para a economia nacional.

O sr. Luiz Figueira de Melo comentou, na reunião, de modo favorável, a mensagem que o sr. Salvio Pacheco de Almeida Prado enviou de Boca Ratton aos cafeicultores reunidos na recente III Conferência Rural Brasileira, pois não comunga com o otimismo com que muitos observadores vêem a situação mundial do café. Outrossim comunicou que um grupo de prestigiosos cafeicultores pretende convocar, no início do próximo ano, uma conferência da grande classe tão sacrificada, para tratar da situação anormal do nosso principal produto de exportação. É verdade que na III Conferência Rural promovida pela Confederação Rural Brasileira, foi abordado êsse assunto, mas, como era natural, superficialmente, pois a essa reunião compareceram representantes da maioria dos Estados, alheios à economia cafeeira. Impõe-se, porisso, diante da grave conjuntura que atravessa a cafeicultura, pelas medidas desastrosas do govêrno passado, estudar os problemas relativos ao café, elaborando um programa para a sua conveniente solução.

A conferência deveria realizar-se na cidade de Campinas em janeiro ou fevereiro do ano próximo vindouro.

(*Do "Correio Paulistano"*)

Madeiras, crise a longo prazo

Sòmente o abandono da política imediatista e a adoção de medidas realistas poderão assegurar o abastecimento

RICARDO WERNECK DE AGUIAR

A sediça, mas sempre oportuna afirmação de que destruir é mais fácil do que construir, é comprovada em escala impressionante, no que se refere à indústria madeireira.

Assim, por exemplo, o Estado de São Paulo destruiu, em 43 anos, a quase totalidade de suas reservas florestais aproveitáveis para extração de madeira de lei. E, o rítmo da destruição prossegue célere no Sul de Mato Grosso e Norte do Paraná, as derradeiras fontes abastecedoras no sul do país.

É público e notório, nos círculos madeireiros, que dentro de 12 anos, no máximo essas fontes estarão exaustas. Depois, infelizmente, não será pròpriamente "o que Deus quiser", mas, o que as realidades ditarem.

Cumpre salientar, em primeiro lugar, que não há sucedâneos para a madeira de lei. Os compensados ou contraplacados, o maior aproveitamento dos resíduos de serraria, constituem apenas alívio parcial à escassez básica, que dentro de dois lustros atingirá a sua fase mais aguda.

O pinho

O argumento de que o pinho pode substituir a madeira de lei na maioria de suas aplicações, é de índole tendenciosas. Êsse tipo de madeira difìcilmente pode ser empregado para cabos de ferramentas, coronhas de armas, carroçarias de caminhões, e grande número de outros fins industriais onde se exigem madeiras duras.

Na construção civil, em São Paulo, o pinho é utilizado exclusivamente para tapumes, formas de concreto e esquadrias do tipo popular. Não tem demonstrado serventia para vigamentos, taqueamento, para não mencionar outros tipos de obras, como pontes e construções navais.

No Paraná, o pinho tem aplicação universal, inclusive na construção civil, que tem ali algumas características próprias, como telhados mais leves, que não exigem vigamentos tão poderosos.

De qualquer forma, ainda que o pinho constituisse sucedâneo absoluto para as madeiras de lei, é fato bastante conhecido que os pinheirais paranenses, bem como os de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, estão sendo devastados, como foram em São Paulo as florestas de onde se extraiam madeiras de lei.

Demonstramos, em nosso artigo de domingo último, que a indústria madeireira tem acompanhado sempre a abertura de novas terras para café, e, no Paraná, a ampliação das áreas destinadas à lavoura da rubiácea, têm-se feito com o sacrifício dos pinheiros, muitas vêzes, através da odienta e obsoleta prática das queimadas.

Por outro lado, é preciso considerar também que a exportação do pinho brasileiro está em ascenção, com 923.203 m3 em 1953, no valor de

Cr$ 936.247.719,00, o que representa uma quantidade apreciável, quase o equivalente ao total do consumo de madeira em São Paulo, durante êsse mesmo ano.

Em recente entrevista à "Fôlha da Noite", o presidente do Instituto Nacional do Pinho, sr. Pedro Sales dos Santos, de regresso da Europa, manifestava-se entusiasmado com as perspectivas de incremento das exportações madeireiras do Brasil para a Grã-Bretanha, Alemanha, Bélgica, França e Itália.

Note-se, de passagem, que com exceção da Alemanha e da Itália, todos êsses países possuem extensas áreas coloniais cobertas de florestas. Por que, então, preferem importar de nós? Evidentemente, para resguardar suas reservas florestais, enquanto damos cabo prazenteiramente das nossas, sem atentar, inclusive, para as crescentes necessidades do nosso mercado interno.

Enquanto as Guianas, o Congo Belga e a África Equatorial Francesa, guardam os seus tesouros madeireiros, adotamos em nossa própria pátria uma política de rapinagem, vandalismo e devastação, como se estivessemos fazendo a política de "terra escorchada" em território inimigo...

O reflorestamento

Só temos cultivado, ainda assim com timidez duas formas de reflorestamento (1) com o pinho e (2) com o eucaliptus. Mas, ainda assim, conservando de boa ou de má fé, uma serie de ilusões absolutamente sem fundamento.

Segundo a palavra autorizada do sr. Navarro de Andrade, ilustre diretor do Serviço Florestal da Estrada de Ferro Paulista, o pinho para celulose leva em média 20 anos para crescer, e quando destinado à exploração madeireira, em média 60 anos.

O próprio sr. Pedro Sales dos Santos, salientou em sua entrevista às "Fôlhas", que na Finlândia e na Suécia, onde as florestas são perenes (pela ação do homem em favor da natureza), o pinho leva 120 anos para crescer — portanto, não é pessimismo, supor que leve a metade dêsse tempo nestes Brasis.

Há quem procure generalizar a crença de que, em 40 anos poderá haver pinheiros plantados e prontos para corte. É uma asserção que só poderá ser comprovada, pelo menos dentro de 30 anos, pois, sòmente de uns dez anos a esta parte se começou o replantio extensivo entre nós... mas, predominantemente, em função da indústria da celulose.

Vemos, por conseguinte, que não há escape — ou se adota uma política madeireira a longo prazo, ou teremos de apanhar madeira da bacia amazônica, a fretes muito mais proibitivos que os atuais. Ou então, teremos de transformar-nos em país importador, pagando a outrem o que for exigido de nós.

Não deixa de ser bastante singular o fato de as exportações de madeira do Brasil coincidirem com a suspensão das exportações da parte da Finlândia e do Canadá. Uma indústria madeireira autêntica trabalha à base de cálculo atuarial — em função das disponibilidades existentes, e do crescimento das reservas.

E, infelizmente, o próprio diretor do Instituto Nacional do Pinho, reconhece que não se faz isso entre nós, quando se entusiasma diante das perspectivas de aumento de exportações, sem atenção ao fato de que as disponibilidades ,tanto do pinho como da madeira de lei tendem a diminuir, enquanto as necessidades do mercado interno tendem a aumentar.

Já que no sul do país, a destruição foi total, fôrça é convir que o govêrno federal, sobretudo, tem obrigação de preservar as grandes reservas da bacia amazônica, onde se for iniciada desde já uma política sã, as gerações futuras poderão contar com reservas inexauríveis.

Mas, essas reservas não serão inexauríveis, como não o foram as do sul, se os poderes públicos tolerarem a exploração predatória. As madeiras de lei levam um mínimo de 70, 100 e 150 anos para atingir tamanhos comerciais, após o replantio e, se a política racional de reflorestamento dá resultados nas áreas relativamente reduzidas da Finlândia e da Suécia, em rotações de 120 anos, porque não poderá suceder o mesmo entre nós?

O eucaliptus

O reflorestamento com eucaliptus tem sido mais uma forma de "tapar o sol com a peneira", conforme se pratica no Brasil. Em geral, êsse tipo de madeira é plantado para lenha ou para celulose, sendo abatido após um ciclo de sete anos.

Nativo da Austrália, o eucaliptus tem naquele país a função de ponta de lança no ataque ao deserto que cobre a maior parte do Novíssimo Continente. Mesmo entre nós, é sabido que o eucaliptus tem a singular virtude de melhorar as terras ruins... e de piorar as terras boas. Vale a pena salientar que plantamos o eucaliptus indiscriminadamente, em terras ruins, e, em maior escala, em terras relativamente boas, onde o crescimento é mais rápido.

Ao que parece, entre nós, a única coisa perene é o imediatismo ingênuo e infantil, uma política suicida, cujos resultados já se fazem sentir nos preços fabulosos que os grandes mercados consumidores do sul vêm pagando pelas madeiras. Basta dizer que os fretes representam às vêzes mais de 1.000% sôbre o preço da madeira na origem...

Crise a longo prazo

Dentro de 12 anos no máximo, só poderemos dispor da bacia amazônica como fonte abastecedora, pelo menos para os 20 anos subsequentes — esta é a realidade a ser enfrentada.

O sul de Mato Grosso só conta com reservas florestais de algum porte nos municípios de Dourados e Rio Brilhante, onde a destruição para o plantio de café é cada vez mais célere. Nem a área fronteiriça com o Paraguai deverá escapar a êsse destino Sòmente depois de Cuiabá, nas vertentes amazônicas, o grande Estado justifica o seu nome — êste é outro aspecto da realidade.

O restante é um imenso deserto que está sendo formado (pela mão do homem, contra a natureza), abrangendo a zona Noroeste do Estado de São Paulo, o sul de Minas, o sul de Mato Grosso e o Norte do Paraná. Após o ciclo do café, as terras têm sido aproveitadas para algodão, e depois para pastagens, sempre com a técnica das queimadas...

Ou enfrentamos a crise da madeira a longo prazo, mediante as práticas racionais de reflorestamento, tendo em vista as necessidades futuras, ou legaremos um deserto, não aos nossos netos, mas aos nossos filhos, que talvez jamais venham a entender a letra do hino nacional: "nossos bosques têm mais vida, nossas várzeas têm mais flores, e nossa vida em teu seio mais amores..."

(*Da "Folha da Manhã,* 10-10-54)

CAFÉ NO PARAGUAI

Medidas do govêrno paraguaio em favor do café

Os benefícios decorrentes de lei são extensos e visam atrair capitais americanos e brasileiros — Íntegra do decreto.

GRANDE EXTENSÃO DE TERRAS DECLARADA ZONA DE CAFÉ

Pelo Poder Executivo paraguaio foi submetido à consideração do Conselho de Estado um projeto de decreto-lei que declara zona de café grande extensão de terras e concede regalias especiais aos que ali inverterem capitais. Por ser de alto interêsse, reproduzimos o seu texto integral:

"Visto: o que informa o Ministério de Agricultura e Ganaderia e do que se depreende terem sido adquiridos por grupos de capitalistas brasileiros e norte-americanos aproximadamente quinhentos mil hectares de terras florestais até agora incultas, situadas em Pedro Juan Caballero, fronteira com o Brasil, evidente o propósito de transformar essas propriedades em um empório de café destinado não só a satisfazer as necessidades de consumo interno, como também as dos mercados mundiais onde melhores cotações obtenha; e considerando, que os fins assim expressos são de alto interêsse público, a cujo desenvolvimento deve contribuir o Estado; Portanto, ouvido o parecer favorável do Consejo de Estado, o presidente da República do Paraguai decreta com fôrça de lei:

Art. 1.º — Declaram-se zonas de café as franjas de terras situadas em Pedro Juan Caballero, Bella Vista, Horqueta, Capitan Bado, Yerbales del Guairá, Cuenda del Alto Paraná, Coronel Oviedo e Cordillero de los Altos, as quais achando-se a uma altura variável entre 200 a 700 metros sôbre o nível do mar, sejam aptas para a cultura de dita rubiácea.

Art. 2.º — Tôdas as pessoas visíveis ou jurídicas, nacionais ou estrangeiras, que nas zonas delimitadas no artigo anterior tenham plantado 20.000 ou mais pés de café ou apresentem planos de culturas que não sejam inferiores àquele mínimo de pés, de sorte que, por seu cultivo racional, possa a República abastecer tanto seu mercado interno, como também concorrer com a sua exportação nos mercados mundiais que a cotizem vantajosamente para a economia nacional, gozarão dos benefícios concedidos pela presente lei.

Art. 3.º — Os que, segundo as disposições do artigo anterior, queiram gozar dos benefícios da presente lei, deverão declará-lo assim em representações escritas ao Ministério de Agricultura e Ganaderia, o qual as homologará por resolução que se inscreverá em registro especial para êsse fim e mantido por essa Secretaria de Estado, com anotações ao pé dos títulos de posse das terras utilizadas para cultura de café.

Art. 4.º — Serão benefícios da presente lei: a) a liberação das taxas consulares e dos direitos aduaneiros de importação, com os respectivos adicionais e qualquer outro gravame que pese sôbre a introdução da semente do café e sujeito seu emprêgo à cultura programada e ao contrôle da inspeção do Ministério de Agricultura e Ganaderia, com proibição de revendê-la para consumo;

b) à mesma liberação do inciso anterior para a importação, como incorporação de capitais, de maquinárias agrícolas, instrumentos, equipamentos e acessórios, peças sobressalentes, usinas de eletricidade, serrarias, carpintarias, indústrias de madeira, de mandioca e de sementes oleaginosas, tratores, caminhões, caminhonetas, jeeps, aviões, autogiros, abonos, inseticidas para a exploração do café e de outras culturas e sua industrialização, em complemento dessa atividade principal. Da mesma liberação gozarão os objetos pessoais, ferramentas de trabalho e instrumentos científicos apropriados à atividade profissional dos técnicos estrangeiros contratados no exterior pelos beneficiários da presente lei; c) a provisão de divisas, pelo Banco Central del Paraguai, para a aquisição de sementes selecionadas, abonos e inseticidas; d) a exclusão das terras aplicadas na cultura de café e dos cereais e oleaginosas que paralelamente se incluam na exploração agrícola de tôda expropriação ou destino a fins de colonização que possam interferir nos planos de trabalho do respectivo proprietário; e) retenção, pelos produtores, pelo prazo de quinze anos, a partir da data da primeira exportação de café, de 50% das divisas provenientes. Essas divisas serão contabilizadas e negociadas aos tipos de câmbio que vigorem para as operações com o mercado livre e ficarão à livre disposição dos mesmos, preferentemente para os seguintes fins:

1 — serviços de amortização e dividendo do capital incorporado; e

2 — pagamento de outros serviços por obrigações contraídas no exterior com relação ao programa.

f) liberação de 50% do impôsto imobiliário, por quinze anos, para os imóveis rurais destinados à realização dos trabalhos programados; g) facilidades administrativas para a exportação das safras anuais da produção agrícola e florestal e do café de tôda quantidade que exceda da quota proporcional para abastecer o mercado interno. Essa proporção será fixada em relação ao volume da safra de cada produtor; e h) habilitação da Aduana de Pedro Juan Caballero ou de outra que por sua vizinhança às culturas seja indicada futuramente para a introdução e exportação realizadas pelos produtores de café e de uma agência do Banco Central para o despacho de todos os trâmites bancários que em relação com a mencionada instituição se encontrem prescritos pelas leis.

Art. 5.º — Os particulares ou as companhias abrangidos pelos benefícios da presente lei poderão contratar no estrangeiro os serviços de agricultores e técnicos especializados para serem utilizados por êles em suas propriedades, sujeita a entrada dos mesmos no país às leis de imigração.

Art. 6.º — Será permitido aos particulares ou companhias abrangidos pelos benefícios da presente lei promover a nucleação de seus agricultores ou contratados em centros adequados a uma habitação higiênica, alimentação suficiente, vestidos, instrução escolar das crianças e cuidados de saúde, assim como abrir caminhos, construir pontes, campos de pouso e qualquer outra melhoria, sob contrôle dos órgãos jurisdicionais do Estado, e extender linhas telefônicas e telegráficas, sob a Superintendência da Administración Nacional de Comunicaciones e Telégrafos.

Art. 7.º — Durante o tempo em que as emprêsas e os particulares estejam isentos da imposição de Prevision Social, o cuidado de saúde do pessoal empregado nas explorações correrá por conta dos proprietários. A isenção de pagamento ao Instituto de Prevision Social é por cinco anos, contados desde o primeiro ano da cultura de café.

Artigo. 8.º — As divisas de livre disponibilidade que os produtores cheguem a acumular e que não forem utilizados por êles, poderão ser vendidas ao Banco Central del Paraguai.

Art. 9.º — Os beneficiários da presente lei não poderão negociar com os bens incorporados durante o tempo de sua vida útil, quando ùnicamente poderão ser empregados para os fins do programa. Entretanto, quando devam ser substituidos por unidades mais modernas ou por outras causas, devidamente fundadas e não atribuíveis aos beneficiários, terão êstes direito a aliená-los, mediante prévio pagamento das taxas e impostos correspondentes. Fica proibida a reexportação dêstes bens, salvo expressa autorização do Poder Executivo.

Art. 10 — Os equipamentos e maquinárias que constituem capitais a incorporar deverão estar em perfeito estado de eficiência e rendimento e sua importação estará sujeita à licença que será concedida automàticamente pelo Banco Central do Paraguai mediante a só verificação de sua correção. Não se exigirá a justificação dos embarques antes da licença.

Art. 11 — O Instituto de Reforma Agrária concederá os documentos e o visto dos passaportes dos membros do pessoal administrativo, técnico e especializado e dos membros de suas famílias que ingressem no país em virtude desta lei e das leis de imigração.

Art. 12 — Os benefícios da presente lei que não tenham assinalados prazos especiais de duração serão irrevogáveis durante quinze anos, computados desde a primeira safra e sua exportação.

Art. 13 — As pessoas visíveis ou jurídicas, nacionais ou estrangeiras, que tenham invertido somas de dinheiro provenientes de divisas incorporadas ao país, na compra de terras destinadas a realização do programa previsto na presente lei e se encontrem abrangidas por seus benefícios, terão direito à computação de ditas inversões como capital incorporado ao país, mediante gestão que farão no Registro Optativo de Capitales Estranjeros. As inversões em compra de terras serão convertidas em divisas estrangeiras do tipo de câmbio do mercado livre que vigore na data da aquisição.

Art. 14 — A exploração cafeeira realizar-se-á de acôrdo com as normas racionais de defesa do solo, das florestas e de defesa sanitária que estabelecerá o Ministério de Agricultura y Ganaderia.

Art. 15 — Qualquer circunstância não prevista no presente decreto-lei será resolvida pelo Poder Executivo.

Art. 16 — O Poder Executivo regulamentará o presente decreto-lei".

(*Do "Boletim da "APAC", Curitiba — Paraná*)

Instruções práticas para o plantio de cafèzais *

Eng.º Agr.º HELIO DE MORAES

I — INSTRUÇÕES GERAIS

1 — *Escolha do local*: As terras destinadas ao plantio de café devem ser de boa qualidade, o que é atestado pelos padrões existentes, muito conhecidos dos lavradores práticos. A altitude precisa também ser observada, não convindo formar cafèzais em locais muito baixos, que seriam fàcilmente atingidos pela geada. Também a topografia deverá ser favorável e a face de preferência aquela que não fôr castigada pelo vento dominante na região (em geral vento *sul*).

2 — *Alinhamento*: Os talhões deverão ser invariàvelmente plantados em *linhas de nível*. Para isto será prestada ao interessado, por intermédio do Agrônomo Regional da localidade próxima, a necessária assistência do técnico da Secção de Conservação do Solo, do DEMA, para a execução dos serviços.

3 — *Sementes para o plantio*: Para a obtenção de sementes selecionadas das melhores variedades em distribuição o lavrador deverá recorrer às Casas da Lavoura.

As sementes distribuídas são despolpadas ("casquinha") e convenientemente preparadas para a maturação do seu valor cultural dentro do ano em que foram colhidos.

Para o plantio direto, são necessários 3 quilos de sementes despolpadas para cada 1.000 covas. Para o plantio em terras já cultivadas, que será efetuado sempre com mudas prèviamente produzidas pelo interessado, será necessário (um) 1 quilo de sementes para cada 1.000 covas. Estas quantidades são perfeitamente suficientes, porquanto um quilo de sementes despolpadas contém pouco mais de 6.000 unidades e com alto poder germinativo.

II — PLANTIO EM TERRAS VIRGENS

1 — *Preparo do terreno*: O terreno deve ser convenientemente preparado. A mata será derrubada, aproveitando-se tanto quanto possível a madeira de lei existente. O ideal seria não se efetuar a queimada; se isto fôr praticável ter-se-á poupado uma grande quantidade de matéria orgânica no solo. Se fôr imprescindível recorrer-se a êste meio de desatravancamento do terreno, convirá atear fogo após um período de chuva, para que a queima tenha apenas o papel que se lhe quer dar: o de eliminar o excesso de tranqueira existente.

2 — *Alinhamento*: Conforme já dissemos, a não ser em raríssimos casos de terrenos perfeitamente planos, as novas lavouras deverão ser plantadas obedecendo ao alinhamento de acôrdo com as linhas de nível.

3 — *Espaçamento*: Em terras virgens de boa fertilidade, o espaçamento deve ser de 4 metros entre linhas e 2,50 m entre plantas nas linhas. Em terras

---

(*) O presente trabalho é uma das muitas páginas escritas pelo saudoso agrônomo paulista, que ainda não foram publicadas. Sua divulgação está sendo possível graças a uma gentileza de sua espôsa, D.ª Edith Moraes.

de média fertilidade poder-se-á empregar 3,50 x 2,50 ou 4 x 2 metros. Os espaçamentos citados são convenientes sòmente para as variedades de porte normal, como o Mundo Novo, Bourbon amarelo ou Bourbon Vermelho.

Para a variedade Caturra, o espaçamento poderá ser reduzido para 4 x 2 m nas terras muito boas e 3,5 x 2 m para as terras de média fertilidade.

4 — *Modo de plantio*: Em terras virgens o plantio poderá ser feito pela semeação direta nas covas. Assim, a lavoura poderá ser plantada já em outubro a novembro, logo no início do período das águas.

5 — *Coveamento*: As covas deverão ter as seguintes dimensões: 50 x 50 x 40 centímetros. Abertas as covas, recomenda-se que sejam estas cheias com terra do solo, misturada com a serapilheira do mato ou terra da superfície. As covas serão cheias até 25 a 30 cm de altura sòmente.

6 — *Adubação*: Caso o interessado deseje efetuar alguma adubação por ocasião do plantio, será interessante, a fim de evitar o uso de fertilizantes em quantidades e qualidades inadequadas, que mande proceder com antecedência à análise das terras. Com tal prática, o interessado, por intermédio das secções técnicas competentes, será devidamente orientado sôbre a melhor adubação a ser efetuada.

Para a retirada da amostra para análise, deverá o lavrador solicitar a presença do Agrônomo Regional, que o orientará na execução da operação.

7 — *Semeação*: A semeação é feita na cova, em duas linhas paralelas, colocando-se 10 (dez) sementes em cada linha, ou sejam 20 (vinte) na cova, bem distribuídas. Poder-se-á também empregar com sucesso a semeação em covetas de 5 (cinco) sementes em cada canto da cova, distantes 30 a 40 cm entre si.

A semeação será efetuada em outubro-novembro, logo depois de bem iniciadas as chuvas, a fim de dar tempo para que a terra removida e posta na cova acame convenientemente. Por sôbre as sementes se coloca uma camada de apenas um centímetro de terra.

As covas devem ser bem baldramadas, para evitar que caia terra, o que impedirá a germinação normal das sementes. Será também efetuada a cobertura das covas (arapuca), para proteger as mudinhas durante o seu primeiro desenvolvimento, contra os raios diretos do sol. Êstes serviços são feitos nas normas usuais, de conhecimento de todos lavradores.

8 — *Desbaste*: Depois de germinadas e quando já com um certo desenvolvimento, não havendo mais perigo de perdas, faz-se o desbaste, deixando-se 4 a 6 plantas por cova. A germinação das sementes deve-se dar 40 a 50 dias após o plantio.

O desbaste deverá ser feito em duas ou três vêzes, podendo-se assim garantir uma melhor escolha das plantas mais vigorosas. Desta forma aproveitar-se-ão as plantas retiradas, para o replantio de covas que porventura tenham falhado parcial ou totalmente.

Procurar-se-á efetuar também o desbaste, tendo-se em vista deixar, tanto quanto possível, as plantas mais afastadas entre si (30 a 40 cm), para se formar um pé de café bem aberto.

9 — *Culturas intercalares*: Sempre que possível deve-se evitar o plantio de culturas intercalares, mesmo na formação de café em terras virgens.

Na eventualidade de ser de todo necessário o aproveitamento do terreno, recomenda-se sòmente o plantio de feijão das águas e das sêcas.

É preciso ter-se sempre em mente: qualquer cultura intercalada no cafèzal é prejudicial.

10 — *Tratos culturais*: Deverão ser dispensados tratos culturais normais, a fim de se manter a cultura sem a concorrência de ervas daninhas, que possam prejudicar o desenvolvimento das plantas.

III — Plantio em Terras já Cultivadas

1 — *Preparo do terreno*: O plantio dessas lavouras em terras já cultivadas será efetuado sòmente por meio de mudas, no ano seguinte ao da compra das sementes. Assim, recomenda-se que as terras destinadas ao plantio da cultura de café sejam, já no primeiro ano, devidamente preparadas e deixadas sem cultivo até o plantio definitivo do café.

Neste caso, deverá ser efetuado em tais terras o plantio de uma leguminosa (mucuna, crotalaria ou guandú). O plantio da leguminosa será feito, portanto, em outubro a novembro. As instruções e sementes para o plantio poderá ser obtida por intermédio dos Agrônomos Regionais.

No ano seguinte, far-se-á o enterrío da leguminosa mais ou menos em junho a julho, com tempo portanto, para a execução dos demais serviços, de acôrdo com as instruções abaixo.

2 — *Alinhamento*: Também para as plantações a serem formadas em terras já cultivadas, deverá ser empregado o alinhamento, obedecendo às linhas de nível do terreno que, neste caso, é absolutamente imprescindível.

3 — *Espaçamento*: O espaçamento a ser empregado deverá ser 4 x 2 m ou 3,50 x 2,50 m para os cafeeiros de porte normal, como o Mundo Novo e Bourbon Amarelo. Para os de porte pequeno, como o Caturra, plantar-se-á a 3,5 x 2 m.

4 — *Forma de plantio*: Em terras já cultivadas, o plantio deverá ser feito sòmente por meio de mudas prèviamente produzidas em viveiro. Para isto, as sementes recebidas deverão ser semeadas em viveiro de outubro a novembro, quando para produção de mudas de ano, ou de maio a julho, quando se pretende destas mudas de 6 meses, de acôrdo com o esquema anexo (quadro I).

Portanto, o interessado deverá estar devidamente organizado, para poder produzir a contento as mudas necessárias para o plantio da lavoura planejada, preparando o seu viveiro com a devida antecedência.

5 — *Coveamento*: As covas para o plantio, terão as seguintes dimensões: 60 x 60 x 40 cm. Êste serviço deverá ser efetuado com bastante antecipação, podendo iniciar-se a partir de julho e prolongando-se até o mês de setembro.

6 — *Adubação*: Para o plantio em terras já cultivadas, as covas deverão receber uma boa adubação de matéria orgânica. Êste serviço deverá ser feito também com antecedência do plantio, ou seja logo após o coveamento, a fim de que os adubos em decomposição não venham a prejudicar as mudas plantadas.

A adubação aconselhada em linhas gerais será:

Estêrco de curral, composto ou serapilheira de mato	50 ls (1 jacá)
Farinha de ossos ou outro adubo fosfatado eqüivalente	300 gramas
Cloreto de potássio	**100 gramas**

Será interessante, entretanto, que o interessado mande efetuar a análise de terra destinada ao plantio, pois desta forma, poder-se-á recomendar com mais precisão os adubos adequados para a sua terra. A análise mostrará também a necessidade ou não de se aplicar corretivo ao solo.

Os adubos serão misturados bem como a terra da primeira camada do solo retirado das covas. A mistura obtida será em seguida colocada novamente nestas.

A adubação das covas, conforme foi dito, será executada logo após o coveamento em agôsto a setembro, ou seja com bastante antecedência do plantio.

7 — *Plantio*: O plantio das mudas será efetuado de outubro a dezembro, depois de bem inicidas, as chuvas, a fim de dar tempo para que esta terra adubada, posta na cova, acame convenientemente.

No plantio, as mudas individuais, após terem sido retiradas do recipiente, serão dispostas nos cantos das covas, a uma distância de 30 a 40 cm entre si. Deve-se plantar 4 mudas em cada cova. As mudas ficarão com o nível da terra do recipiente, situado a 3 a 5 cm abaixo do nível do terreno, a fim de possibilitar posteriormente a construção de bacias ao redor das covas.

Havendo falta de mudas, poder-se-á, excepcionalmente, efetuar o plantio de apenas 3 mudas em cada cova.

Sempre que possível as mudas serão protegidas com "casinhas" de madeira ou outro material qualquer, como canas de milho, etc., a fim de que não sintam a mudança de ambiente do viveiro para o pleno sol.

8 — *Culturas intercalares*: Nas lavouras formadas em terras já anteriormente cultivadas, não deverá ser efetuado o plantio de nenhuma cultura intercalar que possa concorrer com o cafeeiro. Ao contrário, dever-se-á proceder ao plantio de leguminosas como o feijão de porco, soja, mucuna anã (rasteira), crotalaria juncea, etc., ou qualquer outro adubo verde recomendado para a melhoria do solo, proteção contra a erosão, etc.

9 — *Tratos culturais*: Dever-se-á dispensar os cultivos normais à cultura cafeeira, de forma a mantê-la livre da concorrência de ervas daninhas, ataque e de pragas.

IV — Observações Gerais

1 — *Ataque de pragas e moléstias*: Desde que ocorram ataques de pragas ou moléstias nos cafeeiros, deverão ser tomadas as medidas necessárias para o combate adequado. Em tais casos, deverá o interessado entender-se sempre com o Agrônomo Regional, que o orientará a respeito das medidas a tomar.

2 — *Execução de serviços diversos*: A execução de quaisquer serviços, não citados e tidos como necessários, tais como podas, desbrotas, etc., deverá ser feita com o máximo cuidado e após consulta do Agrônomo Regional.

Verificou-se acréscimo constante no volume da produção agrícola paulista entre 1948 e 1954

O volume da produção agrícola paulista tem registrado constante acréscimo nos últimos sete anos. Em estudo apresentado à III Conferência Rural Brasileira, há pouco reunida nesta capital, a Divisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura acentua que a tonelagem total elevou-se de 10.510.094 toneladas em 1948 para 18.193.613 em 1954 (dêste último ano os dados são provisórios). Êsses totais compreendem as safras dos vinte principais produtos da lavoura, a saber: cana de açúcar, milho, mandioca, algodão, arroz, café, banana, batata, laranja, amendoim, tomate, feijão, mamona, cebola, alfafa, soja, casulo, chá prêto, gergelim e menta.

A participação dessas culturas na produção total do Estado figura no quadro abaixo, nos quais resumimos os elementos relativos a 1948, 1951 e 1954:

PRODUÇÃO DOS VINTE PRINCIPAIS PRODUTOS VEGETAIS DE SÃO PAULO (Toneladas)

Produtos	1948	1951	1954
Cana de açúcar	5.895.000	8.436.000	12.686.000
Milho	1.081.560	1.075.000	1.458.000
Mandioca	530.000	666.000	823.000
Algodão em caroço	416.694	612.196	645.000
Arroz em casca	646.860	763.200	558.000
Café	661.080	443.820	516.000
Banana	351.400	368.800	391.800
Batata	202.500	240.120	345.300
Laranja	154.098	120.330	208.614
Amendoim em casca	194.900	194.100	190.825
Tomate	87.291	66.717	155.142
Feijão	157.260	121.980	120.960
Mamona	78.400	29.750	36.250
Cebola	22.125	22.860	35.160
Alfafa	21.570	19.795	15.555
Soja	1.560	660	5.880
Casulo	1.198	861	1.000
Chá prêto	610	422	600
Gergelim	5.760	5.220	420
Menta	228	553	107

A produção total daquelas vinte culturas nos últimos sete anos pode ser assim resumida: 1948, 10.510.094 toneladas; 1949, 10.654.425; 1950, 11.976.586; 1951, 13.188.884; 1952, 14.767.778; 1953, 15.159.310; e 1954, 18.193.613.

Comenta-se no referido trabalho que, de modo geral, a produção registra aumento considerável. Se a análise fôr feita para os produtos em separado, observar-se-á que se verificam grandes variações anuais, dados os fatores que afetam o volume da produção. Todavia a tendência é de crescente expansão, o que se comprova pela produção 'per capita', a qual registra sensível acréscimo,

não obstante o aumento da produção, como se vê dêstes elementos: ano de 1948, produção "per capita" de 1.216 kg; 1949, 1.199; 1950, 1.311; 1951, 1.406; 1952, 1.533; 1953, 1.571; e 1954, 1.796.

Aponta-se no estudo em questão que o aumento no volume da produção resulta em grande parte do acentuado progresso da cultura da cana de açúcar. Esta registrou em 1954 aumento de 115% em relação a 1948, enquanto os demais produtos tiveram acréscimo de apenas 19%.

EXPANSÃO DA ÁREA CULTIVADA

Sempre tendo em conta aqueles vinte principais produtos vegetais, observa-se constante aumento na área cultivada no Estado entre 1949 e 1954. Apenas em 1951 houve recuo na superfície plantada, em cotejo com o ano precedente. O aumento geral foi de cêrca de 23% entre 1948 e 1954.

No quadro abaixo figuram dados sôbre a área cultivada, a produção em toneladas e o rendimento de tonelada por hectare no período em exame:

Anos	Área (hectares)	Produção (toneladas)	Rendimento de tonelada por hectare
1948	4.051.100	10.510.004	2,59
1949	4.192.889	10.968.414	2,62
1950	4.464.591	11.976.586	2,68
1951	4.299.565	13.188.884	3,07
1952	4.384.746	14.767.778	3,37
1953	4.490.295	15.519.310	3,46
1954	4.982.508	18.193.613	3,65

A IMPORTÂNCIA DA CANA DE AÇÚCAR

"Pelos dados dêsse quadro — comenta-se no trabalho da Secretaria da Agricultura — pode-se observar constante aumento no número de toneladas por hectare. É importante salientar que êsse aumento no rendimento médio dos 20 produtos é apenas aparente, sendo causado, como no caso da produção total, pelo aumento crescente da produção de cana, e, como esta cultura apresenta uma alta produção por área, isso afeta as médias anuais. Se retirarmos a cana, levando em conta os dados dos 19 produtos restantes, verifica-se igualmente um aumento na área plantada de 19% no período em questão, mas o rendimento médio permanece estacionário, apresentando mesmo quedas em certos anos. Assim, depois de ser de 1,18 toneladas por hectare em 1948, chega a ser de 1,10 em 1949 e 1953, para novamente alcançar 1,18 em 1954."

Resumimos abaixo dados relativos à área plantada com os vinte principais produtos vegetais de São Paulo (em hectares), nos anos de 1948, 1951 e 1954:

Produtos	1948	1951	1954
Café	1.130.000	1.127.000	1.400.000
Milho	773.569	747.165	1.234.200
Algodão	836.013	1.162.330	788.920
Arroz	443.842	494.865	508.200
Cana de açúcar	135.488	185.488	308.031
Feijão	240.724	190.693	312.660

Amendoim	207.684	173.782	181.648
Banana	56.000	58.000	60.000
Mandioca	53.240	42.553	59.050
Batata	43.584	48.146	49.080
Mamona	82.166	26.104	36.704
Laranja	12.500	13.000	18.000
Cebola	6.042	5.367	9.704
Tomate	5.517	9.053	8.661
Soja	1.447	648	5.518
Alfafa	6.885	2.887	3.569
Amoreira	2.880	2.080	2.420
Menta	5.178	7.439	1.500
Chá prêto	1.200	1.200	1.210
Gergelim	7.141	1.769	433

Quanto a êsses dados, observa-se que o total da superfície plantada é na realidade superior à área geográfica em uso, pois estão repetidas as áreas de culturas intercalares e as que apresentam mais de um plantio anual.

Destaca-se também no referido estudo a participação das culturas permanentes no total da área plantada. Considerando-se como tais as de café, laranja, banana, cana de açúcar, chá e moreira, verifica-se que em 1954 elas ocupavam 1.782.661 hectares ou 36% da área total. Em números absolutos, entre 1948 e 1954, a ampliação das culturas permanentes alcançou 444.593 hectares. Mais de 60% dessa expansão se deveram ao café, cuja área aumentou em cêrca de 270.000 hectares. A participação da cana nesse acréscimo foi de 37%.

RENDA AGRÍCOLA

No trabalho da Secretaria da Agricultura foi dedicado um capítulo à renda agrícola em São Paulo. Para os respectivos cálculos, foram apreciados os dos vinte produtos vegetais a que nos referimos e mais quatro de origem animal (bovinos, suínos, ovos e leite).

Nesse particular, tomando-se como ponto de partida o ano de 1948, verificaram-se sensíveis progressos, os quais se observam no quadro abaixo:

ANO	Renda bruta Cr$ 1.000	Índice	Índice custo de vida	Valor deflacionado Cr$ 1.000	Índice
1948	15.003.332	100	100	15.003.332	100
1949	16.106.640	107	98	16.435.340	109
1950	19.898.551	133	104	19.133.222	127
1951	22.352.161	149	113	19.780.673	132
1952	27.570.836	184	133	20.729.951	138
1953	32.011.717	213	162	19.760.319	132
1954	44.545.365	297	183	24.341.729	162

Na elaboração dêsse quadro, o índice do custo de vida foi calculado com base em levantamentos da Prefeitura de São Paulo. O índice de 1954 refere-se à média de janeiro a julho.

O aumento da renda bruta da agricultura não é apenas aparente, isto é, não foi medido simplesmente em têrmos quantitativos de dinheiro. "Trata-se

de crescimento efetivo, pois, quando deflacionado pelo índice do custo de vida, chega-se a resultado que também acusa expressivo progresso. É bem verdade que o maior responsável por êsse aumento é o café, cujos preços elevaram-se inusitadamente nesse período. Além disso, o volume da produção de alguns produtos, como a cana, acusou sensível aumento no período em questão, contribuindo igualmente para maior renda".

Outro dado interessante refere-se à renda bruta "per capita", calculando-se grosseiramente a população do Estado nos anos do período em análise, salvo no ano de 1950, que representa o resultado do censo oficial:

Anos	População total do Estado em 1.º de setembro	Renda bruta "per capita" — Cr$	Índice do custo de vida	Renda bruta "per capita", deflacionada — Cr$
1948	8.637.327	1.737,00	100	1.737,00
1949	8.885.875	1.812,00	98	1.855,00
1950	9.134.423	2.178,00	104	2.095,00
1951	9.382.971	2.382,00	113	2.108,00
1952	9.631.519	2.862,00	133	2.152,00
1953	9.880.067	3.240,00	162	2.000,00
1954	10.128.615	4.397,00	183	2.403,00

A renda bruta de cada um daquêles produtos, nos anos de 1948, 1951 e 1954, pode ser assim apreciada (em Cr $ 1.000,00):

Produtos	1948	1951	1954
Café	4.900.806	7.575.268	19.145.320
Algodão em caroço	1.722.916	4.614.318	4.540.800
Bovinos	1.295.211	1.931.139	3.520.800
Arroz em casca	1.568.635	1.321.608	3.494.940
Milho	1.351.950	1.385.602	2.614.680
Cana de açúcar	573.583	1.084.026	2.283.480
Leite	430.451	516.320	1.527.271
Ovos	471.187	741.613	1.520.000
Batata	450.562	576.164	1.445.913
Suínos	468.804	553.403	966.400
Amendoim em casca	387.461	465.188	855.014
Tomate	241.182	276.752	689.520
Feijão	555.128	314.975	456.413
Mandioca	67.575	219.780	427.960
Banana	186.929	278.769	342.320
Laranja	51.366	83.085	258.284
Cebola	38.350	78.486	222.210
Mamona	130.144	109.182	105.125
Casulo	29.950	24.883	44.300
Alfafa	17.472	23.160	30.799
Soja	2.944	1.611	20.358
Menta	31.920	149.698	15.782
Chá prêto	11.596	6.962	14.760
Gergelim	17.210	20.169	2.916

(Da "Fôlha da Manhã", 4-1-55)

Estimado em Cr$ 18.574,00 o custo de formação de mil pés de café na "zona velha" de São Paulo

Obtenção da muda, preparo do terreno, plantio e formação pròpriamente dita da lavoura, até a idade de 4 anos. — Investigação realizada pela Subdivisão de Economia Rural em seis propriedades de Amparo, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu. — Receita líquida do agricultor, a partir do segundo ano.

Tendo em vista o crescente interêsse pela instalação de novas lavouras de café na chamada "zona velha" de São Paulo, a Subdivisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura efetuou um estudo sôbre o custo de formação de cafèzais nessa região, o qual abrange quatro fases: *a*) formação da muda; *b*) preparo do terreno; *c*) plantio das mudas no local definitivo; e *d*) formação pròpriamente dita do cafèzal até a idade de 4 anos.

Os cálculos, que reproduzimos a seguir, são síntese dos dados e informações coletadas em seis propriedades dos municípios de Amparo, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, nas quais se adotaram processos racionais de plantação e que se achavam em condições de fornecer elementos relativamente precisos.

CUSTO DE CR $ 0,44 POR MUDA

Nas propriedades objeto da investigação, 177.000 mudas foram obtidas por semeadura direta nos vasilhames de laminados. As despesas médias de formação das mudas, até a idade de 6 meses, podem ser assim distribuídas:

	Custo de 177.000 mudas Cr $	Custo de uma muda Cr $
Ripado (1)	8.200,00	0,046
Lâminado	17.930,00	0,101
Arame	3.890,00	0,021
Semente	1.950,00	0,011
Estêrco	2.900,00	0,016
Mão de obra (2)	36.650,00	0,207
Total (3)	71.650,00	0,402

(1) Computou-se apenas a depreciação anual dos ripados de tipo rústico.

(2) Inclui as operações de amarrar os laminados, enchê-los, plantar a semente, irrigar e limpar os laminados, no período de 6 a 8 meses. A diária variava de 30 a 50 cruzeiros.

(3) O total da primeira coluna foi publicado, no boletim "A Agricultura em São Paulo", daquela Subdivisão, como sendo de Cr $ 71.560,00. Todavia, a pequena diferença não exerce influência ponderável nos cálculos gerais.

Levando em conta, tal como ocorreu naquelas propriedades, uma pêrda de 10% no total das mudas, observa-se que a formação de uma muda (uma planta em lâminado) fica em Cr $ 0,44. Êsse, portanto, o custo médio das mudas, que eram das variedades Bourbon, Caturra e Mundo

Novo. Como o preço comercial da muda gira em tôrno de 1 cruzeiro, o cafeicultor, quando a forma em sua fazenda, economiza Cr $ 0,56 por planta.

O PREPARO DO TERRENO

Os cafèzais foram formados em terras de tipo massapé, salmourão e roxa, ocupadas até então, com exceção de uma, com cafeeiros velhos, pastarias e culturas diversas sem adubação (cafèzal velho substituído por milho, algodão e mandioca em 4 anos consecutivos). Trata-se de terrenos de topografia levemente acidentada, onde todos os cafeeiros, num total de 98.000, foram plantados em curva de nível abrangendo 29 alqueires. Em duas propriedades, o plantio efetuou-se a tração animal o processo mecanizado e em quatro por processos motomecanizados.

No quadro abaixo figuram as despesas médias de preparo do terreno, por pé de café:

Operações	Processo motomecanizado Cr $	Processo mecanizado Cr $
Aração	0,077	0,022
Gradeação	0,036	0,016
Locação da curva de nível	0,034	0,034
Construção da curva de nível (1)	0,071	0,100
Coveamentos (2)	0,161	0,374
Adubação das covas (3)		
Mão de obra	0,176	0,176
Veículos e animais	0,152	0,152
Valor do estêrco	0,220	0,220
Valor do adubo	0,320	0,320
Total	1,248	1,414
Despesas por mil pés	1,248,00	1,414,00

(1) As curvas de nível foram construídas com mula mecânica e trator, no primeiro processo, e com arado e burro, no segundo.

(2) Coveadas com broca de trator, no primeiro caso, e manualmente, no segundo.

(3) Tôdas as operações manuais, desde o carregamento do estêrco e adubo, até a colocação nas covas, efetuaram-se com auxílio de veículos e animais.

PLANTIO NO TERRENO

Com 6 a 8 meses de idade, as mudas foram transferidas para as covas já preparadas para recebê-las definitivamente, computando-se, nas operações de transporte e plantio, as seguintes despesas, por muda:

	Cr $
Mão de obra	0,043
Veículos e animais	0,017
Plantio	0,271
Coroação e cobertura	0,633
Total	0,964

Tem-se, desta maneira, que o plantio de mil pés de café importou em Cr $ 964,00, ou sejam, Cr $ 3.257,00 por alqueire com 3.379 árvores.

Reunindo-se as despesas das três primeiras fases de formação, obtem-se o preparo da muda até o plantio definitivo:

	Cr $
Custo da muda (4 por cova)	1.760,00
Preparo do terreno (para 1.000 pés)	1.330,00
Plantio das mudas	964,00
Total	4.054,00

(1) Média das despesas com dois processos de preparos.

DESPESAS COM A FORMAÇÃO DO CAFÈZAL

Plantadas as mudas, inicia-se a formação pròpriamente dita do cafèzal, que demanda 3 a 4 anos, consoante a precocidade das variedades utilizadas. Nessa fase, os principais tratos culturais constam de capinas, adubações e combate às pragas. Como se observa no trabalho da Subdivisão de Economia Rural, êsses tratos geralmente "se resumem nas capinas, que são feitas por empreitada, ou então pelos formadores, e neste caso recebem como paga o produto das culturas intercalares que fazem no cafèzal e tôda a colheita que obtêm, até a idade de entregarem os cafeeiros formados. Além dêsses dois contratos, existem outros; contudo, limitaremos nossa análise ao caso mais comum observado nas propriedades investigadas e que consistia na formação por empreitada."

Durante os 4 anos de formação de mil pés de café, as despesas em dinheiro e o pagamento em espécie (café e cereais dados aos empreiteiros) acusaram os seguintes valores médios anuais:

Primeiro ano:

	Cr $
Carpas manuais (5 vêzes, em média) a desbrota	2.150,00

Segundo ano:

	Cr $
Carpas e desbrota	2.150,00
Combate a pragas (1)	90,00
Adubação (2)	480,00
Total	2.720,00

(1) Feito numa só propriedade, ficou em Cr $ 540,00 por mil pés, o que dá a média de Cr $ 90,00 para cada uma das seis fazendas.

(2) Realizada sòmente em duas propriedades.

Terceiro ano:

	Cr $
Carpas e desbrota	2.150,00
Adubação química	880,00
Adubação orgânica (feijão de porco)	1.740,00
Total	4.770,00

Quarto ano:

	Cr $
Carpas e desbrota	2.150,00
Adubação química	990,00
Adubação orgânica	1.740,00
Total	4.880,00

Sôbre o assunto, esclarece a Subdivisão de Economia Rural: "Os dados de 3.º e 4.º anos não foram fornecidos pelas propriedades, uma vez que os cafèzais não iam além de 2,5 anos. Admitimos, porém, os mesmos gastos para as carpas e consideramos uma adubação racional para os cafeeiros, com fertilizantes e adubos verdes. O gasto no combate às pragas é imprevisível."

Em resumo: a formação de mil cafeeiros desde o preparo da muda até a idade de 4 anos, ficaria em Cr $ 18.574,00 sendo Cr $ 4.054,00 da muda e seu plantio e Cr $ 14.520,00 da formação pròpriamente dita.

"O custo total assim determinado — diz aquêle trabalho — compreende duas categorias de despesas: 1) — dinheiro realmente gastos com agentes e fatores de produção (braço, fertilizantes, inseticidas, sementes, alimentação dos animais, reparos de máquinas, veículos e combustíveis; 2) juros e depreciação das máquinas, veículos e animais usados. Não foram, porém, computados os juros sôbre o capital fundiário (terras e benfeitorias, depreciação das benfeitorias e despesas gerais (administração, impostos, etc.). Procedemos dessa maneira porque o nosso objetivo era de determinar o custo de formação em propriedades velhas, de modo que se conheça o montante a ser gasto na formação completa e em cada ano, sem nos preocupar com as despesas fixas das propriedades já instaladas para os vários tipos de exploração".

LAVOURAS AUTOFINANCIADAS

Por último, o estudo acentua que as lavouras em formação, a partir do segundo ano do plantio, começam a produzir renda. Nos casos examinados, observa-se uma produção média de 2 litros em côco (24 arrobas por mil pés) por cafeeiro, de 2 anos. Assim, poderia ser estimada uma produção de 3 litros (36 arrobas) e de 4 litros (48 arrobas) para o 3.º e 4.º anos, a qual não se deve considerar exagerada, se forem executados os tratos culturais recomendados e o tempo correr normalmente.

Essa produção, nas bases dos preços vigentes em fevereiro último, quando se elaborou o estudo (Cr $ 2.072,00 por saca beneficiada), daria as seguintes receitas por mil pés, nos anos de formação: 2.º ano, Cr $ 12.432,00 (6 sacas beneficiadas); e 4.º ano, Cr $ 24.864,00 (12 sacas beneficiadas).

Cotejadas essas receitas com os custos de formação "verifica-se que o agricultor, a partir do 2.º ano, paga a formação da lavoura com a produção do próprio cafèzal e ainda obtém renda":

	Custo de formação Cr $	Receita bruta Cr $	Receita líquida Cr $
Até o fim do 2.º ano	8.924,00	12.432,00	3.508,00
No 3.º ano	4.770,00	18.648,00	13.878,00
No 4.º ano	4.880,00	24.864,00	19.984,00
Total dos 4 anos ...	18.574,00	55.944,00	37.370,00

Não foram deduzidos os custos de colheita, sacaria, transporte e armazenagem.

E o trabalho a que nos vimos referindo termina com a seguinte apreciação:

"Como se vê atualmente, usando-se as variedades precoces produtivas (Bourbon Amarelo, Caturra e Mundo Novo) e cultivando-as pelos processos racionais da técnica moderna (adubação, combate à erosão, irrigação, etc.) consegue-se formar, por empreitada, lavouras auto financiadas que propiciam, aos cafeicultores, lucros a partir do 3.º ano. Evidentemente, o alto preço atual é o grande responsável pelos lucros obtidos nas lavouras em formação. Contudo, para mostrarmos aos cafeicultores mais céticos que as lavouras novas são altamente lucrativas, e que poderiam com vantagem substituir a prática da restauração das lavouras velhas, podemos considerar um preço mais real, capaz de permanecer por um largo período de tempo.

Assim, tomando-se um preço de Cr $ 1.300,00 por saca beneficiada, ainda é possível obter-se renda líquida a partir do 3.º ano de formação, como pode ser visto no quadro abaixo:

	Custo de formação Cr $	Receita bruta Cr $	Receita líquida Cr $
Até o fim do 2.º ano	8.924,00	7.800,00	1.124,00
No 3.º ano	4.770,00	11.700,00	6.930,00
No 4.º ano	4.880,00	15.600,00	10.720,00
Total dos 4 anos ..	18.574,00	35.100,00	16.526,00

"A partir do 5.º e 6.º anos, as receitas líquidas seriam indubitàvelmente bem mais elevadas, pois os cafeeiros tornam-se mais produtivos."

Na última parcela do cálculo acima, o resultado da receita líquida nos 4 anos (Cr $ 16.526,00) é o produto da soma dos lucros do 3.º e 4.º anos, deduzido o deficit observado até o fim do 2.º ano.

O problema do braço nas fazendas de café

LAURISTON POUSA BICUDO
(Engenheiro agrônomo)

O envelhecimento das árvores e, sobretudo, o enfraquecimento da terra, deram tal feição à cafeicultura paulista que, a menos que racionalizemos sua exploração, será ilusão pretender voltar aos índices de produtividade, do passado. Uma coisa é conhecer as vantagens da aplicação dos modernos métodos agronômicos e outra, bem diferente, é dispor, na fazenda, de meios reais que possibilitem aplicá-los na amplitude desejada. Em regra, 80% das nossas fazendas não dispõem de gente para um programa francamente de restauração: os trabalhos rotineiros consomem tôda a verba de custeio da propriedade e cada vez mais é menor o rendimento do braço operário. Apesar dos altos preços atuais do café, a situação é a mesma. O colono continua ganhando pouco, trabalhando menos, e fugindo — sempre que pode — para outras culturas ou para as cidades.

É evidente que algo muito importante está errado.

Constitui grosseiro êrro atribuir o lento caminhar em que vamos, em matéria de recuperação cafeeira, à falta de esclarecimento técnico ou de compreensão exata das vantagens dos novos métodos. O nosso fazendeiro médio sabe que é bom fazer, sabe que é preciso fazer — simplesmente não faz. E não faz porque não pode, porque não tem tempo, porque seus colonos "ganhando muito, pouco produzem, ocupam tôdas as moradias, precisam ser fiscalizadas de perto e ainda executam mal os serviços..." Para combater a erosão, para controlar as pragas e para produzir grandes quantidades de esterco e aplicá-lo, é preciso também como numerário que parece não existir em nenhuma fazenda ou, mais precisamente, na maioria de nossas propriedades cafeeiras.

Não há uma falta pròpriamente numérica de braços — o que mais se nota é o desinterêsse, a falta de boa vontade e de estímulo por parte do trabalhador rural. Tantos anos de incompreensão entre patrão e colono geraram o que em geral se chama de "seleção negativa". Mas não é possível deixar de reconhecer que existe uma espécie de surda revolta do homem que, de sol a sol, trabalha numa das lavouras que julga a mais rendosa do mundo e que ,para êle não dá nem o mínimo necessário para não morrer de fome. Antigamente, a terra humosa e os cafèzais "fechados" e mais recentemente a liberação de culturas intercalares, ainda lhe davam um razoável padrão de vida. Hoje, no entanto, é demasiado baixo o seu padrão de vida e êle, desistimulado, não faz muita fôrça para modificar a situação. E de que jeito o poderia fazer? Como "compensação", muda-se todo ano, num nomadismo que, afinal, só serve para agravar a situação.

O colono de café de São Paulo é atualmente o mais estilizado paria da nação — por isso que vive de maneira primitiva em um ambiente de relativa fartura e, mesmo algum fausto. Não tem sequer, como acontece com seu patrício do nordeste brasileiro, o fraco consolo de verificar que a penúria é mal de todos.

A má vontade e consequente baixo rendimento dessa mão de obra deram azo à revolta do patrão. E, sem o

sentirem, empregador e empregado se dão as mãos para, em última análise, prejudicarem o cafeeiro.

A compreensão dêsse "statu quo" de que é vítima maior o pé de café poderia, por si só, ditar normas para uma remodelação de nosso vigente sistema de colonização. Hoje pagamos Cr$ 2.500,00 a Cr$ 3.500,00 por mil pés de café, com relativamente pouca consorciação de culturas no cafèzal, e não conseguimos reerguer a lavoura — estamos simplesmente mantendo sua atual fôrça orgânica. Manter cafèzais pouco produtivos justifica, é certo, algum esfôrço que vimos fazendo — porém não êsse o objetivo da maioria. A média geral está por volta de 25 sacos em coco por mil pés e precisaria ir a 50 ou mais, pois cumpre encarar o aspecto econômico da lavoura quando normalizada estiver a posição estatística do produto, isto é, quando os preços estiverem em níveis normais de comércio internações. Num futuro próximo estaremos pagando Cr$ 5.000,00, depois Cr$ 10.000,00 pelo trato de mil pés e, por mais que desejemos, não estaremos obtendo mais que a simples manutenção do atual vigor de nossas árvores, se tanto. Ano após ano, escasseia e piora a qualidade da mão de obra para café e queimam-se mais divisas, tempo e trabalho com as mudanças de colonos — mudanças que não aproveitam a ninguém. É raro o fazendeiro que mantém por mais de dois anos seguidos a metade de suas "famílias".

O desiderato é fixar o colono e provocar o aumento de seu rendimento de trabalho. Os meios deverão ser introduzidos pelos cafeicultores, de um lado melhorando as condições de vida do pessoal e de outro, estimulando-lhe o trabalho, mediante novo contrato de trabalho mais racional e humano, consentâneo com a época e mais lucrativo para todos. Há um lugar comum que precisa ser repetido: quem faz o empregado é o patrão. Também nunca é demais insistir que uma mão lava a outra e ambas lavam o rosto. O rosto, no caso, o cafèzal. É o que veremos no topico seguinte.

Como estimular o trabalho nas fazendas de café

Foi nossa intenção até aqui demonstrar que da incompreensão entre patrão e colono resulta boa parte dessa comprovada impossibilidade prática de recuperar, no sentido lato, os cafèzais de São Paulo. Uns e outros se queixam, não sobrando "tempo", "gente" e "dinheiro" para efetivamente conservar o solo, dominando as enxurradas e enriquecendo-o com muita matéria orgânica — tal como é necessário.

No passado, os cafèzais "fechados" pouco deixavam para capinar e a terra quase virgem determinava, ao menor esfôrço, grandes rendimentos de café e cereais. Ao colono sobejavam tempo e matéria-prima para engordar porco, desfrutando, assim, de razoável padrão de vida. Com o decorrer dos anos, o solo se exauriu e o cafèzal "se abriu": hoje o colono "não presta"... O custeio cresceu e crescerá sempre, a não ser que modifiquemos o atual sistema de trato da lavoura.

Quando se fala a um cafeicultor que é mister pôr um paradeiro à situação, melhorando as condições de vida do trabalhador e estimulando-o no trabalho, de modo a fixá-lo na fazenda e aumentar sua capacidade, êle concorda plenamente. Mas, á mais leve insinuação de que a única maneira razoável de conseguir tanto é dar ao colono um pequeno interêsse na produção, êle — salvo honrosas

exceções, de adiantados cafeicultores — muda de assunto: "Não quero sócio em meu cafèzal". Quem assim interpreta, está chamando de sócio o homem que, de sol a sol, estaria trabalhando junto ao cafeeiro, sob suas ordens, com interêsse em minúscula porcentagem daquilo que está fazendo produzir.

O novo trato que, sob nossa orientação vem sendo há dois anos adotado por um fazendeiro da média sorocabana, com êxito evidente, é o seguinte:

a) É feito contrato bianual com o colono e sua família, findo o qual poderá ou não ser reformado. Mas se o for, o colono terá opção para o talhão no qual já trabalhou os dois anos.

b) Percebe o colono, em mensalidades, a quantia de Cr$ 1.500,00 ao ano, por mil pés, e 10% do café, produzido no talhão que está por sua conta. O proprietário, no entanto, garante Cr$ 2.000,00 por mil pés, caso a produção seja tão baixa que, ao preço do dia, não dê para cobrir os Cr$ 500,00 que faltam para integralizar os Cr$ 2.000,00.

c) O colono, na colheita, receberá por saco de 100 litros colhido a mesma quantia em dinheiro que em média se paga, no zona, para o colono dentro do sistema tradicional.

d) O colono se obriga, além do trato comum do cafeeiro, a replantar, a adubar, a podar (desde que habilitado), limpar troncos, etc., de acôrdo com exclusiva orientação do proprietário, o qual, por sua vez, colocará na margem dos carreadores o material necessário, tais como mudas, estêrco, adubos químicos, sementes de leguminosas, etc.

e) O empregador, como é usual, a cada "família" designará uma pequena área fora do cafèzal, para a produção de mantimentos ou então fornecerá êsses mantimentos, em quantidade proporcional ao número de cafeeiros "tocados" pelo colono.

f) O colono se obriga a tudo facilitar, auxiliando se preciso, para a perfeita execução dos trabalhos a serem introduzidos no cafèzal: combate à erosão, contrôle de pragas, irrigação ,etc.

g) O proprietário ao mesmo tempo que determina normas de serviço, fiscaliza-os e orienta o colono, no sentido de obter para os diversos procedimentos, desde os mais rotineiros, a melhor execução possível.

Naturalmente que as condições aí expostas, especialmente com referência aos valores numéricos estipulados, só o foram a guisa de mera sugestão. De acôrdo com as diferentes zonas cafeeiras e as condições peculiares de cada propriedade, êsses e outros importantes detalhes não mencionados, seriam fixados.

São os seguintes os principais fundamentos dessa forma de trato:

1.º) Estimular o colono, fornecendo-lhe, elementos que o induzam a trabalhar mais e com maior interêsse e efetividade.

2.º) Baratear o custeio, pois a quantia paga por mil pés é quase a metade do que séria necessário, sem participação na produção. E êsse barateamento não é aparente, pois que a parte porcentual que caberá, no fim, ao colono, será fornecida por êle mesmo — em decorrência do seu incomum esfôrço e maior capricho.

3.º) Permitir que, com a sobra de numerário economizado do custeio, sejam pagos novos operários especializados para serviços extras e importantes, como o combate à erosão e às pragas, se for o caso, bem como para aumentar a produção de composto orgânico.

4.º) Fixar o colono, acabando com as "mudanças" quase anuais. Da fixação do colono resulta uma série de benefícios em geral reconhecidos.

5.º) Diminuir grandemente a necessidade de fiscalização permanente, de tôda hora. O colono, sem ser "cotucado", fará melhor o serviço, como é óbvio — e os atuais feitores poderão fazer coisas mais útil.

6.º) Beneficiar a árvore de café, a qual, também pelo colono, passará a ser olhada com real interêsse em sua restauração vegetativa.

7.º) Aumentar efetivamente a produção, com base na restauração real do cafeeiro, mercê de ampla e possível recuperação do solo.

8.º) Humanizar o trabalho, por determinar mais harmoniosa convivência entre patrão e colono — pois que, pelo menos parcialmente, não mais subsistirão os atuais motivos de reciprocos ressentimentos.

O elevado critério tantas vêzes demonstrado pelos cafeicultores de São Paulo, está novamente sendo convocado para resolver o problema do braço — que existe e é agudo. A experimentação de uma nova e mais racional forma de contrato de trabalho poderá, se aprovada, representar muito nesta luta que se desenvolve, hoje mais do que nunca, em prol do reerguimento dos cafèzais paulistas.

(*Da "Fôlha da Manhã"*)

"Continuam as derrubadas e o comércio das nossas minguadas matas nas regiões sul e centro do país"

Foi aprovado, em assembléia geral da Associação de Proteção à Natureza, o relatório apresentado pelo seu presidente, sr. Cristovão Ferreira de Sá. O relatório compreende as atividades da entidade nestes últimos cinco anos, destacando-se o fato de já ter sido reconhecida como sociedade de utilidade pública pelo decreto n.º 2.687, de 15 de julho do ano passado.

A Associação organizou uma campanha de âmbito nacional para a defesa da flora e fauna, difundindo-a pelo país através de folhetos, conferências, ofícios a entidades ligadas à natureza, cartas, etc. Assim, foram publicados, de autoria do sr. Cristovão Ferreira de Sá, os trabalhos seguintes: "A hipertrofia de São Paulo — o crime do seu loteamento atual", onde foi focalizado o desbaratamento da nossa vegetação e preconizado o reflorestamento da área do município: e "O eucalipto e o reflorestamento do Brasil no quadro na natureza". O número de circulares de propaganda, focalizando assuntos diversos da Campanha Associativa de Proteção à Natureza, foi de 6.221.
ciativa de Proteção à Natureza, foi

O sr. Cristovão Ferreira de Sá salientou em seu relatório que, a despeito de tôda a atividade da Associação, "o fogo, as derrubadas, o comércio das nossas minguadas matas, no centro e no sul do país, continuam". E acrescenta que, "sem chuvas regulares, sem energia elétrica, sem água até para beber, no caminho estéril das erosões devastadoras e do estiolamento da nossa agricultura, estamos fazendo o Saara brasileiro".

Terrível doença devasta as culturas africanas de café

AGENTES CAUSADORES — SINTOMAS — MEDIDAS CURATIVAS E PREVENTIVAS

SEBASTIÃO SILVA (Eng.º Agr.º)

Os primeiros números do "Buletin d'Information de l'Institut National pour d'etude Agronomique du Congo Belge" trazem preciosas informações a respeito de uma doença que está devastando as plantações do cafeeiro (coffea robusta) naquela zona. Esta espécie, pertencente ao grupo "robustoide", no qual se incluem o *C. robusta*, o *C. canephora* (considerado o tipo do grupo) e muitas variedades, encontra-se em estado nativo na África, de onde se espalhou. Caracteriza-se pelo porte magestoso, caule geralmente múltiplo, proporções maiores que o *C. arabica*, rusticidade, precocidade, grande produtividade, porém dando bebida considerada neutra.

Segundo Fraselle e Geortay, autores de um dos trabalhos do citado Bull, do I.N.E.A.C., além de grande intensidade na Costa do Marfim (seg. Jacques-Felix, 1950), a doença também grassa em Ubanghi-Cdari (Sacas, 1950), atingindo aí 15.000 há de plantações. Assim pode-se ver que a dispersão do agente causador da doença é bem grande. O primeiro a isolar o patógeno *Fusarium xylarioides*, foi R. L. Stayart, em estudos realizados nas províncias de Aba e Bangui, em 1948, quando Chefe da Divisão de Fitopatologia do I.N.E. A.C.

A doença, chamada traqueomicose, sòmente depois de 1949 foi considerada epidemia no Congo Belga. Os autores dão os seguintes sintomas: *Externos*: As fôlhas amarelecem ou ficam pardacentas, podendo encresparem-se antes de tomarem aquelas colorações e cairem antes mesmo de um secamento completo, e os ramos do alto da copa mostram as pontas sêcas. Os frutos enegrecem e tornam-se imprestáveis. No tronco nota-se que a casca se hipertrofia e se fenilha, tomando coloração negra pardacenta. A madeira subjacente também se colore até profundidade variável. Olhando-se para um tronco com estas características vê-se lista vertical ou ligeiramente inclinada, de largura variável e com coloração acima descrita. Êste quadro dá ao cafeeiro um aspecto característico da doença. Esta lista, visível mesmo desde o coleto ou das raízes superficiais, identifica, ràpidamente o indivíduo atacado, e vai até os ramos mais inferiores, no coleto há geralmente maior intensidade, podendo-se notar pequenos corpos arredondados azuis escuros, que são a frutificação do fungo, são fàcilmente identificáveis. O micélio do fundo é perfeitamente visível tanto na madeira jovem como na casca. Os vasos ficam cheios de micélio incolor e estão geralmente obstruídos pelos tilos e por substâncias gomosas; é isto que causa o definhamento da planta.

Os autores acentuam que os sintomas próprios da doença são o enegrecimento da casca e a coloração parda que adquire a madeira subjacente a ela, de forma que as listas aparecem nìtidamente. A importância do conhecimento dêsses sintomas não necessita ser revelada: êles permitem identificar os doentes, possibilitando medidas de cura, eficientes.

Os principais característicos do parasita são dados em seguida. O patogeno é um cogumelo de micélio filamentóso, encontrado na madeira jovem, e, em algumas vêzes, nos outros tecidos. Pode ter origem a conídias exteriores, quando existirem condi-

ções particulares do meio. Os esporos disseminam a doença, podendo o patógeno viver muito tempo no terreno, em restos de madeira. Nesta forma de conídias tem o nome de *Fusarium xylarioides* Stayaert, enquanto na forma perfeita, na qual dá origem a peritécios e ascas com ascórporos, recebe o nome de *Giberella* (*Carbuncularia*) *xylarioides*, propôsto por Heim e Saccas. Os corpúsculos globosos que aparecem nas fendas da casca atacada são exatamente os peritécios. Como principais fatores que influem na disseminação, fato ainda sem explicação total, os autores discutem os seguintes: *a*) Modo de dispersão do parasito (a disseminação aérea dos germens é muito mais importante do que por intermédio do solo); *b*) os diversos graus de susceptibilidade das diferentes linhagens de cafeeiro (em Yangambi notaram que algumas são muito susceptíveis, enquanto outras demonstram certa resistência); *c*) a idade do cafeeiro (ainda que o ataque possa surgir no viveiro, a entrada em produção parece aumentar a extensão do ataque); *d*) os traumatismos e ferimentos durante as práticas culturais podem contribuir para aumentar a infestação. A forma do cafeeiro parece influenciar; em Yangambi, verificam-se que os multicaules apresentam maior índice de infestação.

MÉTODOS DE COMBATE:

Linhagens resistentes — existem observações de que certas linhagens apresentam menor receptividade que outras, entretanto, esta medida ainda não está em franca execução.

Medidas curativas e preventivas, nas condições atuais os autores recomendam as seguintes: 1 — Inspeções fitossanitárias constantes na plantação, com a finalidade de descobrir focos de disseminação; 2 — identificação de todo e qualquer caso de traqueomicose, pelo exame acurado de todo pé anormal sob qualquer ponto de vista dentro do quadro sintomatológico da doença; 3 — marcação dos pés doentes, por meio de sinal visível; e 4 — tratamento imediato.

a) pela destrùição dos germens nos tecidos superficiais, pelas pulverizações com carbolineum a 10% aquoso, ou com calda bordalesa forte nos órgãos aéreos;

b) pela erradiação dos pés doentes, queimando todos os órgãos, inclusive as raízes, no próprio local onde êle estava plantado.

Antes de fazerem recomendações quanto à maneira de remeter material fitopatológico para exame do "Laboratoire Central de Phytopathologie de Yangambi" os autores expõem a organização de grupos para o contrôle, no campo, da disseminação do patogeno. Êsses grupos são: equipe de inspeção (que percorre sistemàticamente a plantação seguindo um esquema pré-estabelecido); equipe de pulverização (de caráter executivo); equipe de erradiação e queima (também executiva); e finalmente, a equipe de contrôle geral dos trabalhos.

Fraselle, Vallaeys e De Knot, em outro trabalho no mesmo periódico descrevem pormenorizadamente a execução das medidas contra o fraqueomicose, concluindo que ainda sendo uma doença grave as medidas têm resultado num contrôle do mal, pelo extermínio de grande número de focos.

Para elaboração da presente nota foram especialmente consultados os trabalhos abaixo: Fraselle, J. V. et G. Georday, 1952; Une grave maladie du caféier "robusta"; la trachéomycose. Avertissements et conseils aux planteurs Bull I.N.A.C. 1 (1-2): 87-102 Fraselle, J. V. G. Vallaeys et Q. de Knop, 1953; La lutte contre la tracheomycose du caféier à Yangam-

bi et la probléme que pose actuellement cette maladie su (6): 373-394 Ferreira Filho, J. C. Elementos de Agricultura Geral — 1927. Ferreira Filho J. C. Cultura do Café S.I.A. 1925; 2.ª ed. 1949.

Camargo, R. e Adalberto de Q. Telles Jr. O café no Brasil; vol. I; S.I.A. Série Est. Brasil, n.º 4 — 1953, Milanez F. R. e J. Joffily, 1942; Estudo sôbre a fusariose do algodoeiro Rodriguesia, ano V, n.º 14, Krug, H. P. 1936; Fusarium como cassador da marcha do algodoeiro no Brasil, Rodriguesia, ano II, número especial: Anais da primeira reunião de phytopathologistas do Brasil Hunnicot, B. H. Algodão, cultivo e comércio, 1936. Direction de l'agriculture de l'élévage et des forêts; Sec. Tech. de Agriculture tropicale (Min. de la France d'outre mer). — Bull. Sci. n.º 5. "Contribution a l'étude du Caféier en Côte d'Ivoire". 1954. (Neste boletim há diversos trabalhos sôbre o assunto).

(Do "O Jornal, Rio)

Demonstração de novo tipo de roçadeira para cultura de café

O Escritório do IBC em São Paulo está acompanhando o desenvolvimento dos trabalhos e emprestando sua colaboração à III Conferência Rural.

O chefe da unidade da autarquia em São Paulo, engenheiro-agrônomo, Joaquim Alves de Moraes, acompanhou pessoalmente a excursão dos congressistas, sexta-feira, à Granja S. Martinho, em Campinas. Naquela organização agrícola, de propriedade do sr. Dario Meirelles, no desenvolvimento do programa de visita às plantações de café das variedades "Caturra" e "Mundo Novo", o eng. agrônomo André Tosello, do Instituto Agronômico, realizou a primeira demonstração pública da roçadeira para leguminosas no cafèzal. Trata-se de uma aplicação até então desconhecida no panorama das atividades da cultura cafeeira. A roçadeira representa a conclusão de estudos feitos no Instituto Agronômico de Campinas, sob os auspícios do Instituto Brasileiro do Café, pelo engenheiro agrônomo André Tosello, pertencente àquele centro de experimentação científica do govêrno paulista.

Ligada a um trator dêle recebe a roçadeira a fôrça necessária para o corte, possuindo dispositivos de elevação também mecânica, sendo de simples manejo. Sua bitola é de um metro.

Na demonstração, a roçadeira operou num capinzal e foi ligada a um trator Fergusson. As qualidades de resistência e simplicidade de operação da roçadeira ficaram evidenciadas perante a numerosa assistência constituida por congressistas. Estiveram presentes, além do chefe do Escritório do Instituto Brasileiro do Café em São Paulo, o diretor-geral do Instituto Agronômico e técnicos.

Sementes selecionadas

Na visita às plantações das variedades selecionadas pelo Instituto Agronômico foi revelado que a "Granja S. Martinho" e a "Paraiso" — esta do sr. Emmanoel Bianchi, em Itatiba — serão as primeiras a liberarem, por verba direta em 1955, sementes selecionadas pelo Instituto Agronômico da variedade "Novo Mundo", cujos trabalhos de genética assim estão conclusos. É da ordem de 25 mil pés dessa variedade a cultura da "S. Martinho", que possui também em franca produção 26 mil pés da variedade "Caturra", também de seleção do Instituto Agronômico.

(Do "O Estado de S. Paulo)

O café visto nos Estados Unidos

N. 909 — CARTA SEMANAL DO MERCADO — 3 de Dezembro de 1954
(Do Bureau Pan-Americano do Café)

CONVENÇÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DO CAFÉ

"Vamos vender café!" "Vamos vender café!" são as três palavras usadas com mais freqüência na 44.ª Convenção Anual da Associação Nacional do Café, atualmente reunida em Boca Raton, Estado da Flórida. Êsse é o moto do certame, de que participam, entre outros, James O'Connor, Presidente da Associação, o Embaixador Eduardo Zuleta A., Manuel Mejia, Renato Costa Lima, Salvio Pacheco de Almeida Prado, Buenaventura Chacon, Roberto Aguilar, Horácio Cintra Leite, Manuel Preto e Miguel Angel Cordera. Os delegados foram recebidos oficialmente pelo Representante William C. Lantaff que em seu discurso de saudação declarou que a coisa mais importante para os produtores do café era informar o público norte-americano que seu produto constitui a base dos negócios da América Latina e que os $43.000.000 recebidos pela América Latina representam apenas cêrca de 2% do total do programa norte-americano de auxílio ao estrangeiro.

O Presidente James O'Connor passou em revista, brevemente, os acontecimentos do ano passado e disse que a maior tarefa dos negociantes do café consiste em recuperar o mercado perdido e depois aumentar ainda mais as vendas. Considerando os excedentes exportáveis de café verde, o Sr. O'Connor declarou que o problema é de falta de consumo e não de excesso de produção e que nos Estados Unidos o consumo nunca se aproximou da capacidade máxima do mercado. Quanto aos preços, disse o Sr. O'Connor: "Nós todos desejamos obter lucros e não queremos que nunca mais os preços do café baixem ao ponto em que a produção não remunere adequadamente os cafèicultores". Sob o ponto de vista da propaganda, o Sr. O'Connor salientou que o café está muito atrás das outras bebidas competidoras e que, para desfazer as vantagens obtidas pelo leite, pelo chá, pelas bebidas gasosas e pela cerveja, no mercado do consumo, à custa do café, será necessário — uma vez que os fabricantes dessas bebidas empregam enormes somas em sua propaganda — que os interessados no café façam um investimento muito maior da propaganda do seu produto.

O Sr. Horacio Cintra Leite, Presidente do Bureau Pan-Americano do Café, disse à Convenção que os países membros do Bureau talvez aumentem a sua atual contribuição de 10 cents por saca de café vendido nos Estados Unidos, para que se possa assim intensificar o programa de propaganda para o aumento do consumo do café. Comentando o moto "Vamos vender café!", o Sr. Cintra Leite sugeriu que o mesmo devia ser "Vamos vender café juntos!", incluindo-se os produtores, os torradores e os negociantes do café, nessa campanha.

O Sr. Thomas D'Arcy Brophy, Presidente da Junta de Kenyon & Eckhardt, também falou aos delegados, e foi exibido à Convenção um filme intitulado "O Caso do Café", preparado pela Nacional Coffee Association.

Numa reunião preliminar, realizada na segunda-feira à noite, a Junta Diretora elegeu o Sr. John F. McKiernan para o pôsto de Presidente da National Coffee Association, para substituir o Sr. O'Connor, que agora se retira. O Sr. McKiernan era até então o Vice-Presidente executivo da NCA.

Conferência do Rio de Janeiro. O seguinte comunicado foi recebido esta semana do Rio de Janeiro, com referência à resolução sôbre o café, aprovada pela Comissão de Preços, Mercados e Excedentes, da Conferência Inter-Americana de Ministros das Finanças, ora reunida no Hotel Quitandinha, Brasil:

"A resolução original apresentada pela Colômbia e apoiada por 15 países produtores de café recebeu forte oposição por parte dos Estados Unidos, mas, depois de uma emenda sugerida pelo Brasil, foi, finalmente, aprovada pela Conferência. A proposta colombiana estabelece: 1) a formação de um Comitê, integrado por membros da Comissão Especial do Café do Conselho Econômico e Social da Organização de Estados Americanos, com o fim de estudar a situação mundial do café e as perspectivas futuras do mesmo, e 2) se o Comitê achar possível a obtenção de preços estáveis e adequados, por meio de um acôrdo internacional do café, o Comitê então apresentará uma resolução à consideração dos países produtores de café que são membros da Organização de Estados Americanos. A emenda do Brasil se refere apenas à segunda parte da resolução colombiana, salientando que, se os referidos estudos indicarem a possibilidade de serem adotadas medidas de cooperação internacional, capazes de reduzir apreciàvelmente as flutuações dos preços do café e de mantê-los em níveis satisfatórios tanto para os produtores como para os consumidores, o Comitê redigirá resoluções adequadas à realização de tal objetivo e apresentará as mesmas aos países produtores de café que são membros da O. E. A. Deve-se notar que à primeira vista a resolução e a emenda parecem semelhantes, mas a emenda do Brasil é mais elástica e salienta as flutuações de preços, ao passo que a proposta colombiana pode ser interpretada como uma fixação de preços. Os Estados Unidos se opunham à redação original, considerando-a como "intervencionista" e contrária aos princípios da livre iniciativa particular.

MERCADO DO CAFÉ

Na semana que terminou na quinta-feira, a posição de Dezembro ganhou 25 pontos, ao passo que os contratos de 1955 baixaram de 115 a 150 pontos. O total de lotes negociados foi de 898. O mercado a têrmo esteve ativo, ao passo que o de físicos esteve inativo. A união dos estivadores assinou um contrato de dois anos com os seus empregadores, o que assegurará agora a entrega do café importado. O Sr. Horacio Cintra Leite, Representante do Instituto Brasileiro do Café em Nova York, denunciou os rumores de que haveria mudanças no sistema de câmbio do café, declarando que o Banco do Brasil não tem em vista tais mudanças. O mercado a têrmo esteve fraco, talvez em virtude, em parte, à atitude desfavorável da delegação dos Estados Unidos na Conferência do Rio em relação às propostas de estabilização dos preços do café, do mesmo modo que a renovada atividade do mercado se atribui à atitude mais favorável dos Estados Unidos sôbre o mesmo assunto. Embora o dia 26 de Novembro, sexta-feira, tenha sido o primeiro dia de aviso de entrega, até na quarta-feira nenhum aviso foi apresentado, e há 1.000 lotes de Dezembro dependendo de entrega.

Mercado a têrmo: Os contratos de Dezembro registraram um ganho de 72, na sexta-feira, ao passo que os de 1955 perderam de 30 a 49 pontos. A ausência de avisos de entrega na sexta-feira deu margem às compras para coberturas na posição de Dezembro, o que explica a firmeza da mesma em comparação com o mercado em geral. Foram negociados 163 lotes. Na segunda-feira, o mercado fechou

com baixas de 2 a 41 pontos. A posição de Dezembro ganhou até 80 pontos, mas ao se fechar o mercado, Dezembro registrava perdas, devido às liquidações para realização de lucros. Foram negociados só 123 lotes. Na terça-feira, o mercado fechou com baixas de 110 a 195 pontos, atribuindo-se a fraqueza do mercado ao fato de que os estivadores assinaram um contrato com os empregadores, o que assegurará a entrega do café. Foram negociados 224 lotes. Na quarta-feira, o declínio chegou até 70 pontos, mas o mercado reagiu, com ganhos até de 200 pontos, fechando com ganhos de 50 a 120 pontos. Foram negociados 260 lotes. Na quinta-feira. o mercado esteve irregular, sendo negociados apenas 128 lotes. A posição de Dezembro de 1955 entrou no mercado pela primeira vez e fechou com 50.80 cents, o que representa um desconto de 1.765 pontos em relação a Dezembro de 1954.

Mercado de físicos: O mercado de físicos esteve frouxo, com a ausência de muitos membros do comércio do café, que se acham na Convenção Anual da National Coffee Association, em Boca Raton, Flórida. A intensidade da procura de café diminuiu grandemente com a terminação da disputa dos trabalhadores do cais. desaparecendo os bônus oferecidos pelos abastecimentos de cafés suaves. No momento, os Santos 4 estão cotados a 68.75 cents e os colombianos a 71.75.

Última Hora: Esta manhã, o mercado abriu com um declínio de 5 a 51 pontos em relação ao fechamento de ontem. Era de 4.243 o número de lotes dependendo de entrega, ao passo que o da sexta-feira passada era de 4.161.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

HAITI — **Prejuizos da colheita:** A colheita do café na região de Haiti afetada pelos furacões dêste ano sofreu perdas que chegam a 25 e a 40%. A zona de Cayo Aux e outras pequenas cidades nos distritos setentrionais foram atingidas pelo furacão de 11 de Outubro. Não foram calculados ainda os danos definitivos, estando intransitáveis os caminhos do interior e alguns da vizinhança de Port-au-Prince. As primeiras informações recebidas de Jeremie indicam que de 60 a 70% da colheta dessa região foi inutilizada, mas não se sabe ainda exatamente a extensão dos danos. E muitos barcos de cabotagem, com carregamentos de café, foram ao fundo.

(Boletim da FEDECAME — 18 de Novembro de 1954).

VENEZUELA — **Produção de café:** As exportações de café constituem 57% das exportações totais agrícolas da Venezuela, sendo êsse produto, portanto, o elemento básico do comércio exterior do gênero agrícola.

A produção de café de 1952-53 excedeu de 25% a do ano precedente, e de 15% a de 1948, com um total de 54.000 toneladas. Além da posição favorável do mercado internacional, foram levadas a efeito campanhas de proteção e de fomento, que incluiam o subsídio à exportação dos anos anteriores, e foram favoráveis as condições do clima. Por outro lado, o estímulo causado pelos altos preços do café e os créditos mais fáceis fizeram com que os lavradores pudessem dar mais atenção às plantações de café, as quais, segundo parece, estão aumentando, não se sabendo ainda a área dos novos cafezais.

(El Agricultor Venezolano — Setembro de 1954).

BRASIL — **Conferência Econômica Inter-Americana:** Está sendo projetado o desenvolvimento de uma campanha mundial do café, a qual será realizada mediante os fundos obtidos com as contribuições aumentadas dos membros do Bureau Pan-Americano do Café. Essas contribuições passarão a ser de 25 cents por saca de café vendida, quando atualmente são de 10 cents. Se não fôr possível conseguir-se um acôrdo entre os países produtores, espera-se que os govêrnos dos mesmos façam doações ao fundo para a propaganda do café.

Calcula-se que, para se realizar uma campanha eficiente da venda do café nos Estados Unidos, são necessários $3.000.000. No Canadá, $250.000, e na Europa, $500.000.

Nos círculos comerciais comenta-se o fato de que, pràticamente, nada está sendo feito para se aumentar o consumo do café na Europa, que é um magnífico mercado para o produto. A campanha, de maneira geral, será baseada no preço baixo da chícara de café e nos efeitos salutares da bebida. Êste último ponto será utilizado com preferência na Europa.

Na reunião semanal da Sociedade Agrícola Brasileira, o Sr. Octavio Cintra Leite, Diretor do Instituto Brasileiro do Café, propôs um novo imposto destinado a prover fundos para a propaganda do café no exterior. Os fundos assim obtidos seriam depositados em um banco de Nova York, no nome do Instituto, para serem utilizados exclusivamente na propaganda do café.

(Supermarket News — 15 de Novembro de 1954).

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA (Dados semanais)

	Semanas terminadas em:	DESTINOS PRINCIPAIS: EE. UU.	EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL (*)	**27-11-1954**	350.000	76.000	11.000	437.000
	20-11-1954	225.000	56.000	23.000	304.000
	28-11-1953	285.000	146.000	29.000	460.000
COLÔMBIA (")	**27-11-1954**	70.542	3.756	4.642	78.940
	20-11-1954	123.796	4.635	1.163	129.594
	28-11-1953	161.633	18.654	1.541	181.828

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos:	**Semanas terminadas em: 27-11-54**	**20-11-54**	**28-11-53**
BRASIL (*)	Santos	2.477.000	2.585.000	2.034.000
	Rio	578.000	600.000	500.000
	Vitória	130.000	116.000	119.000
	Paranaguá	726.000(a)	784.000(b)	1.130.000(3)
	Pernambuco	12.000	12.000	18.000
	Bahia	14.000	15.000	13.000
	Angra dos Reis	34.000	28.000	12.000
	TOTAL	3.971.000	4.140.000	3.826.000

COLÔMBIA (")	Barranquilla	51.555	44.645	74.431
	Cartagena	23.321	19.203	29.813
	Buenaventura	134.185	117.518	140.059
	Cúcuta	81.847	81.801	97.245
	TOTAL	290.908	263.167	341.548

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

Semana de:	BRASIL	COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
27-11-1954	44.519	270.039	46.870	361.428
20-11-1954	39.611	283.218	52.795	374.624
28-11-1953	91.854	102.854	56.742	251.450

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
(") Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia.
(a) 439.000 livres e 287.000 retidos.
(b) 507.000 livres e 277.000 retidos.
(c) 624.000 livres e 506.000 retidos.

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: Falando a um sub-comitê do Congresso, o Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Sr. George M. Humphrey, declarou que a fase de retraimento dos negócios terminou e que a economia da nação está num período ascendente. Esta tendência começou no mês passado, disse êle, nas vitais indústrias do aço e dos automóveis. Não há nada atualmente, segundo o Secretário, que requeira ação especial do govêrno para estimular as atividades dos negócios.

Automóveis: No movimento de recuperação, os fabricantes de automóveis estão desempenhando um papel importante. A produção de Novembro foi de 450.000 carros e a do mês corrente talvez passe de 550.000. Os vendedores não estão recebendo das fábricas carros de 1955 em quantidade suficiente para satisfazer aos compradores. Essa grande procura, segundo se espera, continuará até o primeiro trimestre de 1955.

Construções: Continua, em escala nunca dantes atingida, a construção de edifícios de todos os gêneros, sendo o valor total dos mesmos, iniciados em Novembro, avaliado em $3.300.000.000, o que é um novo recorde para o mês. O total para os onze mêses passados é calculado em $34.100.000.000, o que representa 5% mais em relação ao mesmo período de 1953, e é quase certo agora que será atingido o recorde total de $37.000.000.000 que foi previsto pelo govêrno federal para 1954.

Vendas a varejo: Durante o corrente mês, espera-se que haja um grande volume de vendas de artigos para os consumidores individuais, refletindo-se ao otimismo das perspectivas econômicas na atitude do público. A redução dos impostos sôbre artigos de luxo de várias classes, neste ano, constitui um fator favorável ao aumento das vendas durante a temporada comercial do Natal. O interêsse pelas

compras é evidente, fazendo com que os comerciantes nas cidades mais importantes esperem agora um aumento de 5% nas vendas de Dezembro dêste ano em relação às do ano passado.

Custo de vida: Segundo um relatório preliminar, o índice do custo de vida para o mês de Outubro foi de 114.5 (1947 = 100), o que representa uma baixa de 2% em relação ao mês de Setembro. O maior fator nesse declínio foi a média inferior para os preços dos alimentos. Registrou-se um ligeiro aumento no custo dos serviços médicos. Os aluguéis subiram também ligeiramente, ao passo que as mobílias caseiras baixaram. Em Setembro, o índice foi de 115.2.

Mercado de valores: Transcorreram já cinco semanas, desde as eleições nacionais de Novembro, que produziram um espetacular aumento nos preços dos valores da Bôlsa. Esta é a primeira vez na história do país que se observa uma alta tão sensacional em tão breve tempo, excedendo mesmo o ritmo do período de prosperidade que terminou em 1929. Os pontos máximos alcançados em 1929, para os preços médios das ações industriais, foram já excedidos, achando-se agora o Mercado de Valores no mais alto nível de tôda sua história. Não há reação substancial no momento, enquanto as vendas para a realização de lucros se sucedem, absorvidas ràpidamente, continuando os avanços depois de ligeiras hesitações. São poucos os que esperam um declínio brusco no mercado, como se vê da diminuição das vendas a descoberto.

Sumário: Além do aumento continuado da produção de automóveis e de aço, as construções estão sendo feitas numa escala sem precedentes, nesta época de inverno, quando, em geral, diminuem as construções. As vendas a varejo se encontram em bom nível, e o ritmo favorável do Mercado de Valores contribui para se tornar mais intenso o otimismo geral em relação às condições econômicas. Os relatórios mais recentes indicam uma redução ainda maior nos inventários, ao mesmo tempo que aumenta o volume dos pedidos, o que deverá produzir um efeito cumulativo excelente nas indústrias manufatureiras em geral.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: Não ocorreram acontecimentos especiais esta semana, tendo os preços baixado no mercado a têrmo, na sexta-feira passada, e na segunda-feira, aumentando nos dois dias seguintes e finalmente baixando ontem. Do fechamento da quinta-feira passada ao fechamento de ontem, as alterações de preços foram de 10 pontos acima e 75 pontos abaixo, num volume de 949 lotes negociados. O mercado se mostrou relativamente forte, devido às compras para cancelar posições a descoberto. Houve também muitas transferências da posição de Dezembro para as entregas em 1955. Ontem, os lotes dependendo de entrega eram em número de 1.020, e seus avisos de entrega deverão ser apresentados até o dia 23. A resolução aprovada pela Conferência do Rio de Janeiro, que estabelece o estudo dos meios adequados para a estabilização dos preços do café, não parece ter tido nenhuma influência imediata no mercado.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, o mercado declinou de 51 a 75 pontos, num total de 234 lotes negociados, e metade dêsse volume foi de transfe-

rências de Dezembro para entrega em 1955. Na segunda-feira, houve novo declínio, de 76 a 47 pontos, num volume de 157 lotes. Na têrça-feira, os preços subiram, de 57 a 115 pontos, com 260 lotes negociados. A tendência de ascenção continuou na quarta-feira, com altas de 43 a 61 pontos, em 171 lotes vendidos. Na quinta-feira, entretanto, os preços baixaram de 30 a 60 pontos, com 127 lotes vendidos.

Mercado de físicos: As atividades no mercado de físicos foram vagarosas mas os preços se mantiveram em geral firmes. Os torradores têm comprado para satisfazer as necessidades presentes, mas também para acumular inventários grandes. Essas atividades, que vêm tendo lugar já há mêses, se explicam pela incerteza que há em relação aos futuros preços do café. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 68 cents e os colombianos a 72 cents.

Ocorrências relacionadas com o café: A semana que terminou em 3 de Dezembro foi a primeira em que, desde a primavera dêste ano, as atividades dos torradores excederam às de qualquer semana correspondente do ano passado, sendo de 100,6% o respectivo aumento. Isso indica que os torradores estão mantendo os seus inventários em níveis que satisfaçam as necessidades mais intensas da temporada. As atividades dos torradores em Novembro, nas semanas que terminaram em 5. 12, 19 e 26, foram, respectivamente, 83,4%, 90,6%, 93,4% e 93,2% em relação às semanas correspondentes do ano passado. Essas porcentagens foram dadas por uma fonte particular de informação, segundo a qual, também, os suprimentos de café verde nos Estados Unidos eram de 2.700.000 sacas no fim de Outubro, ao passo que normalmente êsses suprimentos são de 3.500.000 sacas.

Apesar dessas indicações favoráveis à situação do café, é necessário ter sempre em mente o fato de que as importações de Janeiro a Outubro de 1954 foram de 13.800.000 sacas, ao passo que as do mesmo período em 1953 foram de 16.700.000 sacas — uma diferença de quase 3 milhões de sacas. Além disso, a Organização de Agricultura e Alimentação às Nações Unidas (FAO) e outras agências semelhantes são de opinião de que haverá café disponível em maior quantidade em 1955, por preços mais baixos. Essas previsões são feitas sem se tomar em consideração o fato, reconhecido nos meios comerciais, de que o consumo do café pode ser aumentado e que o mercado perdido pode ser recuperado por meio de campanhas de propaganda mais eficientes.

Última hora: Na abertura do mercado de hoje, os preços do mercado a têrmo estavam entre inalteráveis e 50 pontos mais. O número dos lotes dependendo de entrega era de 4.321: o dos da semana passada, na sexta-feira pela manhã, era de 4.243.

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: As notícias do mundo dos negócios continuam animadoras, e certos acontecimentos novos fazem com que as perspectivas se tornem ainda mais animadoras. As vendas a varejo chegaram, na semana passada, ao seu mais alto nível dêste ano, com um aumento de 7%. Os fabricantes informam que as novas encomendas recebidas excedem as entregas feitas, o que é considerado como um índice encorajador para os negócios no ano que vem. Relatórios recentes indicam

um aumento nos inventários dos manufatureiros pela primeira vez no período de mais de um ano, e os inventários dos comerciantes, tanto de varejo como de atacado, embora ainda continuem em declínio, devem ter chegado, segundo se espera, ao ponto em que começarão novamente a aumentar.

Indústria do aço: Na semana corrente, as usinas de aço terão funcionado com 81,5% da sua capacidade (na semana passada funcionaram com 82,1% da sua capacidade). Os porta-vozes da indústria declaram que não haverá, nesta época de festas do fim do ano, a diminuição usual da produção, porque as entregas das encomendas devem ser atendidas em tempo. Essa ampla procura de aço constitui um elemento de otimismo para as operações de 1955, esperando-se que as mesmas continuem intensas por vários mêses ainda.

Mão de obra: Os dados preliminares para Novembro indicam um aumento de cêrca de 53.000 no número de pessoas empregadas, em relação a Outubro. O aumento é pequeno, mas é importante porque o desemprêgo em geral se acentua nesta época do ano. O número de trabalhadores rurais baixou de 7.200.000 em Outubro para 6.100.000 em Novembro, tendo terminado as colheitas, mas essa diminuição foi mais do que compensada pelo aumento do número de pessoas empregadas nas áreas urbanas, especialmente nas fábricas de automóveis e nas que fornecem as de automóveis. É interessante o fato de que aumentou tanto o número de pessoas empregadas como o número das desempregadas. Em Novembro havia, oficialmente, 2.900.000 pessoas sem trabalho, o que representa um aumento de 152.000 pessoas desempregadas em relação a Outubro. O fato se explica com a entrada de maior número de pessoas no mercado da mão de obra, graças ao aumento da população, não sendo, entretanto, o aumento do número de pessoas empregadas suficiente para absorver o aumento havido no mercado da mão de obra. Assim sendo, há um maior número de pessoas procurando emprêgo, embora, ao mesmo tempo, aumente o número das pessoas empregadas.

Safra do algodão: Em conseqüência da produção algodoeira ter aumentado êste ano em comparação com a dos anos mais recentes, por unidade de cultivo, foi anunciado na semana passada que, segundo se espera, a safra do algodão será 15% inferior à estimativa feita em Setembro. A variedade das estimativas feitas desde Agôsto, no comêço da temporada, tem causado substanciais flutuações nos preços do algodão no mercado a têrmo. O Govêrno Federal impôs restrições para reduzir a produção por unidade de cultivo (acre), mas, segundo parece, a atual safra dará para as necessidades do mercado doméstico e para as dos mercados externos, impedindo, assim, que se diminuam os estoques de algodão de 1955.

Mercado de valores: Continuam em altos níveis os preços das ações na Bôlsa, tendo as vendas de um dia excedido a 4 milhões de ações, e a média diária não se mantendo muito baixo. A média atual é o dôbro da do ano passado, que foi de 1.000.000 a 1.500.000 ações negociadas diàriamente. Por dois dias seguidos, as vendas não chegaram a 3.000.000 de ações, mas a diminuição de volume de vendas num mercado irregular é considerada favorável. Dezembro é um mês de ascenção nos preços das ações, de modo que não é de se esperar um aumento ainda maior.

Sumário: A venda a varejo foi a mais alta dêste ano, as encomendas e os inventários dos manufatureiros aumentam, e a produção de aço é de 81% da capacidade da indústria. A mão de obra aumenta, mas não bastante. A grande safra de algodão impedirá a diminuição dos estoques, e o mercado da Bôlsa continua alto.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: Durante a semana passada não houve muitas mudanças no mercado. Os preços para as posições de 1955, no mercado a têrmo, baixaram de 10 a 58 pontos, ao passo que os preços para o mês corrente ganharam 35 pontos. Na semana terminada ontem à noite, o volume de lotes negociados foi de 971. Na segunda-feira, o mercado a têrmo se mostrou forte, em conseqüência da notícia de que os trabalhadores do cais rejeitaram um contrato de longo têrmo que havia sido já negociado com os empregadores, porque o contrato incluia a condição de que os trabalhadores não fariam greves. O mercado, entretanto, não se manteve forte nos dias seguintes.

Mercado a têrmo: Na abertura de sexta-feira passada, os preços subiram de 20 a 50 pontos, mas ao fechamento tinham baixado de 10 a 55 pontos, num total de 209 lotes negociados. Na Segunda-feira, os preços subiram de 65 a 110 pontos, em 159 lotes negociados, na maioria de transferências para posições de 1955, especialmente para Maio. Na Têrça-feira, os preços baixaram de 45 a 70 pontos, com 102 lotes apenas negociados. Na Quarta-feira, os preços variaram, fechando com um ganho de 11 pontos nas posições de Dezembro e uma baixa de 14 pontos na posição de Maio, num total de 236 lotes. Ontem, Março estava com 3 pontos acima, mas as demais posições estavam com baixas de 1 a 5 pontos.

Mercado de físicos: Êsse mercado não esteve muito ativo. As notícias de que as pesadas chuvas na Colômbia danificaram a safra que entra agora no mercado e a floração da colheita seguinte fizeram com que os cafés colombianos registrassem cotações de 72 ½ a 73 cents, ao passo que na Quinta-feira passada registraram em média a cotação de 72 cents. Os Santos 4 foram cotados ontem a 68 ½ cents.

Fatos relacionados com o café: O jornal *The New York Times* publicou no dia 14 do corrente o seguinte editorial, intitulado "Café, Algodão e Milho": "Depois de setenta anos de vida independente, o Mercado da Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York, talvez seja, segundo se informa na seção de finanças de Domingo dêste jornal, incluido, em breve, na lista dos mercados que se acham regulamentados pela Commodity Exchange Authority. Um Sub-Comitê do Comitê de Bancos e Moedas do Senado, como se recorda, está preparando um relatório em que recomenda uma legislação para o dito fim. Se tal recomendação fôr levada a efeito, será esta a primeira vez em que se aplica a regulamentação federal a um mercado que trata exclusivamente de uma mercadoria importada. A Commodity Exchange Authority (Superintendência do Mercado de Mercadorias) e o Crop Reporting Bureau (Bureau de Registro de Colheitas) são agências subsidiárias do Departamento de Agricultura. Nessas condições, o Govêrno Federal é responsável pela exatidão das estimativas das colheitas, e, a não ser que se divulgue antes do tempo as informações sôbre as colheitas (sigilo êsse que nunca foi quebrado na longa história do Bureau de Registros), seria difícil provar que o mercado estava sendo manipulado por indivíduos

que se achavam de posse de informações que não se achavam à disposição do público. Em artigo da mesma seção de finanças de domingo, a que nos referimos, sôbre a regulamentação do mercado a têrmo do café, chama-se a atenção para os problemas que se apresentam quando o govêrno se encarrega de regulamentar o mercado de uma mercadoria estrangeira. O mencionado artigo, intitulado "Más, as estimativas do algodão, êste ano", revela que as estimativas oficiais do algodão em Setembro eram de 11.830.000 fardos, ao passo que no relatório final dêste ano eram de 13.569.000 fardos, isto é, uma diferença de 1.737.000 fardos. Não chamamos a atenção para essas cifras com o fim de criticar o Bureau de Registros de Colheitas, mas sim para apresentá-las como interessante ilustração dos limites da infalibilidade humana em assuntos de previsões. Se tivéssemos um mercado livre do algodão, e uma situação apertada nos abastecimentos do algodão, como a que ocorreu com a dos abastecimentos do café antes da geada que diminuiu as safras, seriam também espetaculares os efeitos dessa situação sôbre os preços do algodão, embora no sentido inverso. E se alguém se achar na ilusão de que nunca houve nada semelhante à alta dos preços do café ocorrida em 1953, basta observar que no ano de 1947-48, quando a nossa própria safra de milho foi prejudicada pela sêca, os preços do bushel de milho subiram de $1.23 para $2.70, no espaço de dois mêses."

Última Hora: Ao se abrir o mercado esta manhã, os preços se achavam entre inalteráveis e com um aumento de 25 pontos. O número dos lotes dependendo de entrega era de 4.228, em comparação com o da sexta-feira passada pela manhã, que foi de 4.321. Do total de 4.228, desta manhã, 834 eram do mês corrente.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA (Dados semanais)

		DESTINOS PRINCIPAIS:			
	Semanas terminadas em:	EE. UU.	EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL (*)	**11-12-1954**	168.000	72.000	10.000	250.000
	4-12-1954	281.000	82.000	24.000	387.000
	12-12-1953	140.000	113.000	37.000	290.000
COLÔMBIA (")	**11-12-1954**	59.776	15.789	3.154	78.719
	4-12-1954	129.671	16.175	800	146.646
	12-12-1953	125.954	8.006	373	134.333
	Dados mensais:				
BRASIL (*)	NOV, **1954**(&)	1.170.000	390.000	69.000	1.629.000
	OUT. **1954**	363.000	379.000	76.000	818.000
	NOV. **1953**	1.164.000	493.000	157.000	1.814.000
COLÔMBIA (")	NOV. **1954**	420.909	14.552	7.654	443.115
	OUT. **1954**	154.994	15.872	4.090	174.956
	NOV. **1953**	501.309	65.212	9.787	576.308

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos:	Semanas terminadas em: 11-12-54	4-12-54	12-12-54
BRASIL (*)	Santos	2.472.000	2.464.000	1.911.000
	Rio	626.000	580.000	440.000
	Vitória	112.000	89.000	128.000
	Paranaguá	680.000(a)	688.000(b)	1.143.000(c)
	Pernambuco	16.000	14.000	15.000
	Bahia	13.000	13.000	7.000
	Angra dos Reis	20.000	27.000	14.000
	TOTAL	3.939.000	3.875.000	3.658.000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	56.092	53.553	52.726
	Cartagena	31.466	20.813	33.748
	Buenaventura	147.055	126.267	115.683
	Cúcuta	86.678	83.861	89.499
	TOTAL	321.291	284.494	291.656

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

Semana de:	Países de origem (Sacas de pesos diferentes) BRASIL	COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
11-12-1954	(Informações retardadas)			
4-12-1954	30.491	235.163	45.146	310.799
12-12-1953	151.687	82.425	68.767	302.879

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia.
(&) Dados preliminares, sujeitos a retificação.
(a) 375.000 livres e 305.000 retidos.
(b) 372.000 livres e 316.000 retidos.
(c) 628.000 livres e 515.000 retidos.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

GUATEMALA — **Pragas do café:** Na *Dirección General* do Ministério da Agricultura da Guatemala foram realizadas reuniões, recentemente, com o fim de se aprovar um projeto de lei para combater as pragas do café, especialmente a dos gafanhotos que apareceu nas plantações de café dos Departamentos (divisões territoriais) de Santa Rosa, Jutiapa e Escuintla. Em conseqüência das reuniões, foi aprovado um decreto em que se declara que é de interêsse nacional e de utilidade pública a campanha de prevenção e de combate à referida praga; que autoriza o Ministério da Agricultura a baixar regulamentos e dispositivos necessários, bem como a adquirir inseticidas e maquinismos; que exonera os inseticidas dos impostos; que obriga os proprietários a denunciar a praga em suas plantações e a cooperar

com as autoridades para a destruição da mesma, permitindo que os funcionários do Ministério transitem livremente em suas terras.

(Boletim da FEDECAME — 25 de Novembro de 1954).

Produção mundial: Segundo calculam os peritos do Serviço Exterior Agrícola do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, a produção mundial de café, no ano de 1954-55, chegará a 41.800.000 sacas, sendo a produção exportável de 33.732.000 sacas. Nesses cálculos, mais recentes, são menores as quantidades de café correspondentes à produção dos países da América Central e de Angola, e maiores as correspondentes à produção do México, da Indonésia, da Etiópia e de Uganda.

Quanto à produção do Brasil, é calculada a mesma, nesta estimativa e em outra anterior, de 18.000.000 de sacas, sendo de 14.900.000 sacas a produção exportável, embora o Instituto Brasileiro do Café calcule a produção exportável em 14.000.000 de sacas.

Com o sistema de compras apenas para necessidades imediatas, que há bastante tempo se vem observando nos Estados Unidos, as importações de café são feitas de acôrdo com o rítmo do consumo. A importação européia tem acompanhado as tendências da importação norte-americana, em que os importadores europeus mantêm sempre um abastecimento de café para três mêses de consumo.

(Boletim da FEDECAME — 30 de Novembro de 1954).

ESTADOS UNIDOS — **Convenção de Boca Raton:** A diminuição do consumo do café, que fará baixar a importação de café, de 21.016.681 sacas em 1953 para 17.000.000 em 1954, induziu a indústria do café a ativar o levantamento de maiores fundos para o fomento do café como bebida.

O Presidente da Nacional Coffee Association, Sr. James O'Connor, que agora deixa a presidência, enumerou os fatores responsáveis pelo declínio do consumo do café, declarando: "O último ano de normalidade para o café foi o de 1948. Se tivesse sido mantido o consumo do café "per capita" de 1948, que foi de 18,3 libras por ano, a importação atual seria de 22.600.000 sacas anuais." Disse mais que, entre 1946 e 1951, o aumento da importação de café foi só de 1,7%, ao passo que a população norte-americana, na idade de consumir café, aumentou de 8,6%.

(Food Field Reporter — 3 de Dezembro, 1954).

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos Gerais: Há indicações de que o ano de 1954 terminará com um grande movimento das atividades econômicas. Os últimos relatórios industriais mostram que a produção agora se equipara à do ano passado neste mesmo período. As indústrias pesadas, adiante das quais vão a do aço e as de automóveis, são as que mais contribuem para o volume dessa produção, e as indústrias leves, como as de roupas e tecidos, começam a dar sinais de maior atividade também. A indústria do petróleo revela um aumento moderado, e as construções continuam num rítmo de recorde. Apesar das atividades mais reduzidas êste ano, os lucros das corporações, segundo se espera, excederão os de 1953, tendo, de fato, já igualado os do

ano passado, nos primeiros nove mêses dêste ano. Observa-se, entretanto, uma grande margem de diferenças entre as diversas companhias, as pequenas revelando mais do que as grandes os efeitos do retraimento dos negócios, e as autoridades federais estão tomando medidas de precaução contra a inflação, mediante certas restrições nos créditos.

Produção industrial: O índice da produção industrial, do Federal Reserve Board referente a Novembro foi de 129 (1947/49 = 100), isto é, 3 pontos acima do índice de Outubro — o maior aumento observado de um mês para outro, desde o ano de 1952. A produção industrial agora é mais ou menos igual à do ano passado nesta época, embora ainda se encontre cêrca de 6% abaixo do ponto mais alto registrado no ano passado. Segundo os relatórios correntes, a produção industrial aumentará ainda em Dezembro dêste ano.

Vendas a varejo: Segundo as informações obtidas em tôdas as partes do país, as vendas desta temporada do Natal ascenderão ao total de $2,500.000.000, excedendo, assim, consideràvelmente as da temporada do Natal do ano passado, que foram as de maior volume até então. Com essas vendas aumentadas desta temporada, o total das vendas ao varejo em 1954 excede de mais de 4% o total das do ano de 1953. Tal recorde é notável num período de retraimento econômico como o de agora.

Conferência Inter-Americana de Investimentos: Essa conferência será levada a efeito em Nova Orleans, de 28 de Fevereiro a 3 de Março de 1955, e seu objetivo será o de discutir os investimentos de capital privado na América Latina e as relações econômicas entre os Estados Unidos e as outras repúblicas americanas. Participarão do certame líderes das emprêsas particulares e representantes de organizações privadas e oficiais, tais como a Câmara de Comércio dos Estados Unidos, a Associação de Corretores de Investimentos, a Organização de Estados Americanos e a Junta Consultiva de Desenvolvimento Internacional (grupo de cidadãos designados pelo Presidente dos Estados Unidos).

Mercado de valores: A venda de ações para realização de lucros, intensa no princípio da semana, foi logo absorvida pelo mercado e o volume de transações, expandiu, forçando o aumento dos preços. A média dos preços está novamente em níveis jamais alcançados, aproximando-se de 4 milhões o número das ações negociadas diàriamente. A renovada atividade foi marcada por uma grande procura de ações das emprêsas de aço, de estradas de ferro e de fabricação de aviões.

Safra de algodão: Os enganos havidos nas estimativas da safra do algodão dêste ano, segundo os dados dispares fornecidos pelo Departamento de Agricultura, de que resultaram certas incertezas no mercado, não se referem ao rendimento por acre, mas ao número de acres cultivados — maior do que davam as estimativas anteriores. Com a safra maior, serão menos importantes as revisões nos referidos dados.

Comércio Exterior dos Estados Unidos: O comércio exterior dos EE. UU. diminuiu de mais de UM BILHÃO de dólares no 3.º trimestre de 1954: $884.000.000 nos auxílios militares e nas exportações, e $198.000.000 nas importações. As exportações excederam as importações em $803.000.000, ao passo que no trimestre ante-

rior as exportações excederam as importações em $1.493.000.000. Apesar dêsse contínuo excesso da exportação sôbre a importação, as nações estrangeiras têm continuado a acumular créditos de dólares nos Estados Unidos, acumulação essa que no terceiro trimestre déste ano foi de $603.000.000 mais do que no trimestre anterior.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: Como o Dia de Natal cai êste ano no sábado, a Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York estará encerrada na setxa-feira, dia 24. As últimas cotações desta semana serão de quinta-feira pela manhã, no mercado a têrmo, e de quarta-feira no mercado de físicos. O principal aspecto do mercado a têrmo nos últimos quatro dias foi o da liquidação dos contratos de Dezembro. Hoje, dia 23, é o dia final para o aviso de entrega e o último dia para transações de contratos de Dezembro. Ontem, pela manhã, era de 763 o número de lotes dependendo de entrega. Os trabalhadores do pôrto e os empregadores continuam negociando um contrato de trabalho, havendo ainda uma possibilidade, mas não probabilidade, de uma greve, o que reduziria os inventários dos torradores consideràvelmente.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, os preços subiram de 13 a 47 pontos, tendo a posição de Dezembro fechado com 68.65 cents, depois de ter chegado a 69.25 cents, num volume de 222 lotes negociados. Os preços afrouxaram na segunda-feira, baixando de 53 a 75 pontos, em 167 lotes negociados. Na têrça-feira, os preços de Maio subiram 15 pontos, ao passo que os das outras posições baixaram de 30 (Dezembro corrente) a 5 pontos, num total de 132 lotes negociados. Na quarta-feira, registrou-se uma subida de 35 a 98 pontos, em 212 lotes vendidos. Da sexta-feira passada até o fechamento de ontem, a variação dos preços foi de um declínio de 5 pontos a uma alta de 65 pontos (Março a Maio).

Mercado de físicos: Como na semana passada, as atividades dêsse mercado foram vagarosas, de sexta-feira passada até ontem. Os Santos 4 foram cotados ontem de 67 a 69 cents e os colombianos a 73 1/4 cents. Nesta semana ocorreu o primeiro leilão de café da Guatemala — 15.000 sacas de 69 quilos, na maior parte compradas por dois torradores do interior dos Estados Unidos. Não foi marcada a data para o próximo leilão de café da Guatemala. Bom café lavado guatemalteco foi cotado ontem a 67 ½ cents, com cotações prévias de 66 ½ cents ex-doca, para embarques até 20 de Janeiro, e de 67 ½ cents para embarques de cafés de tipo especial no mesmo mês. Ontem, os cafés mexicanos Coatepecs, tipo padrão, foram cotados de 68 3/4 cents a 71 cents e os Ambriz de 51 a 51 ½ cents.

Última hora: Esta manhã, ao abrir-se o mercado, os preços estavam entre um declínio de 20 pontos e uma ascenção de 5 a 20 pontos, em relação ao fechamento de ontem. O número de lotes dependendo de entrega era de 4.098, ao passo que o da quinta-feira passada pela manhã era de 4.228. 655 lotes dependendo de entrega esta manhã eram de Dezembro corrente, os quais deverão ser liquidados ou transferidos, hoje.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

ESTADOS UNIDOS — **Máquinas de vender café:** Uma emprêsa de Detroit. Estado de Michigan. a Fred B. Prophet Company. acaba de instalar em três localidades máquinas de vender café mediante as quais milhares de pessoas poderão ser servidas contìnuamente, dia e noite.

Essas máquinas servirão ao público quatro tipos de bebida de café: 1) café negro; 2) café com creme: 3) café com açúcar: 4) café com creme e açúcar.

(American Restaurant Magazine — Dezembro de 1954).

Compras do Exército: A Intendência do Exército. em Nova York. abriu competição para a apresentação de ofertas. até o dia 29 do corrente. de fornecimento de dois lotes de café. um de 4.400 sacas. Santos 4. e outro de 3.091 sacas. colombianos. A entrega dêsses lotes deverá ser feita em Seattle. Washington. entre 10 e 20 de Fevereiro de 1955.

(G. G. Paton & Cia. — 17 de Dezembro de 1954).

EUROPA — **Consumo:** Provàvelmente. as importações européias de café excederão êste ano de 3 a 5% as do ano passado. acreditando-se que no ano de 1955 o aumento será de uns 10%. Em meados dêste ano. as perspectivas eram obscuras. esperando-se um declínio de 15 a 20% nas importações feitas pela Europa. quando acabasse o ano. Todavia, os preços baixaram. havendo uma estabilidade relativa. manifestando-se conseqüentemente uma tendência de aumento no consumo. Na Alemanha Ocidental. à medida que vai melhorando o padrão de vida e aumentando o número de pessoas empregadas. vai também aumentando o consumo do café. de forma lenta mas contínua. Na Alemanha Oriental. onde há potencialmente 15 milhões de consumidores. o café é escasso e caro. achando-se sujeito aos azares do mercado negro. A Bélgica e a Itália aumentaram as suas importações êste ano. em relação ao ano passado. e na Suécia, depois de um declínio. devido à alta dos preços. a situação do mercado do café se acha mais uma vez normal. Se os preços se mantiverem nos níveis atuais. é possível que a Inglaterra também aumente o seu consumo de café.

(Jacques Louis-Delamare — Outubro de 1954).

ÁFRICA — **Exportações:** Apesar das dificuldades com que tropeçam os plantadores e os embarcadores de café na África. as exportações do produto têm contìnuamente aumentado nesse continente. e de modo fenomenal. nos últimos anos. como se pode julgar pelo quadro seguinte (cifras em sacas de 60 quilos):

	1934	1944	1954
Kenya, Uganda, Tanganyka, África Ocidental Francêsa, África Equatorial Francêsa, Cameron, Togolândia, Madagascar, Congo Belga e Ruanda-Urundi, Angola, Etiópia. Libéria. e outros locais . . .	1.670.430	3.064.911	5.777.000

(Tea & Coffee — Dezembro de 1954).

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA (Dados semanais)

	Semanas terminadas em:	DESTINOS PRINCIPAIS: EE. UU.	EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL (*)	18-12-1954	120.000	188.000	14.000	322.000
	11-12-1954	168.000	72.000	10.000	250.000
	19-12-1953	319.000	89.000	20.000	428.000
COLÔMBIA (")	18-12-1954	(informação retardada)			
	11-12-1954	59.776	15.789	3.154	78.719
	19-12-1953	136.401	10.832	3.216	150.449

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos:	Semanas terminadas em: 18-12-54	11-12-54	19-12-53
BRASIL (*)	Santos	2.445.000	2.472.000	1.790.000
	Rio	540.000	626.000	486.000
	Vitória	105.000	112.000	153.000
	Paranaguá	658.000(a)	680.000(b)	1.091.000(c)
	Pernambuco	11.000	16.000	14.000
	Bahia	17.000	13.000	10.000
	Angra dos Reis	24.000	20.000	15.000
	TOTAL	3.800.000	3.939.000	3.559.000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	(informação retardada)	56.092	70.044
	Cartagena		31.466	31.957
	Buenaventura		147.055	150.100
	Cúcuta		86.678	86.623
	TOTAL		321.291	338.724

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

Semana terminada em:	Países de origem (Sacas de pesos diferentes) BRASIL	COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
18-12-1954	99.639	221.664	44.613	365.976
11-12-1954	45.089	220.387	39.085	304.561
18-12-1953	162.266	94.332	76.511	333.109

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia.
(a) 377.000 livres e 281.000 retidos.
(b) 375.000 livres e 305.000 retidos
(c) 645.000 livres e 446.000 retidos.

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: Em seu mais recente estudo das condições econômicas do país, o Departamento do Comércio atribui a recente recuperação dos negócios à intensa atividade da indústria dos automóveis, a qual estimulou outras indústrias básicas, como a do aço e a da borracha, assim contribuindo diretamente para o aumento da produção e para o aumento da mão de obra. Na imprensa comercial, nesta época do ano, aparecem sempre previsões dos peritos a propósito do ano seguinte — e as dêste ano são otimistas, e o mundo dos negócios reflete êsse otimismo, de uma ascenção econômica através do ano que vem.

Custo de vida: O custo de vida aumentou de 0,1% em Novembro, sendo de 114,6 (1947/49 = 100). Êsse aumento foi devido principalmente aos preços mais altos dos automóveis de 1955, os quais excederam os declínios havidos nos preços de outros produtos. Os preços dos alimentos baixaarm 0,6% (o café, em média, baixou 5 cents a libra), e os demais artigos em geral declinaram ligeiramente. O índice do custo de vida agora se acha 0,8% mais abaixo do ponto mais alto até agora registrado, que foi em Outubro de 1953, com 115,4.

Média dos salários: A média dos salários semanais dos operários industriais subiu para $60.45. o que representa um aumento de 61% em relação à média de Outubro, sendo também a mais alta até agora para aquêle grupo de trabalhadores. O salário *real* dos operários industriais também aumentou, uma vez que o custo de vida, com exceção dos preços dos automóveis, registrou um declínio geral de 0,2% em Novembro, e uma vez que a qualidade de muitos dos artigos produzidos em massa também aumentou.

Vendas a varejo: De acôrdo com os relatórios preliminares disponíveis, das lojas de Nova York e de São Francisco, relativos à semana anterior à do Natal, as vendas excederam de 18% as da semana correspondente do ano passado. Nas quatro últimas semanas, as lojas de Nova York registraram um aumento, em média, de 6% sôbre o período correspondente de 1953. Se os relatórios de outras partes do país apresentarem informações semelhantes, como se espera, o total das compras a varejo neste ano será maior do que o de 1953, apesar do retraimento observado nos negócios nos últimos mêses.

Subsídio à lavoura: De acôrdo com o programa de auxílio à agricultura, o govêrno federal perderá cêrca de $750.000.000 durante o ano fiscal que termina em Junho de 1955. Essa perda (a maior até agora registrada, e igual à metade do custo do programa federal de auxílio à lavoura, desde 1933 até Junho dêste ano) resulta da orientação do govêrno, no sentido de reduzir os estoques excedentes dos produtos agrícolas armazenados. Cêrca da metade dêsses $750.000.000 se deverá à redução dos excedentes dos artigos de laticínios. No ano fiscal anterior, as operações de subsídio, para apôio dos preços agrícolas, custaram ao govêrno $420.000.000. As perdas ocasionadas pelos excedentes agrícolas, cujo inventário atual custa $6.600.000.000 ao govêrno, serão devidas à venda dêsses produtos no estrangeiro por preços abaixo do custo, bem como às dádivas feitas a vários países que sofreram grandes perdas nas suas lavouras por causa das sêcas.

Investimento de capital: Os investimentos de capital em novas fábricas e novos equipamentos, durante o primeiro trimestre de 1955, serão feitos à razão de 4% mais abaixo dos de 1954 e de 10% mais abaixo dos de 1953. Essa diminuição se verificará principalmente nas estradas de ferro, nas indústrias pesadas e nas emprêsas de serviços públicos.

Mercado de valores: Depois de algumas vacilações, o mercado está novamente forte, com um volume de cêrca de 3.600.000 de ações negociadas diàriamente e com uma média de preços em níveis ainda mais altos. As ações das indústrias pesadas continuam à frente e as de algumas emprêsas ferroviárias também continuam em alta.

Conclusão: Ao terminar o ano de 1954, continuam a mostrar otimismo os relatórios das atividades econômicas, embora a melhoria não seja uniforme em todos os setores, sendo promissoras, de maneira geral, as perspectivas para o ano de 1955.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: Esta semana, como a passada, será curta, estando cerrada a Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York na sexta-feira, de modo que esta Carta Semanal incluirá só as informações disponíveis até esta manhã, quinta-feira. Dia 23, quinta-feira passada, foi o último dia para as transações da posição de Dezembro corrente, e, como havia 655 contratos dessa posição dependendo de entrega, esperava-se, naquele dia, uma intensa liquidação. Foram feitos 543 avisos de entrega antes de se abrir o mercado e 96 outros foram feitos durante o dia, sendo o seu total, pois, de 639. Os avisos foram logo aceitos e as posições de Dezembro foram liquidadas de uma maneira ordenada. No fechamento de quinta-feira passada, os lotes dependendo de entrega tinham baixado para 3.458 lotes, sendo êsse o menor número havido desde os meados de Junho. Os 16 contratos restantes de Dezembro (655 menos 639, vide acima), para os quais não foram emitidos avisos, foram liquidados por meio da compra de novos contratos.

Mercado a têrmo: Os preços na quinta-feira passada, todos de 1955, subiram de 60 a 100 pontos, num volume de 364 lotes. Novos ganhos foram notados na segunda-feira, com altas de 55 a 81 pontos num total de 76 lotes negociados. Na têrça-feira, porém, ocorreu um declínio de 19 a 75 pontos, num total de 119 lotes apenas. A tendência de baixa continuou ontem, quarta-feira, com declínios de 5 a 55 pontos, sendo vendidos 172 lotes. Entre o fechamento da passada quarta-feira e o de ontem, os preços subiram de 86 pontos, num total de 731 lotes negociados.

Mercados de físicos: Continuou relativamente pouco intensa a atividade dêsse mercado. Na quinta-feira passada, ante-véspera do Natal, não houve quase negócios. Na segunda-feira, o volume de vendas foi pequeno, e na têrça-feira os torradores estavam comprando carregamentos de lotes para entrega sem demora, mas não estavam estabelecendo inventários. Ontem, os colombianos estavam sendo vendidos a 73 3/4 cents e os Santos 4 a 68 cents.

Café importado pelos Estados Unidos, entre Janeiro e Outubro de 1954: Incluidas nesta Carta Semanal acham-se as Tabelas que mostram os dados

oficiais sôbre o café importado pelos Estados Unidos durante o mês de Outubro e durante o ano todo até aquêle mês. O total das importações, durante o referido período, foi de 17,8% abaixo do total de 1953, no mesmo período. As importações procedentes do Hemisfério Ocidental foram inferiores em 20.8% (ou 3.245.404 sacas a menos), ao passo que as importações procedentes da África, da Ásia e da Oceânia, embora relativamente pequenas, aumentaram consideràvelmente, em têrmos de porcentagem. Segundo informações não oficiais, as importações de café dos Estados Unidos serão, aproximadamente, de 1.158.341 sacas em Novembro, e em Dezembro, segundo se espera, chegarão a 2.000.000 de sacas.

Última hora: Esta manhã, os preços do mercado a têrmo abriram com baixas de 6 a 30 pontos. O número de lotes dependendo de entrega era de 3.488, ao passo que o da quinta-feira passada pela manhã era de 4.098.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

AMÉRICA LATINA — **Notas Diversas:** O relatório trimestral do Chase National Bank sôbre os negócios com a América Latina salienta o fato de que os países latino-americanos necessitam de investimentos no valor de $7.250.000.000 anualmente para que tenham um crescimento econômico adequado — em harmonia com o aumento da sua população e o melhoramento do seu padrão de vida. Nos dois últimos anos o total dos investimentos ficaram aquém dessa quantia (em 1953 foi de $5.950.000.000), de modo que os investimentos, tanto de capital nacional como estrangeiro, terão que ser ampliados. Eis aqui alguns dos comentários específicos constantes do referido relatório do Chase National Bank, a respeito do café:

"Êste ano foi extremamente próspero para a *República Dominicana*. Durante os primeiros nove mêses, as exportações ascenderam ao total de $92.900.000, o que representa um aumento de $12.900.000 em relação ao total do ano passado. O fator que mais contribuiu para essa diferença favorável foi o brusco aumento notado nas vendas de café e de cacau, o que de muito contrabalançou o declínio havido na exportação de açúcar."

"Foram bastante altas as exportações dos três mais importantes produtos agrícolas do *Equador* — cacau, bananas e café — durante êste ano. Em conseqüência do mau tempo, no ano agrícola de 1953/54, diminuiram os suprimentos exportáveis de cacau e café, mas os preços se mantiveram altos, de modo que o valor das exportações de cacau, nos sete primeiros mêses dêste ano, excedeu de 62% o valor das exportações do mesmo período do ano passado, apesar do volume da produção ter diminuido de 21%... As vendas de café, nos primeiros sete mêses dêste ano, também excederam as do mesmo período do ano passado, com 73% de aumento, embora o volume dessas exportações tenha diminuido de 10%... A safra de café para 1954/55 é calculada em 425.000 sacas, o que representa um incremento de 12% sôbre a safra anterior, e 67% acima da média antes da guerra. Os novos cultivos contribuirão com 1/3 do aumento esperado êste ano. As safras de cacau e de café seguem um ciclo de altas e baixas de dois em dois anos. As estimativas para 1954/55 não só refletem uma tendência de aumento geral da produção bem como o ciclo ascendente da mesma."

"A safra do *México*, em 1954/55 — agora indo para o mercado — será, segundo se prediz, de 1.500.000 sacas, o que representa um aumento de 11% sôbre a

safra anterior. As exportações serão, segundo se espera, de 1.300.000 sacas. Os preços do café estão, entretanto, mais baixos, de modo que a receita em dólares não será tanto quanto se poderia esperar com o aumento das exportações."

"Continua a ser expandida, em *Nicarágua*, a produção de café e de algodão, sendo duas vêzes maiores o total dos empréstimos concedidos pelo govêrno êste ano em relação ao ano passado. Parece promissora a perspectiva das safras dêsses dois produtos importantes na economia do país. A safra do café de 1954/55 — que começa a entrar no mercado no último trimestre do ano — é estimada em 390.000 sacas, isto é, 15% acima da do ano passado. Os suprimentos exportáveis serão de 350.000 sacas: os do ano passado foram de 300.000."

(G. G. Paton & Co. — 23 de Dezembro, 1954).

COSTA RICA — **O uso do "Jeep":** De acôrdo com informações de San José, o automóvel "jeep" está indiretamente contribuindo para o aumento da produção de café, substituindo ràpidamente os bois usados no transporte das sacas para as ferrovias e para as docas. Cada "jeep" substitui 24 bois, de modo que 90 acres de terras, de pastagens para os animais, ficam, assim, teòricamente disponíveis para o cultivo do café.

(G. G. Paton & Co. — 23 de Dezembro, 1954).

ALEMANHA OCIDENTAL — **Importações de café:** De Janeiro a Setembro dêste ano, a Alemanha Ocidental importou 1.228.611 sacas de café verde, quase tanto como em todo o ano de 1953, quando importou 1.309.382 sacas. Todavia, segundo as licenças de exportação emitidas nos últimos mêses, o volume das importações de café baixou bruscamente em Outubro, Novembro e Dezembro, de modo que o total das importações de café na Alemanha Ocidental em 1954 será aproximadamente de 1.550.000 sacas.

(G. G. Paton & Co. — 23 de Dezembro, 1954).

Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XX | São Paulo, 14 de Dezembro de 1954 | N.º 348

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO

SAFRA 1954/1955

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	julho/out.	1.ª dezena novembro	2.ª dezena novembro	3.ª dezena novembro	Totais
Santos a Jundiaí	71 384	1 596	2 933	2 510	78 423
Sorocabana	469 408	17 544	26 623	17 424	530 999
Paulista	2 406 802	26 078	29 136	27 376	2 489 392
Mogiana	886 064	13 339	26 226	22 096	947 725
Araraquara	1 410 960	8 180	6 024	3 998	1 429 162
Noroeste do Brasil ...	992 500	11 017	7 002	8 383	1 018 902
Central do Brasil	2 400	200	—	300	2 900
Estrada de Rodagem .	589	—	—	—	589
Total.........	**6 240 107**	**77 954**	**97 944**	**82 087**	**6 498 092**

NOTA: — Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferrov.	Rodov.	Ferrov.	Rodov.	
Mêses julho/outubro...	18 476	49 610	930	5 913	74 929
1.ª dez. de novembro .	501	5 328	—	50	5 879
2.ª dez. de novembro .	3 023	7 291	—	—	10 314
3.ª dez. de novembro .	7 197	20 342	—	—	27 539
Total.........	**29 197**	**82 571**	**930**	**5 963**	**118 661**
Dest. Alt. de Santos .	1 383	—	—	—	1 383
Total geral ...	**30 580**	**82 571**	**930**	**5 963**	**120 044**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	julho/out.	1.ª dezena novembro	2.ª dezena novembro	3.ª dezena novembro	Totais
Paraná	111 558	3 666	x 290	x 483	115 997
Minas Gerais	265 997	4 733	9 178	x 2 715	282 623
Goiás	x 96 404	x 210	x 296	x —	96 910
Mato Grosso	4 525	—	—	—	4 525
Total	**478 484**	**8 609**	**9 764**	**3 198**	**500 055**

x Incompletos.

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

SAFRA 1954/1955 **(Até 30 de novembro de 1954)**

PAULISTA	Despachado	Liberado	Destino Alterado Cancelado	A Liberar
1.ª dezena de julho	791 135	791 135	—	—
2.ª dezena de julho	684 403	684 403	—	—
3.ª dezena de julho	889 768	585 378	—	304 390
1.ª dezena de agôsto	660 345	—	—	660 345
2.ª dezena de agôsto	803 842	—	—	803 842
3.ª dezena de agôsto	745 414	—	—	745 414
1.ª dezena de setembro	501 539	—	1 383	500 156
2.ª dezena de setembro	409 399	—	500	408 899
3.ª dezena de setembro	347 061	—	433	346 628
1.ª dezena de outubro	142 472	—	—	142 472
2.ª dezena de outubro	137 726	—	—	137 726
3.ª dezena de outubro	119 991	—	—	119 991
1.ª dezena de novembro	77 954	—	—	77 954
2.ª dezena de novembro	97 499	—	—	97 499
3.ª dezena de novembro	81 716	—	—	81 716
Total	**6 490 264**	**2 060 916**	**2 316**	**4 427 032**
DESPOLPADO	7 239	6 423	—	816
RODOVIÁRIO	589	134	—	455
Total geral	**6 498 092**	**2 067 473**	**2 316**	**4 428 303**
OUTROS ESTADOS				
PARANÁ	115 997	44 732	—	71 265
MINAS GERAIS	282 623	66 765	—	215 858
GOIÁS	96 910	27 022	1 970	67 918
MATO GROSSO	4 525	1 435	—	3 090
Total	**500 055**	**139 954**	**1 970**	**358 131**

Destino Alterado "Rio de Janeiro" 1383
Cancelado .... 933 — 2 316 scs.
Safra 50/51 — Por liberar dependendo de Ação Judicial .... 1 000 scs.
Safra 51/52 — Apreendido .... 1 000 scs.
Safra 52/53 — Apreendido .... 12 930 scs.

Esta Publicação retifica as anteriores.

Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de dezembro de 1954

CONTINENTES	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA	Alemanha	11.086	
	Áustria	1.432	
	Belgo-Luxemburgo	6.798	
	Dinamarca	5.070	
	Espanha	3 x)	
	Finlândia	39.535	
	França	45.239 xx)	
	Grécia	6.952	
	Holanda	16.155	
	Hungria	833	
	Islândia	1.900	
	Itália	10.873	
	Iugoslávia	1.616	
	Noruéga	150	
	Suécia	500	
	Suíça	1.000	149.142
AMÉRICA DO NORTE	Canadá	1.625	
	Estados Unidos	139.733	141.358
AMÉRICA DO SUL	Argentina	9.638	
	Uruguai	1.750	11.388
AMÉRICA CENTRAL	Curaçao	100	100
ÁFRICA	Egito	2.506	
	Marrocos Francês	416	
	Moçambique	70	
	Sud Africano	75	
	Tânger	125	
	Tunísia	750	
	U. S. Africana	3.421	7.363
ÁSIA	Chipre	500	
	Japão	213	
	Líbano	100	
	Síria	500	
	Transjordânia	297	
	Turquia	58.352	59.962
Total para o exterior			369.313
CABOTAGEM	Norte	125	
	Sul	900	1.025
Total geral			370.338

— consumo de bordo — 33 scs. —

x) — café embarcado s/v comercial. —

xx) — café embarcado s/v comercial. —

RELAÇÃO DO CAFÉ EXPORTADO PELO PORTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE DEZEMBRO DE 1954

DATA	Europa	América Norte	América Sul	América Central	África	Ásia	Cabotagem	Total
2	—	6.455	—	—	—	—	—	6.455
3	—	5.750	808	—	—	—	—	6.558
4	7.931	3.500	1.510	—	—	—	—	12.941
7	7.452	—	—	—	—	—	—	7.452
8	—	3.961	—	—	—	—	—	3.961
9	18.502	1.250	—	100	—	—	—	19.852
10	1) 6.666	16.162	2.133	—	—	200	—	25.161
11	38.165	—	—	—	—	—	125	38.290
13	15.117	8.250	—	—	—	500	—	23.867
14	5.070	2.500	3.482	—	—	—	—	11.052
15	6.500	2.500	200	—	—	—	—	9.200
16	3.388	5.122	—	—	2.031	697	—	11.238
17	1.498	—	500	—	—	—	—	1.998
18	4.517	—	—	—	—	—	—	4.517
20	1.662	—	—	—	—	—	—	1.662
21	1.456	24.772	—	—	—	—	—	26.228
22	—	4.500	—	—	—	—	—	4.500
23	16.735	—	—	—	—	—	—	16.735
24	—	8.930	2.300	—	—	—	—	11.230
27	2.700	18.170	—	—	—	—	610	21.480
28	5.342	—	137	—	1.166	—	290	6.935
30	—	1.000	318	—	3.566	213	—	5.097
31	6.441	28.536	—	—	600	58.352	—	93.929
Total	**149.142**	**141.358**	**11.388**	**100**	**7.363**	**59.962**	**1.025**	**370.338**

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE DEZEMBRO DE 1954

VIAS	PROCEDÊNCIAS								Total
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Paraná	Bahia	Goiás	Pernambuco	
E. F. C. do Brasil	2.675	17.307	—	—	—	—	6.526	—	26.508
E. F. Leopoldina	—	17.985	5.069	17.521	—	—	—	—	40.575
Regulador	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Rodoviário	5.680	218.174	20.892	24.945	769	678	—	2.197	273.335
Cabotagem	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Totais	8.355	253.466	25.961	42.466	769	678	6.526	2.197	340.418

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE DEZEMBRO E SAFRA 1954/55

MÊSES	Entradas	Embarques
1954		
julho	330.878	143.707
agôsto	329.488	180.816
setembro	333.482	251.615
1.° trimestre	993.848	576.138
outubro	314.577	250.823
novembro	343.804	290.814
dezembro	340.418	370.338
2.° trimestre	998.799	911.975
1.° semestre	1.992.647	1.488.113

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

COMUNICADO N.º 11-54

Em sequência, fazemos publicar sob n.º 17, correspondente à 1.ª quinzena de novembro p. findo, dos resultados das análises efetuadas no Instituto "Adolfo Lutz", em amostras de café torrado-moído, coletadas pelo Departamento de Fiscalização desta Superintendência dos Serviços do Café, e que se encontravam à venda para consumo público.

As firmas industrializadoras que apresentaram índices superiores a um por cento (1%) vêm sendo punidas, de acôrdo com a legislação em vigor, depois de devidamente apreciadas as respectivas infrações.

MILTON DE AZEVEDO NOGUEIRA - Gerente, Substituto

RELAÇÃO DAS ANÁLISES DE CAFÉ TORRADO-MOÍDO, EFETUADAS PELO INSTITUTO "ADOLFO LUTZ" EM AMOSTRAS COLETADAS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO DA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

NOVEMBRO DE 1954 — PRIMEIRA QUINZENA

LOCALIDADE		MARCA	FIRMA	Auto		Resultado da Análise do I.A.L.		
Séde da Torrefação	Local da Coleta			N.º	Série	N.º	Data	Impurezas (g por cento)
1 — Araras	Rio Claro	Primor	Mathiesen Junior & Cia.	4081	A	10.436	5-11-54	0,50%
2 — Atibaia	Atibaia	Atibaense	David Paolineti & Filho	4950	A	10.418	5-11-54	0,50%
3 — Atibaia	Atibaia	Sublime	Irmãos Rodrigues	4951	A	10.419	5-11-54	menos de 0,23%
4 — Barretos	Jaboticabal	Sinhá	Batista & Fonseca	4841	A	10.409	5-11-54	menos de 0,28%
5 — Bebedouro	Bebedouro	Recreio	Francisco Papeo	4595	A	10.536	10-11-54	menos de 0,28%
6 — Bebedouro	Bebedouro	Rio Branco	Pastore & Miranda Filho	4596	A	10.537	10-11-54	0,23%
7 — Bragança	Bragança	Bragantino	Celeste Paolinetti & Irmãos	4949	A	10.417	5-11-54	0,28%
8 — Campinas	Campinas	do Lar	Café do Lar S/A.	3649	A	10.432	5-11-54	menos de 0,28%
9 — Campinas	Capital	do Lar	Café do Lar S/A.	3864	A	10.486	6-11-54	0,28%
10 — Campinas	Santo André	Tupy	Meloni Landim & Martins	5691	A	10.618	12-11-54	1,00%
11 — Capital	Capital	Americano	Americano Com. Ind. Café Ltda.	5117	A	10.540	10-11-54	menos de 0,28%
12 — Capital	Capital	Assembléia	Café Assembléia Ltda.	3660	A	10.482	6-11-54	menos de 0,28%
13 — Capital	Capital	da Serra	Telji & Dolabane Ltda.	3863	A	10.445	6-11-54	menos de 0,28%
14 — Capital	Capital	Garoto	Natalo Falbo	5115	A	10.544	10-11-54	1,0 %
15 — Capital	Capital	Genuino	Soc. Torr. Nacional Ltda.	3862	A	10.484	6-11-54	menos de 0,28%
16 — Capital	Capital	Guapiranga	Sadao Naguno	5119	A	10.542	10-11-54	0,40%
17 — Capital	Capital	Higienópolis	Abaré Ferreira Carneiro	3861	A	10.483	6-11-54	menos de 0,28%
18 — Capital	Capital	Paraventi	Café Paraventi S/A.	4580	A	10.496	6-11-54	menos de 0,23%
19 — Capital	Capital	Pioneiro	Café Pioneiro S/A.	4579	A	10.495	6-11-54	menos de 0,23%
20 — Capital	Capital	Sta. Terezinha	Café Profeta Ltda.	5116	A	10.545	10-11-54	8,0 %
21 — Capital	Capital	Seleto	Café Seleto Ind. Com. Ltda.	5120	A	10.543	10-11-54	1,0 %
22 — Capital	Capital	Voluntários	Alves Abrão	5118	A	10.541	10-11-54	4,0 %

LOCALIDADE		MARCA	FIRMA	Auto		Resultado da Análise do I.A.L.		
Séde da Torrefação	Local da Coleta			N.º	Série	N.º	Data	Impurezas (g por cento)
23 — Capital	Capital	Zenith	Irmãos Miguel	3865	A	10.437	6-11-54	menos de 0,28%
24 — Catanduva	Catanduva	Cafeara	Ind. e Com. Cafeara Ltda.	4070	A	10.438	6-11-54	menos de 0,28%
25 — Catanduva	Catanduva	Sambo	Pieraccini & Coneglian Ltda.	4683	A	10.497	6-11-54	0,28%
26 — Catanduva	Catanduva	Superbom	Onofre Tagliari	4684	A	10.498	6-11-54	0,50%
27 — Cravinhos	Ribeirão Preto	Independência	Angelo Belini & Filhos	5001	A	10.450	5-11-54	0,28%
28 — Cruzeiro	Cruzeiro	Marcondes	Marcondes & Irmãos	4654	A	10.435	5-11-54	2,00%
29 — Cruzeiro	Cruzeiro	Ouro Verde	Lauro G. Novaes	4053	A	10.434	5-11-54	0,28%
30 — Descalvado	Porto Ferreira	Alfredo	Emygdio Sarro & Cia.	4943	A	10.416	5-11-54	0,50%
31 — Franca	Ribeirão Preto	Francano	Caleiro S/A. Com. Ind.	5002	A	10.451	5-11-54	0,25%
32 — Garça	Vera Cruz	São João	Antonio Bosque Filho	4651	A	10.614	12-11-54	7,0 %
33 — Guaratinguetá	Cruzeiro	Popular	Benedito Geraldo de Carvalho	4052	A	10.433	5-11-54	0,50%
34 — Indaiatuba	Campinas	Unico	Jesuino R. Moraes	3644	A	10.431	5-11-54	menos de 0,28%
35 — Indaiatuba	Sorocaba	Unico Moraes	Jesuino R. Moraes	4978	A	10.449	5-11-54	1,0 %
36 — Itú	Itú	Brioso	Luiz Bolognesi & Cia.	4567	A	10.492	6-11-54	0,50%
37 — Itú	Capital	Brioso	Luiz Bolognesi & Cia.	4933	A	10.569	10-11-54	menos de 0,28%
38 — Itú	Itú	Ituano	José Bazanelli	4566	A	10.491	6-11-54	0,50%
39 — Itú	Sorocaba	Ituano	José Bazanelli	4795	A	10.445	5-11-54	menos de 0,28%
40 — Itú	Sorocaba	Mercedes	Ind. Merc. Cafés Mercedes Ltda.	4794	A	10.444	5-11-54	0,28%
41 — Itú	Itú	Mercedes	Ind. Merc. Cafés Mercedes Ltda.	4569	A	10.494	6-11-54	1,0 %
42 — Itú	Itú	Pop. Faustino	Antonio Faustino Filho	4563	A	10.493	6-11-54	1.0 %
43 — Jaboticabal	Monte Alto	Estádio	Torrefação Jaboticabal Ltda.	4136	A	10.392	6-11-54	15,0%
44 — Jaboticabal	Jaboticabal	Estádio	Torrefação Jaboticabal Ltda.	4940	A	10.408	5-11-54	3,0 %
45 — Jaboticabal	Jaboticabal	Kalú	Com. Ind. Brazil Coffee Ltda.	4942	A	10.410	5-11-54	0,50%
46 — Jaú	Jaú	Central	Agostinho & Merchan	4346	A	10.397	5-11-54	menos de 0,28%
47 — Jaú	Jaú	Jaú	Irmãos Carboni	4347	A	10.398	5-11-54	menos de 0,28%
48 — Jaú	Jaú	Oliveira	Sebastião de Oliveira Matosinho	4988	A	10.420	5-11-54	1,0 %
49 — Lins	Lins	Aliança	Pimentel & Cia.	3199	A	10.430	5-11-54	0,28%
50 — Lins	Vera Cruz	Selecto	Alexandrino Figueiredo S/A.	4560	A	10.613	5-11-54	10,0 %
51 — Matão	Matão	Matão	Isidoro Adail Bottesini	4938	A	10.406	12-11-54	0,50%
52 — Mirassol	Taquaritinga	Brasília	Rubens Porto	4943	A	10.411	5-11-54	0,50%
53 — Monte Alto	Monte Alto	Cidade Sonho	Renato de Medeiros Galli	4945	A	10.413	5-11-54	0,50%
54 — Monte Alto	Monte Alto	Pery	Jorge Valente da Costa	4138	A	10.394	5-11-54	10,0 %
55 — Monte Alto	Monte Alto	Pery	Jorge Valente da Costa	4944	A	10.412	5-11-54	7,0 %
56 — Ourinhos	Capital	Discafé	Irmãos Sampaio Ltda.	3866	A	10.610	5-11-54	1,0 %
57 — Ourinhos	Ourinhos	Oriente	Irmãos Sampaio Ltda.	4310	A	10.396	12-11-54	0,50%
58 — Ourinhos	Ourinhos	Paulista	Irmãos Zaki	4834	A	10.400	5-11-54	0,50%
59 — Ourinhos	Ourinhos	Santo Antonio	Sampaio & Susuki	4303	A	10.395	5-11-54	menos de 0,28%
60 — Piracicaba	Limeira	Morro Grande	Dorival Cruz Lima & Irmã	4935	A	10.403	5-11-54	1,0 %

LOCALIDADE		MARCA	FIRMA	Auto		Resultado da Análise do I.A.L.		
Séde da Torrefação	Local da Coleta			N.º	Série	N.º	Data	Impurezas (g por cento)
61 — Pirajú	Pirajú	Farol	Otavio Martignoni	4627	A	10.612	5-11-54	menos de 0,28%
62 — Pirajú	Pirajú	Nhozinho	Augusto Cezario Garcia Junior	4626	A	10.611	12-11-54	menos de 0,28%
63 — Pirassununga	Pirassununga	São Paulo	Domingos Fantinato	4853	A	10.447	12-11-54	menos de 0,28%
64 — Pirassununga	Porto Ferreira	Tamoio	Assef Jorge Assef	4947	A	10.415	5-11-54	menos de 0,28%
65 — Pirassununga	Pirassununga	Tamoio	Assef Jorge Assef	4854	A	10.448	5-11-54	menos de 0,28%
66 — Ribeirão Preto	Monte Alto	Biagini	Irmãos Biagini	4137	A	10.393	5-11-54	0,28%
67 — Ribeirão Preto	Ribeirão Preto	Biagini	Irmãos Biagini	5004	A	10.453	5-11-54	menos de 0,28%
68 — Ribeirão Preto	Ribeirão Preto	Himalaia	Irmãos Saretta	5003	A	10.452	5-11-54	0,28%
69 — Rio Claro	Rio Claro	Expresso	Isaura Assumpção Schmidt & Cia.	4084	A	10.439	5-11-54	menos de 0,28%
70 — Rio Claro	Rio Claro	Marrocos	Eugenio Barsotti	4032	A	10.437	5-11-54	menos de 0,28%
71 — Sta. Cruz R. Pardo	S. Cruz R. Pardo	Primavera	Albano Silva	4697	A	10.443	5-11-54	7,0 %
72 — Sta. Cruz R. Pardo	S. Cruz R. Pardo	Seleto	Rossi & Nascimento	4833	A	10.399	5-11-54	3,5 %
73 — Santo André	Santo André	Esporte	Ernesto Alejandro Dominguez	5090	A	10.617	5-11-54	menos de 0,28%
74 — Santos	Santos	Caravela	Soc. Com. Ind. Caravela Ltda.	4499	A	10.490	12-11-54	menos de 0,28%
75 — Santos	Capital	Chaves	João dos Santos	4930	A	10.538	6-11-54	menos de 0,28%
76 — Santos	Santos	Democrata	Menezes Nunes & Cia. Ltda.	4497	A	10.442	10-11-54	menos de 0,28%
77 — Santos	Santos	Dias	Dias & Filhos Ltda.	5022	A	10.500	5-11-54	0,28%
78 — Santos	Santos	Eros	Manoel Cardoso do Vale Quaresma	5023	A	10.501	6-11-54	0,28%
79 — Santos	Santos	Floresta	Pires & Irmão Ltda.	4496	A	10.441	5-11-54	0,26%
80 — Santos	Santos	Floresta	Pires & Irmão Ltda.	5021	A	10.499	6-11-54	0,28%
81 — Santos	Santos	Menezes	José de Mattos & Cia. Ltda.	4495	A	10.440	5-11-54	2,0 %
82 — Santos	Santos	Menezes	José de Mattos & Cia. Ltda.	4500	A	10.503	6-11-54	2,0 %
83 — Santos	Santos	Menezes	José de Mattos & Cia. Ltda.	5024	A	10.502	6-11-54	menos de 0,28%
84 — Santos	Santos	Rei do Café	Joaquim Augusto Alves	4498	A	10.489	6-11-54	2,0 %
85 — São Caetano	Utinga	Jambo	Torref. Moag. Café Jambo Ltda.	5089	A	10.616	12-11-54	menos de 0.28%
86 — São Caetano	São Caetano	Piloto	Celso Rodrigues	5088	A	10.615	12-11-54	0.28%
87 — São Carlos	São Carlos	Novaes	A. Novaes & Irmão	4934	A	10.402	5-11-54	menos de 0.28%
88 — São Carlos	Limeira	O. Brasileiro	Zavaglia, Zavaglia & Cia.	4936	A	10.404	5-11-54	menos de 0.28%
89 — São Carlos	Rio Claro	O. Brasileiro	Zavaglia, Zavaglia & Cia.	4083	A	10.438	5-11-54	3.0 %
90 — São Carlos	São Carlos	Pérola	José Finocchio	4932	A	10.401	5-11-54	menos de 0.28%
91 — São Carlos	São Carlos	Yara	Flavio S. Ribeiro	4937	A	10.405	5-11-54	menos de 0.28%
92 — S. J. do Rio Preto	S. J. R. Preto	Guaraní	Luiz Marchi	4140	A	10.534	10-11-54	menos de 0,28%
93 — S. J. do Rio Preto	S. J. R. Preto	Santa Maria	Mario Vellani	4139	A	10.533	10-11-54	1.0 %
94 — Sorocaba	Sorocaba	Excelsior	Torref. Excelsior Ltda.	4796	A	10.446	5-11-54	menos de 0,28%
95 — Sorocaba	Itú	Excelsior	Torref. Excelsior Ltda.	4565	A	10.535	10-11-54	menos de 0.28%
96 — Sorocaba	Jacupiranga	Excelsior	Torref. Excelsior Ltda.	3075	A	10.481	6-11-54	menos de 0.28%
97 — Taquaritinga	Matão	Bem Bom	Café Irajá Ltda.	4939	A	10.407	5-11-54	4,0 %
98 — B. Brandão (MG)	Brag. Paulista	Brasileirinho	Geraldo Willibor	4946	A	10.414	5-11-54	

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

COMUNICADO N.º 12-54

Em sequência, fazemos publicar a relação sob n.º 18, correspondente à 2.ª quinzena de novembro p. findo, dos resultados das análises efetuadas no Instituto Adolfo Lutz, em amostras de café torrado-moído, coletadas pelo Departamento de Fiscalização desta Superintendência dos Serviços do Café, e que se encontravam à venda para consumo público.

As firmas industrializadoras que apresentam índices superiores a um por cento vêm sendo punidas, de acôrdo com a legislação em vigor, depois de devidamente apreciadas as respectivas infrações.

MILTON DE AZEVEDO NOGUEIRA — Gerente-Subst.

RELAÇÃO DAS ANÁLISES DE CAFÉ TORRADO-MOÍDO EFETUADAS PELO INSTITUTO "ADOLFO LUTZ" EM AMOSTRAS COLETADAS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO DA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

NOVEMBRO DE 1954 — SEGUNDA QUINZENA

LOCALIDADE		MARCA	FIRMA	Auto		Resultado da Análise do I.A.L.		
Séde da Torrefação	Local da Coleta			N.º	Série	N.º	Data	Impurezas (g por cento)
1 — Agudos	Agudos	Tupy	Delfino Tendolo	4008	A	10.946	26-11-54	menos de 0,28%
2 — Americana	Capital	Cacique	Pijoudi & Cordenousi Ltda.	4635	A	10.776	18-11-54	4,0 %
3 — Araraquara	Araraquara	Cidade Jardim	Otavio de Oliveira	3960	A	10.945	26-11-54	0,28%
4 — Araras	Pirassununga	Primor	Mathiesen Junior & Cia.	4855	A	10.948	26-11-54	0,28%
5 — Barretos	Barretos	Guarany	José de Paula Souza	4560	A	10.693	17-11-54	0,28%
6 — Barretos	Jaboticabal	Sinhá	Batista & Fonseca	4556	A	10.689	17-11-54	0,28%
7 — Barretos	Barretos	Vidal	Osvaldo Vidal Abrão	4592	A	10.695	17-11-54	0,50%
8 — Brag. Paulista	Capital	Bragantine	Celeste Paolinetti & Irmãos	4632	A	10.774	18-11-54	0,50%
9 — Campinas	Limeira	Bourbon	M. Ferreira Jorge S/A.	4740	A	10.780	18-11-54	0,50%
10 — Campinas	Capital	Motta	S. Com. Ind. de Café Motta Ltda.	4952	A	10.700	17-11-54	3,0 %
11 — Campinas	Campinas	Negrão	Meloni Landin & Martins	3650	A	10.773	18-11-54	menos de 0,28%
12 — Cravinhos	Rib. Preto	Independência	Angelo Bellini & Filhos	5008	A	10.966	26-11-54	1,0 %
13 — Franca	Rib. Preto	Francano	Caleiro S/A. Com. Ind.	5006	A	10.954	26-11-54	menos de 0,28%
14 — Itapema	Itapema	Iriri	Arduim & Cunico	5041	A	10.960	26-11-54	menos de 0,28%
15 — Itararé	Itararé	Extra-Bom	A. Melo & Filho	1814	A	10.687	17-11-54	menos de 0,28%
16 — Itararé	Itararé	Favorito	Irmãos Kolker	1812	A	10.685	17-11-54	menos de 0,28%
17 — Itararé	Itararé	S. Pedro	Manoel de Paula Dias	1813	A	10.686	17-11-54	menos de 0,28%
18 — Itú	Brig. Tobias	Brioso	Luiz Bolognesi	4982	A	10.952	26-11-54	0,28%
19 — Itú	Brig. Tobias	Mercedes	Ind. Merc. de Cafés Mercedes Ltda.	4980	A	10.950	26-11-54	0,50%
20 — Itú	Brig. Tobias	Pop. Faustino	Antonio Faustino Filho	4981	A	10.951	26-11-54	0,50%
21 — Jaboticabal	Jaboticabal	Estádio	Torref. Jaboticabal Ltda.	4558	A	10.691	17-11-54	3,0 %
22 — Jaboticabal	Jaboticabal	Irajá	Café Irajá Ltda.	4557	A	10.690	17-11-54	10,0 %
23 — Jaboticabal	Jaboticabal	Kalú	Com. Ind. Brasil Coffee Ltda.	4559	A	10.692	17-11-54	menos de 0,28%
24 — Jaú	Jaú	Central	Agostinho & Merchan	4989	A	10.781	18-11-54	menos de 0,28%
								0,28%

LOCALIDADE		MARCA	FIRMA	Auto		Resultado da Análise do I.A.L.		
Séde da Torrefação	Local da Coleta			N.º	Série	N.º	Data	Impurezas (g por cento)
25 — Jaú	Jaú	Jahú	Irmãos Carboni	4990	A	10.782	18-11-54	menos de 0,28%
26 — Jaú	Jaú	Oliveira	Sebastião de Oliveira Matosinho	4991	A	10.783	16-11-54	3,0 %
27 — Jundiaí	Jundiaí	Caiçara	Torref. Moag. Café Caiçara	4738	A	10.696	17-11-54	0,28%
28 — Limeira	Limeira	Nosso Café	Irmãos Kuhl & Cia.	4739	A	10.779	18-11-54	1,0 %
29 — Marília	Capital	Marília	Ramon Agudo Gris	4636	A	10.947	26-11-54	menos de 0,28%
30 — Olímpia	Barretos	Bom Dia	Denadal & Cia.	4591	A	10.694	17-11-54	menos de 0,28%
31 — Piracicaba	Piracicaba	Cooperado	Coop. Cons. Trab. Usina Aç. Piracicaba Ltda.	4885	A	10.964	26-11-54	menos de 0,28%
32 — Piracicaba	Piracicaba	Morro Grande	Dorival Cruz Lima & Irmã	4884	A	10.963	26-11-54	1,0 %
33 — Piracicaba	Piracicaba	O. do Brasil	Lélio Ferrari & Cia.	4883	A	10.962	26-11-54	0,50%
34 — Rib. Preto	Rib. Preto	Bandeirante	Café Bandeirante Ltda.	5005	A	10.953	26-11-54	0,28%
35 — Rib. Preto	Rib. Preto	Himalaia	Irmãos Saretta	5007	A	10.965	26-11-54	menos de 0,28%
36 — Santos	Santos	Adelino	Pereira Mendes Ltda.	5030	A	10.938	26-11-54	menos de 0,28%
37 — Santos	Santos	Auri Verde	Menezes Pimenta & Cia. Ltda.	5029	A	10.705	17-11-54	menos de 0,28%
38 — Santos	Santos	Auri Verde	Menezes Pimenta & Cia. Ltda.	5033	A	10.708	17-11-54	menos de 0,28%
39 — Santos	Santos	Cafémen	Rodrigues Lourenço & Filho	5034	A	10.709	17-11-54	1,0 %
40 — Santos	Santos	Caravela	Soc. Com. Ind. Caravelas Ltda.	5035	A	10.710	17-11-54	0,50%
41 — Santos	Santos	Celeste	Torref. Café Celeste Ltda.	5039	A	10.958	26-11-54	0,28%
42 — Santos	Santos	Democrata	Menezes Nunes & Cia. Ltda.	5037	A	10.956	26-11-54	0,28%
43 — Santos	Santos	Dias	Dias & Filhos Ltda.	5028	A	10.704	17-11-54	menos de 0,28%
44 — Santos	Santos	Floresta	Pires & Irmão Ltda.	103	B	10.944	26-11-54	1,0 %
45 — Santos	Santos	Floresta	Pires & Irmão Ltda.	5036	A	10.955	26-11-54	0,50%
46 — Santos	Santos	Garantia	Soc. Prds. Garantia Ltda.	5032	A	10.707	17-11-54	3,0 %
47 — Santos	Santos	Pinheiro	Cia. Usinas Nacionaes	5038	A	10.957	26-11-54	menos de 0,28%
48 — Santos	Santos	Preferido	Mendes & Pereira	5027	A	10.703	17-11-54	menos de 0,28%
49 — Santos	Itapema	Real	Mario José Fernandes	5040	A	10.959	26-11-54	1,0 %
50 — Santos	Santos	Record	V. Cruz & Cia.	5025	A	10.701	17-11-54	0,28%
51 — Santos	Santos	Silva Pereira	David Alves Moreira	5031	A	10.706	17-11-54	menos de 0,28%
52 — Santos	Santos	Tesouro	Fernandes & Thomé	5026	A	10.702	17-11-54	menos de 0,28%
53 — Santos	Santos	Universal	Paulo & Amaral	5042	A	10.939	26-11-54	menos de 0,28%
54 — São Caetano	São Caetano	Ipiranga	Anastácio Barrante	4367	A	10.688	17-11-54	2,0 %
55 — São Carlos	São Carlos	Novaes	A. Novaes & Irmão	4803	A	10.697	17-11-54	menos de 0,28%
56 — São Carlos	São Carlos	Pérola	José Finocchio	4805	A	10.698	17-11-54	menos de 0,28%
57 — São Carlos	São Carlos	Yara	Flavio Soares Ribeiro	4806	A	10.699	17-11-54	menos de 0,28%
58 — J. S. B. Vista	Capital	Sanjoanense	Nogueira & Rezende	4634	A	10.775	18-11-54	0,50%
59 — S. Manoel	S. Caetano do Sul	Aurora	João Grava	4721	A	10.961	26-11-54	1,0 %
60 — Sorocaba	Brig. Tobias	Excelsior	Torref. Excelsior Ltda.	4979	A	10.949	26-11-54	3,0 %
61 — Votuporanga	Votuporanga	Cafeara	Zacharias Ismael	4657	A	10.777	18-11-54	1,0 %
62 — Votuporanga	Votuporanga	Ouro	Antonio Mussolino	4656	A	10.711	17-11-54	2,5 %
63 — Campos (Rio)	—	Gibraltar	U. Soares	of. 5212		10.778	18-11-54	0,28%

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de **Câmbio Livre,** afixadas pela Bôlsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de

DEZEMBRO DE 1954

DIA	Inglaterra	Canadá	Est. Unidos	Colômbia	Uruguai	Alemanha	Suíça	Suécia	Dinamarca	Argentina	Portugal	Espanha	Bélgica	Chile	França	Itália
1	200,1119	—	74,2097	—	22,9178	—	17,1458	—	8,5000	2,7000	2,5996	1,8490	—	—	—	—
2	198,8986	—	74,6298	—	23,6200	16,5000	17,4848	11,7016	8,7000	2,7000	2,5266	1,8528	1,4391	—	—	0,1012
3	199,9105	77,5050	74,8477	—	23,2000	—	17,4995	12,3000	8,1062	2,5000	2,4516	1,8510	1,4195	—	—	0,1150
4	200,0287	—	74,9491	—	—	—	17,5654	11,6689	8,1000	—	2,5075	1,8361	—	—	0,2040	—
6	203,7889	—	73,3993	—	—	—	17,8000	12,3000	—	2,7000	2,6566	1,8333	—	—	—	0,1200
7	208,5663	77,9877	75,8226	—	—	—	17,7311	—	—	2,4500	2,5774	—	—	—	—	0,1150
9	205,4595	—	76,0899	—	22,5000	—	17,9811	—	8,3000	—	2,5207	1,9061	—	—	—	0,1150
10	204,8085	78,5000	77,2623	—	24,0472	17,5000	18,2502	12,8000	8,4653	—	2,5304	1,8956	1,4000	—	—	—
11	208,5256	80,0000	74,7391	—	—	—	18,3007	—	8,2000	2,8000	2,5648	1,8997	1,4007	—	—	—
13	207,0010	—	76,7934	—	—	—	—	12,8000	—	—	2,7083	1,8900	1,5000	—	—	—
14	205,7739	—	76,6578	—	—	18,5000	18,0000	12,8000	—	2,8500	2,5994	—	—	—	—	0,1250
15	209,9436	—	77,6019	—	—	—	—	11,8500	8,5000	—	2,6636	1,7500	—	—	—	0,1300
16	211,2312	—	78,1121	—	24,7300	—	18,2549	12,3000	—	—	2,6563	1,9200	1,5235	—	—	0,1150
17	210,8153	—	77,8924	—	24,7000	—	18,2747	12,9500	—	2,7857	2,6549	1,8170	1,5333	—	0,2150	—
18	208,9592	—	77,4601	—	—	—	18,2551	12,8125	8,7000	—	2,6315	1,9179	1,4000	—	0,1920	0,1200
20	214,0000	—	77,4281	—	23,0000	—	—	—	—	2,8255	2,7336	1,9072	—	—	—	0,1300
21	209,0186	80,0000	77,4206	—	24,0000	—	18,1442	12,8000	8,5375	2,9798	2,6431	1,9100	1,5574	—	—	0,1300
22	207,9200	—	77,3358	—	—	—	18,2012	13,0000	—	3,0000	2,6580	1,8000	—	—	—	0,1240
23	208,7080	—	77,3629	24,5000	24,0000	18,5000	18,1332	12,8741	—	2,9000	2,6467	1,8557	—	0,3000	0,1923	—
24	207,5823	80,3000	77,6470	—	—	—	—	—	—	—	2,6820	—	1,6000	—	—	—
27	208,5041	—	76,1338	—	—	—	—	12,8115	—	3,0000	2,6137	1,8700	1,5500	—	0,2400	—
28	206,8515	—	75,4029	—	—	—	17,7564	12,7887	—	—	2,6894	1,8500	1,5200	—	—	—
29	207,9686	—	75,4105	—	23,8000	—	17,6182	—	8,8000	2,7543	2,6713	—	1,4500	—	—	—
30	208,0427	79,0000	76,5648	—	22,9345	—	18,0886	12,6746	8,8000	2,8019	2,6485	1,8736	1,4502	—	0,2000	0,1200
Média	**206,7674**	**79,0418**	**76,2989**	**24,5000**	**23,6207**	**17,7500**	**17,9203**	**12,5430**	**8,4757**	**2,7831**	**2,6181**	**1,8642**	**1,4816**	**0,3000**	**0,2072**	**0,1200**

Exportação Brasileira de Café

DEZEMBRO 1951

Sacas de 60 quilos

PORTOS DE EXPORTAÇÃO	Est. Unidos	Outros Países	Total	Consumo de Bordo	Cabotagem	Total Geral
Dezembro 1951 : —						
Santos	365 822	198 913	564 735	313	90	565 138
R. de Janeiro..	139 733	229 580	369 313	33	1 025	370 371
Paranaguá ...	134 000	28 983	162 983	10	40	163 033
Vitória	24 675	61 566	86 241	7	*24 773	111 021
Angra dos Reis	19 000	*	19 000	—	—	19 000
Salvador	—	8 960	8 960	—	1 625	10 585
Recife	—	8 882	8 882	38	—	8 920
Total	**683 230**	**536 884**	**1 220 114**	**401**	**27 553**	**1 248 068**
Janeiro	—	—	1 125 470	483	17 231	1 143 184
Fevereiro	—	—	994 393	348	17 150	1 011 891
Março..........	—	—	1 375 456	363	29 509	1 405 328
Abril	—	—	997 667	424	27 303	1 025 394
Maio	—	—	473 675	282	15 143	489 100
Junho	—	—	396 075	400	25 368	421 843
Julho	—	—	625 959	334	19 815	646 108
Agôsto	—	—	518 284	361	39 747	558 392
Setembro	—	—	837 686	352	27 073	865 111
Outubro	—	—	855 384	504	22 086	877 974
Novembro	1 110 146	437 355	1 547 501	321	13 185	1 561 007
Total de Jan. a Dez.	**1 793 376**	**974 239**	**10 967 664**	**4 573**	**28[illegible] 163**	**11 253 400**

NOTA · — (*) — Incluidas 3.600 sacas embarcadas por via ferroviária e 30 rodoviária.

O Brasil será uma grande nação no dia em que pudermos colocar em cada residência, fábrica, escritório ou casa de comércio, uma placa com os dizeres: NESTA CASA NÃO HÁ ANALFABETOS.

Café disponível nos portos de exportação do Brasil

1 9 5 4	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	Angra dos Reis	Recife	TOTAL
Janeiro	1 706 822	349 628	51 506	3 841	624 475	11 590	19 472	2 767 334
Fevereiro	1 822 948	556 127	75 174	6 504	634 493	4 906	20 953	3 121 105
Março	1 715 331	358 284	77 322	6 225	556 901	—	17 997	2 732 060
Abril	1 836 244	224 798	43 169	17 213	507 831	—	15 750	2 645 005
Maio	2 233 149	220 366	45 344	18 092	445 485	—	12 828	2 975 264
Junho	2 447 932	254 725	73 989	8 536	418 481	—	11 105	3 214 768
Julho	2 366 686	243 606	62 661	8 633	415 168	2 030	12 097	3 110 881
Agôsto	2 495 804	352 034	85 300	7 348	497 257	6 239	9 136	3 453 118
Setembro	2 542 439	551 631	147 360	4 116	509 006	15 258	6 611	3 776 421
Outubro	2 690 657	575 297	167 302	4 739	527 543	16 243	8 684	3 990 465
Novembro	2 404 924	512 945	149 659	4 451	372 215	2 010	14 488	3 460 692
Dezembro	2 424 923	342 521	143 902	6 537	316 149	8 635	16 018	3 258 685
Dezembro — 1953	1 633 937	430 575	52 945	4 332	603 185	5 038	18 661	2 748 673
1952	1 871 855	271 290	53 080	13 078	691 605	35 191	16 124	2 952 223
1951	1 807 853	684 662	79 446	9 010	594 449	62 541	18 354	3 256 315
1950	1 666 001	659 672	52 258	11 042	547 305	29 725	23 921	2 989 924

Movimento de café na praça de Santos

DEZEMBRO DE 1954

DIA	ENTRADAS														
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranáense	Matogrossense	Total	Liberado p/ E.F.S.J.	Liberado p/ E.F.S.	Liberado p/ Rodovia	Embarques	Despachos	Vendas	Retirado do estoque	Existência	Existência em poder do I.B.C.
1	25.010	1.130	300	500	—	26.914	20.200	6.740	—	2.550	7.440	18.855	—	2.429.314	438
2	25.010	—	900	—	—	25.910	19.910	6.000	—	16.537	10.234	37.533	—	2.438.687	438
3	24.994	2.001	—	—	—	26.995	19.494	7.501	—	1.652	36.140	40.518	—	2.464.030	438
4	25.010	2.000	—	—	—	27.010	19.510	7.500	—	6.966	19.103	24.406	—	2.484.074	439
6	24.997	2.004	1.900	—	—	28.901	21.397	7.504	—	24.246	29.694	26.668	—	2.488.729	439
7	25.005	1.603	—	—	—	26.608	20.105	6.503	—	46.423	26.354	34.832	1.499	2.467.415	438
9	25.000	2.574	1.947	—	—	29.521	20.021	9.500	—	37.109	48.468	30.761	—	2.459.827	438
10	24.969	2.617	1.843	—	—	29.429	21.949	7.480	—	15.216	37.726	25.650	—	2.474.040	439
11	25.001	2.011	1.220	—	—	28.232	21.096	7.136	—	75.397	23.907	15.940	—	2.426.875	438
13	25.000	1.200	1.050	—	—	27.251	21.051	6.200	—	17.564	10.384	34.579	5.026	2.431.536	438
14	25.007	1.800	750	100	—	27.687	22.281	5.406	—	19.554	22.355	27.536	3.777	2.435.892	438
15	25.019	665	1.100	—	—	26.784	21.120	5.664	—	4.910	17.244	50.528	8.912	2.448.854	438
16	25.004	1.218	—	—	—	26.222	18.203	7.501	518	9.800	27.644	43.746	7.644	2.457.632	438
17	25.004	1.063	970	401	—	27.441	19.140	8.301	—	27.025	17.347	52.432	6.325	2.451.723	438
18	25.000	1.096	—	554	—	26.650	17.500	9.150	—	34.595	10.300	14.006	5.940	2.437.838	438
20	24.977	500	1.050	255	—	26.782	18.527	8.255	—	4.195	29.821	48.973	5.799	2.454.626	438
21	25.001	1.264	1.850	400	—	28.515	19.351	9.164	—	31.946	20.967	55.103	6.349	2.444.846	438
22	24.996	1.005	600	600	—	27.201	18.096	9.105	—	23.737	21.407	36.573	5.250	2.443.060	438
23	25.000	1.000	300	500	550	27.350	17.500	9.980	—	10.866	21.458	65.705	7.173	2.452.371	438
24	25.008	1.192	—	500	—	26.700	17.498	9.902	—	22.220	11.401	10.433	5.471	2.451.380	438
27	24.980	1.020	600	932	—	27.532	18.082	9.450	—	950	29.787	41.959	6.750	2.471.212	438
28	25.002	1.410	—	600	—	27.012	17.504	9.508	—	14.165	31.778	40.348	5.891	2.478.168	438
29	25.013	1.195	600	600	—	27.408	18.307	9.101	—	33.377	16.376	39.544	7.902	2.454.297	438
30	25.001	1.204	—	1.200	—	27.405	15.001	12.404	—	33.999	25.714	44.544	6.326	2.451.377	438
31	25.005	1.324	1.013	1.690	—	29.032	20.305	8.727	—	50.102	258	24.308	5.384	2.424.923	438
Média	**625.014**	**34.099**	**18.023**	**8.832**	**550**	**686.518**	**483.148**	**202.852**	**518**	**565.101**	**353.397**	**920.480**	**101.418**		

Movimento de café no Rio de Janeiro

DEZEMBRO DE 1954

DIA	ENTRADAS									EMBARQUES					
	S. Paulo	M. Gerais	R. de Janeiro	Esp. Santo	Goiás	Bahia	Pernambuco	Paraná	Total	Exterior	Cabotagem	Total	Retirado do mercado	Consumidor local	Existência
1	—	33.542	5.448	—	—	—	—	—	38.990	—	—	—	—	—	551.935
2	—	32.324	1.665	—	—	—	—	—	33.989	6.455	—	6.455	—	—	579.469
3	—	14.063	6.371	—	—	—	—	—	20.434	6.558	—	6.558	—	—	593.345
4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	12.941	—	12.941	—	—	580.404
6	—	14.089	—	1.820	—	—	—	—	15.909	—	—	—	—	—	596.313
7	—	15.509	1.850	1.520	—	—	—	—	18.879	7.452	—	7.452	—	—	607.740
8	—	10.422	—	8.631	—	—	—	—	19.053	3.961	—	3.961	—	—	622.832
9	—	12.811	—	4.286	5.726	—	—	—	22.823	19.852	—	19.852	—	—	625.803
10	8.355	19.456	—	3.424	800	—	—	—	32.035	25.161	—	25.161	39.341	—	593.336
11	—	—	—	—	—	—	—	—	—	38.165	125	38.290	—	—	555.046
13	—	11.696	—	5.927	—	—	—	—	17.623	23.867	—	23.867	—	—	548.802
14	—	14.654	—	—	—	—	—	—	14.654	11.052	—	11.052	—	—	552.404
15	—	9.678	—	6.101	—	—	—	—	15.779	9.200	—	9.200	—	20.000	538.983
16	—	11.002	1.554	—	—	—	—	—	12.556	11.238	—	11.238	—	—	540.301
17	—	5.086	4.775	1.263	—	—	—	—	11.124	1.998	—	1.998	—	—	549.427
18	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4.517	—	5.417	—	—	544.910
20	—	5.824	4.298	—	—	—	—	—	10.122	1.662	—	1.662	—	—	553.370
21	—	4.953	—	7.429	—	—	—	—	12.382	26.228	—	26.228	—	—	539.524
22	—	4.852	—	—	—	—	—	—	4.852	4.500	—	4.500	—	—	539.876
23	—	14.129	—	—	—	—	—	—	14.129	16.735	—	16.735	—	—	537.270
24	—	—	—	—	—	—	—	—	—	11.230	—	11.230	—	—	526.040
27	—	6.442	—	—	—	—	—	—	6.442	20.870	610	21.480	—	—	511.002
28	—	8.264	—	—	—	—	—	—	8.264	6.645	290	6.935	—	—	512.331
29	—	4.670	—	2.065	—	—	—	—	6.735	—	—	—	—	—	519.066
30	—	—	—	—	—	678	2.197	769	3.644	5.097	—	5.097	—	—	517.613
31	—	—	—	—	—	—	—	—	—	93.929	—	93.929	61.163	20.000	342.521
Total	**8.355**	**253.466**	**25.961**	**42.466**	**6.526**	**678**	**2.197**	**769**	**340.418**	**369.313**	**1.025**	**370.338**	**100.504**	**40.000**	

Cotações de café no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória

DEZEMBRO DE 1954

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T. 4	Tipo 4 Sem Descrição	Tipo 7	Tipo 7
1	430.00	426.50	389.00	309.00	252.10
2	430.00	425.00	388.00	309.00	248.70
3	430.00	425.00	387.50	309.00	249.40
6	430.00	425.00	387.50	309.00	252.10
7	430.00	425.00	387.50	309.00	253.60
9	430.00	425.00	387.50	309.00	251.80
10	430.00	425.00	387.50	309.00	251.40
13	430.00	425.00	387.50	309.00	251.20
14	430.00	425.00	387.50	308.00	251.20
15	430.00	425.00	387.50	308.00	250.50
16	430.00	425.00	387.00	308.00	250.80
17	430.00	425.00	387.50	308.00	250.80
20	430.00	425.00	387.50	308.00	248.80
21	430.00	425.00	387.50	308.00	248.00
22	430.00	425.00	387.50	308.00	248.00
23	430.00	425.00	387.50	308.00	243.20
24	430.00	425.00	387.50	—	245.20
27	430.00	425.00	387.50	308.00	—
28	430.00	425.00	387.50	308.00	245.20
29	430.00	425.00	387.50	308.00	245.20
30	430.00	425.00	387.50	308.00	227.50
31	430.00	425.00	386.00		219.30
Média	430.00	425.00	387.52	308.40	246.86

Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York

DEZEMBRO DE 1954

(Em cents por libra (peso) 453,60)

DIA	SANTOS			RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 Extra mole	Tipo 4 Extra mole	Tipo 7
1	N/cotado	N/cotado	70.00	69.00	53.75
2	,,	,,	70.00	69.00	53.75
3	,,	,,	69.75	68.75	54.00
6	,,	,,	69.50	68.50	53.75
7	,,	,,	69.50	68.50	53.75
8	,,	,,	69.00	68.00	54.50
9	,,	,,	69.50	68.50	55.00
10	,,	,,	69.50	68.50	55.00
13	,,	,,	69.00	68.00	54.50
14	,,	,,	69.50	68.50	54.75
15	,,	,,	69.75	68.75	54.50
16	,,	,,	69.00	68.00	54.00
17	,,	,,	69.75	68.75	54.25
20	,,	,,	69.50	68.50	54.00
21	,,	,,	69.00	68.00	53.50
22	,,	,,	69.00	68.00	53.50
23	,,	,,	69.00	68.00	53.50
27	,,	,,	68.75	67.75	53.50
28	,,	,,	69.00	68.00	53.75
29	,,	,,	68.75	67.75	53.50
30	,,	,,	68.75	67.75	53.50
31	,,	,,	68.50	67.50	53.00
Mínima	—	—	**68.50**	**67.50**	**53.00**
Média	—	—	**69.27**	**68.27**	**53.97**
Máxima	—	—	**70.00**	**69.00**	**55.00**

COTAÇÃO DO CAFÉ EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS — (Em cents. por libra (peso) 453,60)

DEZEMBRO DE 1954

PROCEDÊNCIA	DIAS						
	2	8	15	22	29	MÉDIA	SOMA
COLÔMBIA Medelim Excelso	2) 71 3/4	2) 72 00	2) 73 00	2) 73 1/2	2) 73 3/4	72 51/64	364 000
Armenia	2) 71 3/4	2) 72 00	2) 73 00	2) 73 1/2	2) 73 3/4	72 51/54	364 000
Manizales	2) 71 3/4	2) 72 00	2) 73 00	2) 73 1/2	2) 73 3/4	72 51/64	364 000
Cucutá	2) 71 1/2	2) 71 3/4	2) 72 1/2	2) 73 00	2) 72 3/4	72 19/64	361 500
Bogotá	2) 71 1/2	2) 71 3/4	2) 72 1/2	2) 73 00	2) 72 3/4	72 19/64	361 500
Tolima	2) 71 1/2	2) 71 3/4	2) 72 1/2	2) 73 00	2) 72 3/4	72 19/64	361 500
Ocana	2) 71 1/2	2) 71 3/4	2) 72 1/2	2) 73 00	2) 72 3/4	72 19/64	361 500
COSTA RICA Honduras	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—	—
Atlantic Fino	,,	,,	,,	,,	,,	—	—
CUBA Lavado Bom	—	—	—	—	—		—
Lavado regular	—	—	—	—	—	—	—
EQUADOR Lavado	6) 72 00	6) 71 00	6) 71 00	6) 71 1/2	6) 70 00	71 3/32	355 500
Extra não Lavado	6) 55 00	6) 55 00	6) 54 1/2	6) 54 1/2	6) 53 00	54 13/32	272 000
GUATEMALA Antigua	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—	—
Extra primeira	,,	,,	,,	,,	,,	—	—
Lavado Bom	,,	(x) 69 3/4	(x) 69 3/4	6) 68 3/4	6) 68 1/2	69 3/16	276 750
Bourbom	,,	(x) 69 1/4	(x) 69 1/4	6) 68 1/4	6) 67 3/4	68 5/8	274 500
HAITÍ Lavado bom mole	6) 70 00	(-)6) 69 1/4	(-) 69 1/2	6)-) 69 1/2	N/cot.	69 9/16	278 250
Catado à mão	6) 63 00	(-)6) 62 00	(-) 62 00	6(-) 62 1/2	,,	62 3/8	249 500
HONDURAS Lavado bom	N/cot.	(x) 69 00	N/cot.	N/cot.	(x) 67 1/2	68 1/4	136 500
Tipo 5 — comum duro	,,	N/cot.	,,	,,	N/cot.	—	—
JAMAICA Lavado	—	—	—	—	—	—	—
Comum bom	—	—	—	—	—	—	—

COTAÇÃO DO CAFÉ EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS — (Em cents. por libra (peso) 453,60)

DEZEMBRO DE 1954

PROCEDÊNCIA	DIAS						
	2	8	15	22	29	MÉDIA	SOMA
MÉXICO Coatepec	6) 71 00	(x) 70 00	(-) 70 00	6(x) 68 1/4	6) 68 00	69 29/64	347 250
Tapachula	6) 70 1/2	(-) 69 1/2	(-) 69 1/2	6(x) 67 1/4	6) 67 00	68 3/4	343 750
NICARÁGUA Matagalpa	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—	—
Lavado primeira	"	"	"	"	"	—	—
EL SALVADOR Lavado primeira	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—	—
Não Lavado	"	"	"	"	"	—	—
S. DOMINGOS Lavado bom mole	6) 70 00	(-) 68 1/4	(-) 69 00	6(-) 69 00	6) 69 00	69 3/64	345 250
Fino	6) 70 1/2	(-) 68 3/4	(-) 69 1/2	6(-) 69 1/2	6) 69 1/2	69 35/64	347 750
VENEZUELA Maracaíbo	6) 71 00	(-) 70 1/2	(-) 69 1/2	6(-) 69 1/2	6) 69 1/2	70 00	350 000
CONGO BELGA Lavado robusta	6) 69 00	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	69 00	69 000
Natural robusta	N/cot.	(-) 49 00	"	"	6) 49 00	49 00	98 000
MOKA	N/cot.	N/cot.	(-)6) 71 1/2	6(-) 71 00	6) 71 00	71 11/64	213 500
N.E.I. Genuino Java Lavado	6)-) 78 00	(-) 79 00	(-)6) 79 00	6(-) 79 00	6) 79 00	78 51/64	394 000
UGANDA Lavado	6)-) 49 00	(-) 49 00	(-)6) 48 00	6(-) 48 00	6) 48 1/4	48 29/64	242 250

INDICAÇÕES: — 1.º) C. É F. — U.S.A. (Nova York)
2.º) Desembarcado à vista líquido
3.º) Disponível
4.º) F. O. B. Nova York
5.º) F. O. B. Pais de Procedência
6.º) Nominal
(-) Disponível
(x) Embarque em Dezembro.

Câmbio em Nova York sôbre diversas praças

DEZEMBRO DE 1954

(Valor das diversas moedas em dolar)

DIA	Londres £	Montreal $	Rio de Janeiro Cr$	B. Aires Peso	Montevideo Peso	Paris Franco	Berna Franco	Stockolmo Corôa	Madrid Peseta	Lisbôa Escudo	Bélgica Franco	Amsterdam Guilder	Brasil Cr$ Oficial
1	2.78 13/16	1.03 1/8	0.01.37	0.07.25	0.31.00	0.0028 5/8	0.23.34	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0200.00	0.26.33	0.05.50
2	2.78 9/16	1.03 3/32	0.01.36	0.07.25	0.31.00	0.0028 5/8	0.23.34	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0200 1/8	0.26.33	0.05.50
3	2.78 13/16	1.03 1/4	0.01.37	0.07.25	0.31.12	0.0028 5/8	0.23.34	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0200 00	0.26.34	0.05.50
6	2.78 15/16	1.03 1/4	0.01.35	0.07.25	0.31.00	0.0028 5/8	0.23.34	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0199 3/4	0.26.34	0.05.50
7	2.79 1/8	1.03 9/32	0.01.35	0.07.25	0.30.87	0.0028 5/8	0.23.34 1/2	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0199 7/8	0.26.33	0.05.50
8	2.79 3/16	1.03 1/4	0.01.35	0.07.25	0.31.25	0.0028 5/8	0.23.34 1/2	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0199 7/8	0.26.34	0.05.50
9	2.78 15/16	1.03 5/16	0.01.33	0.07.25	0.31.25	0.0028 5/8	0.23.34 1/2	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0199 3/4	0.26.33	0.05.50
10	2.79 00	1.03 11/32	0.01.32	0.07.25	0.31.25	0.0028 5/8	0.23.34 1/2	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0199 1/2	0.26.32	0.05.50
13	2.79 1/16	1.03 11/32	0.01.34	0.07.25	0.31.25	0.0028 5/8	0.23.34 1/2	0.19.35	0.02.36	0.03.60	0.0199 3/8	0.26.32	0.05.50
14	2.79 1/16	1.03 11/32	0.01.31	0.07.25	0.31.40	0.0028 5/8	0.23.34 1/2	0.19.35	0.02.36	0.06.50	0.0199 1/2	0.26.36	0.05.50
15	2.78 13/16	1.03 3/8	0.01.31	0.07.25	0.31.40	0.0028 5/8	0.23.34	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0199 3/4	0.26.37	0.05.50
16	2.78 13/16	1.03 3/8	0.01.30	0.07.25	0.31.40	0.0028 9/16	0.23.34	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0199 1/2	0.26.37	0.05.50
17	2.78 11/16	1.03 13/32	0.01.30	0.07.25	0.31.40	0.0028 5/8	0.23.34	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0199 1/2	0.26.40	0.05.50
20	2.78 3/4	1.03 3/8	0.01.33	0.07.25	0.31.50	0.0028 5/8	0.23.34	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0199 1/2	0.26.41	0.05.50
21	2.78 15/16	1.03 7/32	0.01.31	0.07.25	0.31.50	0.0028 5/8	0.23.34	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0199 1/2	0.26.43	0.05.50
22	2.78 13/16	1.03 13/32	0.01.52	0.07.25	0.31.50	0.0028 5/8	0.23.34 1/2	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0199 1/2	0.26.43	0.05.50
23	2.78 5/8	1.03 11/32	0.01.33	0.07.25	0.31.50	0.0028 5/8	0.23.34	0.19.35	0.02.36	0.05.50	0.0199 1/2	0.26.42	0.05.50
24	2.78 5/8	1.03 3/8	0.01.33	0.07.25	0.31.50	0.0028 5/8	0.23.34	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0199 5/8	0.26.42	0.05.50
27	2.78 3/4	1.03 13/32	0.01.33	0.07.25	0.31.50	0.0028 5/8	0.23.34	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0200 00	0.26.42	0.05.50
28	2.78 3/4	1.03 13/32	0.01.36	0.07.25	0.31.50	0.0028 5/8	0.23.34 1/2	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0200 00	0.26.38	0.05.50
29	2.78 3/4	1.03 7/16	0.01.36	0.07.25	0.31.50	0.0028 5/8	0.23.34 1/2	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0200 00	0.26.38	0.05.50
30	2.78 5/8	1.03 7/16	0.01.36	0.07.25	0.31.50	0.0028 5/8	0.23.34 1/2	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0200 00	0.26.38	0.05.50
31	2.78 9/16	1.03 17/32	0.01.33	0.07.25	0.31.50	0.0028 5/8	0.23.34 1/2	0.19.35	0.02.36	0.03.50	0.0200 00	0.26.38	0.05.50
Média	**2.78 53/64**	**1.03 21/64**	**0.01.34**	**0.07.25**	**0.31.33**	**0.0028 5/8**	**0.23.34 15/64**	**0.19.35**	**0.02.36**	**0.03.50**	**0.0199 3/4**	**0.26.37**	**0.05.50**

Movimento de café em Santos

SAFRA 1954/55

MÊSES	ENTRADAS						MOVIMENTO					
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Matogrossense	Total	Embarques	Despachos	Retirado do estoque	Revertido ao estoque	Encontrado a mais na verf. do estoque	Existência
Julho	195.789	4.122	1.635	500	—	202.046	319.501	311.613	53.617	—	89.826	2.366.686
Agôsto	375.929	6.601	4.330	5.200	—	392.060	203.284	207.299	59.658	—	—	2.495.804
Setembro........	396.964	11.784	13.873	7.078	—	429.699	381.079	419.271	1.985	—	—	2.542.439
Outubro.........	523.791	23.186	3.695	17.449	1.000	569.121	360.822	359.243	60.081	—	—	2.690.657
Novembro	575.000	21.072	3.489	14.505	435	614.501	810.985	773.970	89.249	—	—	2.404.924
Dezembro	625.014	34.099	18.023	8.832	550	686.518	565.101	553.397	101.418	—	—	2.424.923

Cotações de café a têrmo em Nova York

(EM CENTS. POR LIBRA (PESO) 453,60 CONTRATO "S"

DEZEMBRO DE 1954

DIA	DEZEMBRO		MARÇO		MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMB. 1955	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	67 25	68 00	60 75	62 50	56 80	58 50	52 55	54 50	50 85	52 45	50 50	N cot.
2	68 20	68 15	62 30	62 45	58 40	58 50	55 00	54 65	52 95	52 50	50 00	50 80
3	68 00	67 60	62 25	61 91	57 95	57 90	54 50	54 10	52 25	51 89	50 75	50 05
6	68 00	67 05	61 30	61 15	57 40	57 20	n/cot.	53 62	51 50	51 42	49 75	49 42
7	67 40	67 95	61 05	62 30	57 20	58 32	53 70	54 60	51 50	52 35	49 24	49 99
8	68 15	68 50	62 00	62 85	57 84	58 75	54 15	55 10	52 20	52 80	49 89	50 60
9	69 00	67 90	63 35	62 55	59 05	48 45	55 35	54 75	53 35	52 40	50 95	50 05
10	68 30	67 50	63 05	62 10	58 70	58 10	54 75	54 20	52 60	51 95	50 10	49 60
13	67 25	68 60	62 00	62 95	57 85	58 55	54 20	54 90	51 60	52 65	50 00	50 15
14	68 80	68 15	63 10	62 50	59 50	58 10	55 15	54 30	52 95	52 02	51 00	49 75
15	68 30	68 26	62 50	62 42	58 05	57 96	54 43	54 26	52 25	51 97	n/cot.	49 65
16	68 75	68 25	62 40	62 45	58 25	58 10	54 20	54 20	51 80	51 80	49 30	49 50
17	68 50	68 65	62 65	62 92	58 15	58 42	54 60	54 50	52 30	51 95	49 75	49 70
20	68 65	67 90	62 95	62 39	58 80	57 70	n/cot.	53 75	51 75	51 40	49 70	49 00
21	68 25	67 60	62 00	62 20	57 60	57 85	n/cot.	53 70	51 25	51 35	48 95	48 95
22	67 90	68 20	62 50	63 10	58 30	58 60	54 50	54 55	n/cot.	51 85	n/cot.	49 30
23	68 00	68 20	63 15	63 76	58 65	59 39	54 70	55 20	52 01	52 45	49 50	50 30
27	—		63 90	64 38	59 65	60 20	55 75	55 75	n/cot.	53 11	50 43	50 75
28	—		64 45	64 14	60 20	60 01	55 75	55 40	53 00	52 45	50 55	50 00
29	—	—	63 85	63 96	59 85	59 95	55 03	54 85	52 25	51 96	49 80	49 58
30	—	—	63 80	62 60	59 70	58 56	54 65	53 66	51 90	51 02	49 45	48 70
31	—	—	63 20	62 75	59 10	58 75	54 10	53 85	51 40	50 93	49 30	48 80
Média	68 16	68 03	62 66	62 74	58 50	58 54	54 58	54 47	52 08	52 03	49 95	51 52

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

I — MERCADO LIVRE — VENDAS Á VISTA

DEZEMBRO DE 1954

DIA	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa	Holanda Florim
1	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.83.57	n/cot.	3.64.02	4.94.97
2	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.82.66	,, ,,	3.64.02	--
3	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.82.66	,, ,,	3.64.02	4.95.15
4	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.83.11	,, ,,	3.64.02	4.95.34
6	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.83.11	,, ,,	3.64.02	—
7	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.89.05	,, ,,	3.64.02	—
9	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.89.05	,, ,,	3.64.02	—
10	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	4.90.89	,, ,,	3.64.02	4.95.15
11	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.91.82	,, ,,	3.64.02	4.94.97
13	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.91.82	,, ,,	3.64.02	—
14	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.91.82	,, ,,	3.64.02	—
15	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.91.82	,, ,,	4.64.02	4.95.42
16	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.91.82	,, ,,	3.64.02	--
17	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.91.82	,, ,,	3.64.02	4.95.91
18	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.90.89	,, ,,	3.64.02	4.96.28
20	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.90.89	,, ,,	3.64.02	—
21	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.66.07	1.35.20	5.91.82	,, ,,	3.64.02	4.96.66
22	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.91.82	,, ,,	3.64.02	4.96.47
23	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.91.82	,, ,,	3.64.02	--
24	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.91.82	,, ,,	3.64.02	4.96.85
27	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.91.82	,, ,,	3.64.02	—
28	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.91.82	,, ,,	3.64.02	—
29	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.91.82	,, ,,	3.64.02	4.96.10
30	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.91.82	,, ,,	3.64.02	--
31	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.95.57	,, ,,	3.64.02	-
Média	52.69.60	18.72.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.89.88	—	3.64.02	4.95.77

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

DEZEMBRO DE 1954

DIA	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa	Holanda Florim
1	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.61.47	n/cot.	3.55.13	4.82.87
2	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.60.61	,, ,,	3.55.13	—
3	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.60.61	,, ,,	3.55.13	4.83.05
4	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.61.04	,, ,,	3.55.13	4.83.24
6	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.61.04	,, ,,	3.55.13	—
7	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.66.67	,, ,,	3.55.13	—
9	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.66.67	,, ,,	3.55.13	—
10	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.68.42	,, ,,	3.55.13	4.83.05
11	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.69.30	,, ,,	3.55.13	4.82.87
13	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.69.30	,, ,,	3.55.13	—
14	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.69.30	,, ,,	3.55.13	—
15	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.69.30	,, ,,	3.55.13	4.83.60
16	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.69.30	,, ,,	3.55.13	—
17	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.69.30	,, ,,	3.55.13	4.83.79
18	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.68.42	,, ,,	3.35.13	4.84.15
20	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	6.68.42	,, ,,	3.55.13	—
21	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.69.30	,, ,,	3.55.13	4.84.52
22	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.69.30	,, ,,	3.55.13	4.84.31
23	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.69.30	,, ,,	3.55.13	—
24	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.69.30	,, ,,	3.55.13	4.84.70
27	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.69.30	,, ,,	3.55.13	—
28	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.69.30	,, ,,	3.55.13	—
29	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.69.30	,, ,,	3.55.13	4.83.97
30	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.69.30	,, ,,	3.55.13	—
31	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	1.31.61	5.72.85	,, ,,	3.55.13	—
Média	**51.40.80**	**18.36.00**	**4.28.34**	**0.63.28**	**1.31.61**	**5.67.46**	—	**3.55.13**	**4.83.68**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de Câmbio Oficial, afixadas pela Bolsa Oficial de Valores, durante o mês de DEZEMBRO de 1954.

DIA	Inglaterra	Canadá	Estados Unidos	Uruguai	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Bélgica	França
1	52,6960	—	18,82	5,6516	4,4187	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
2	52,6960	—	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
3	52,6960	18,82	18,82	—	4,4258	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
4	52,6960	—	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
6	52,6960	—	18,82	—	—	3,6402	—	—	—	0,0538
7	52,6960	—	18,82	—	4,4263	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
9	52,6960	—	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
10	52,6960	—	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
11	52,6960	—	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
13	52,6960	—	18,82	—	4,4278	—	—	—	0,3799	0,0538
14	52,6960	—	18,82	—	4,4250	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
15	52,6960	—	18,82	—	4,4013	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
16	52,6960	—	18,82	—	4,4013	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
17	52,6960	—	18,82	—	4,4131	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
18	52,6960	—	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
20	52,6960	—	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
21	52,6960	—	18,82	—	4,4240	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
22	52,6960	—	18,82	—	4,4259	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
23	52,6960	—	18,82	—	4,4165	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
24	52,6960	—	18,82	—	—	3,6402	—	—	—	0,0538
27	—	—	—	—	—	3,6402	—	—	—	—
28	52,6960	—	18,82	5,9182	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
29	52,6960	—	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
30	52,6960	—	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
Média	52,6960	18,82	18,82	5,7849	4,4212	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538

Índice

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

A V I S O

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escalas limitadas, aos interessados.

São as seguintes:

"Expurgo de sementes de café infestadas pela broca do café" — J. Bergamin

"Culturas Acessórias na fazenda de Café — Feijão Soja" — N. A. Neme

"Culturas Acessórias na fazenda de café — O milho" — G. P. Viegas

"Técnica das Adubações" — A Menezes Sobrinho

"O Cheiro do Mato" — Adalberto de Queiroz Teles Jr.

"S/ um método microscópico p/ contagem de cascas no café em pó" — J. B. Ferraz de Menezes Jr. e Bento A. de Almeida Bicudo

"Culturas Acessórias na fazenda de café — Arroz — alimento básico tropical" — H. S. Miranda

"A Broca do Café" — J. Bergamin

"Culturas subsidiárias na fazenda de café — A Mandioca" — Edgar S. Normanha.

CAFÉ

SANTOS